

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Sara Alves Feitosa

**TELEVISÃO E JUVENTUDE SEM TERRA:
MEDIAÇÕES E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO**

Porto Alegre (RS), 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Sara Alves Feitosa

**Televisão e Juventude Sem Terra:
Mediações e Modos de Subjetivação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como requisito parcial Para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora:
Prof^a Dr^a Rosa Maria Bueno Fischer

Porto Alegre, 2007

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F311t Feitosa, Sara Alves

Televisão e juventude Sem Terra : mediações e modos de subjetivação / Sara Alves Feitosa. Porto Alegre : UFRGS, 2007.
171f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006, Porto Alegre, BR-RS. Orientadora: Rosa Maria Bueno Fischer.

1. Pedagogia - Mídia. 2. Televisão - Educação. 3. Subjetividade - Juventude - Cotidiano - Movimento dos Sem Terra. 4. Foucault, Michael. 5. Martin-Barbero, Jesús. I. Fischer, Rosa Maria Bueno, orient. II. Título.

CDU : **37:316.77**

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes - CRB 10/939

Sara Alves Feitosa

**Televisão e Juventude Sem Terra:
Mediações e Modos de Subjetivação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Como requisito parcial Para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Rosa Maria Bueno Fischer

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Ana Carolina Escosteguy (FAMECOS/PUC-RS)

Prof^a Dr^a Eliane Brenneisen (UNIOESTE/PR)

Prof^a Dr^a Margereth Schäffer (FACED/UFRGS)

*Para o Beto e a Anatterra,
simplesmente porque os amo.*

Agradecer,

Esta é a hora de parar, pensar e dizer meu muito obrigado a todas as pessoas que de algum modo contribuíram para a realização desta etapa de minha formação acadêmica.

Agradeço a **Rosa**, minha orientadora, pela competência, seriedade e gentileza com que me guiou nesta investigação. Seu conhecimento e paciência foram fundamentais e contribuíram significativamente nas escolhas de autores e conceitos. Seu incentivo, confiança e sensibilidade proporcionaram a coragem necessária para identificar *os perigos a enfrentar*.

Às professoras **Ana Carolina**, **Eliane** e **Margareth** pelas contribuições dada ao meu trabalho, as indicações dos pareceres individuais na qualificação do projeto e bibliografias.

Sou agradecida à minha mãe, **Dona Eufrásia**, por acreditar nas minhas capacidades e encorajar-me o tempo todo, mesmo à distância. Agradeço ainda, o sentimento de orgulho que ela tem por mim e dizer que sou grata pela pessoa que sou hoje, em grande parte fruto da formação dada por ela.

Aos meus irmãos, **Débora**, **Mônica**, **Eliomar**, **Joaquim** e **Edinho** pelo sentimento singular que nos une e que nos faz amigos irmãos.

Ao **Beto**, pela compreensão, incentivo e apoio afetivo. Pelo cuidado e paciência que dispensa a mim, enfim... pelo amor.

A **Anaterra**, minha filha querida, que aceitou sem muitas reclamações o tempo que lhe foi roubado pela dedicação a esta pesquisa. Pela pessoa curiosa que é, sendo uma interlocutora importante na construção das inquietações, dúvidas e questionamentos que foram surgindo ao longo da investigação.

Fabi Silveira, pela força e crédito dado às minhas questões de pesquisa ainda no período da seleção. A **Lu**, amiga querida, pela alegria, entusiasmo e contribuições preciosas a esta pesquisa. Agradeço também pela companhia nos memoráveis almoços no **Mariu's** e pelas aventuras em eventos científicos. À **Suzi**,

pela amizade, disponibilidade e colaboração. Ao **Celso**, pelas belas imagens compartilhadas, um jeito sutil de lembrar que está por perto. A **Fabi Marcello**, pelas indicações de textos, vídeos e alegria constante, grandes contribuições.

Aos meus colegas de grupo **Amadeu, Fernando, Eliane, Carmen, Marcelo, Roselene e Soledad**, pelos debates instigantes das reuniões de orientação e por me proporcionarem a ampliação de horizontes investigativos.

Aos servidores da secretaria do PPGEDU, **Eduardo, Ione, Neuza, Mary, Marisa e Vera** pela atenção dispensada e, presteza com que tiravam minhas dúvidas e atendiam minhas demandas.

A **Elaine**, pelas longas conversas que forneceram pistas sobre os hábitos e costumes que povoam o universo dos jovens do Assentamento. Aos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nova Sociedade, que me acolheram nas salas de aula em seções de observação.

A **Capes** (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior), que tornou possível a dedicação exclusiva ao mestrado.

Por fim, agradeço aos jovens que participaram desta investigação abrindo um pouco de suas vivências cotidianas para as minhas análises. Sem a contribuição deles esta dissertação não aconteceria.

(...) o motivo que me impulsionou é muito simples (...) é só a curiosidade: o único tipo de curiosidade que, de qualquer forma, vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que busca se assimilar ao que convém conhecer, mas a que permite desprender-se de si mesmo.

(...) Há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar de forma diferente da que se pensa e perceber de forma diferente da que se vê é indispensável para continuar a ver ou a refletir.

(FOUCAULT, 2004a, p. 196-197)

RESUMO

Esta dissertação está inserida no cruzamento dos estudos de educação e comunicação. E nasce de pelo menos duas constatações: a primeira, é que a mídia, especialmente a televisão, ocupa em nossa sociedade um *lugar* de constituição de sujeitos; a segunda, é que grande parte dos discursos produzidos na mídia atualmente são endereçados aos jovens. Assim, o presente trabalho questiona sobre: 1) A relação de sujeitos jovens com os discursos televisivos e, pergunta sobre as mediações, os processos de produção de sentidos e re-significação dos ditos da TV sobre juventude entre jovens do meio rural, aqui especificamente, jovens de um Assentamento de Reforma Agrária; 2) Os modos de subjetivação aprendidos na televisão por esses jovens de origem rural, mas que convivem diariamente com as redes de comunicação e tecnologia do mundo contemporâneo. Para empreender este estudo me amparo, por um lado, nos conceitos de *saber, relações de poder e modos de subjetivação* do filósofo francês Michel Foucault; por outro, utilizo-me da teoria do *uso social dos meios* de Jesús Martín-Barbero. Entre as contribuições do trabalho empírico realizado a partir de observações, escrita de diário de campo e 40 entrevistas, com 20 jovens - com idade entre 14 e 24 anos - filhos de assentados moradores do Assentamento Capela (Nova Santa Rita/RS/Brasil), pode-se dizer que os jovens deste Assentamento transitam em um cotidiano híbrido de culturas rurais e urbanas; servem-se dos discursos televisivos para e sobre juventude como ferramentas de constituição de modos de ser jovem, empreendendo novas sociabilidades e afetividades. Um outro aspecto relevante é que o discurso do MST presente no cotidiano familiar e na escola, por exemplo, é importante mediador dos discursos televisivos, propiciando a esses jovens um olhar peculiar sobre os ditos da TV.

Palavras-chave: SEM TERRA; TELEVISÃO; SUBJETIVAÇÃO; JUVENTUDE.

RESUME

Cette recherche se place au croisement des études de l'éducation et de la communication. Cela se doit, du moins, à deux constatations: la première, c'est que les médias, plus particulièrement la télévision, fonctionnent, dans notre société, comme un espace de formation de sujets; la deuxième, c'est que la plupart des discours produits aujourd'hui dans les médias, sont adressés aux jeunes. Ainsi, cette étude a affaire aux questions suivantes: 1) Le rapport de jeunes sujets avec les discours télévisés et se pose, en même temps, des questions concernant les médiations; les processus de production de sens et de re-signification des « dits » de la Télé sur la jeunesse du milieu rural, plus particulièrement sur les jeunes d'un « Assentamento » de Réforme Agraire ; 2) Les modes de subjectivation appris à la télé par ces jeunes, issus du milieu rural, mais qui sont constamment en contact avec les réseaux de communication et de technologie du monde contemporain. Pour entreprendre cette recherche, j'ai fait appel, d'une part, aux concepts de savoir, aux rapports de pouvoir et aux modes de subjectivation développés par le philosophe français Michel Foucault ; d'autre part, je me suis appuyée sur la théorie de l'usage social des moyens, de Jésus Martín-Barbero ; Parmi les contributions du travail empirique réalisé à partir d'observations ; d'un journal élaboré sur place, à partir de la réalité observée et de 40 interviews auprès de 20 jeunes, entre 14 et 24 ans, tous enfants de travailleurs ruraux bénéficiaires de la Réforme Agraire (Assentamento Capela/Nova Santa Rita/RS/Brasil), on cite celle où l'on constate que ces jeunes circulent dans un quotidien hybride, de cultures rurales et urbaines ; Ils se servent des discours télévisés sur la jeunesse et pour celle-ci, pour en faire des outils qui fabriqueront des « façons d'être jeune », en entreprenant de nouvelles sociabilités et de nouvelles affectivités. Un autre aspect à souligner c'est que le discours du MST (Mouvement des Sans-Terre) véhiculé au jour le jour, aussi bien en famille qu'à l'école, par exemple, se trouve être un important médiateur des discours télévisés, ce qui procure à tous ces jeunes un regard singulier sur les « dits » de la Télé.

Mots-clé : SANS-TERRE ; TELEVISION ; SUBJECTIVACION ; JEUNESSE.

SUMÁRIO

Apresentação	13
PRIMEIRA PARTE - DO TEMA, OBJETIVOS E CONCEITOS	
1. Sobre juventude	18
1.1 Como surge o interesse de investigar jovens do MST	23
1.2 A carência de estudos	24
1.3 Juventude: mais precisamente juventudes	28
1.4 Juventude rural, a difícil definição	30
2. Modos de subjetivação, cultura e produção do sujeito	36
A - SUJEITO E MEDIAÇÕES	36
2.1 Como o sujeito se constitui historicamente?.....	38
2.2 Governo de si e subjetivação	42
2.3 Recepção e mediações: o contexto na produção de sentidos	47
2.3.1 A matriz barberiana: Uso social dos meios	49
2.3.2 Enfoque integral da audiência: a contribuição de Guillermo Orozco ..	56
B - TELEVISÃO, DISCURSOS E SUBJETIVAÇÃO	63
2.4 Falando de televisão	63
2.4.1 A centralidade da TV na cultura brasileira	66
2.4.2 Televisão: do dispositivo pedagógico e da produção do sujeito	70
2.4.3 O discurso televisivo como modo de subjetivação	75
SEGUNDA PARTE - SUJEITOS DA PESQUISA:INSERÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA	
3. <i>LOCUS</i> , SOCIABILIDADES	81
A - Assentamento Capela: a paisagem da pesquisa	81
3.1 Heterogeneidade e espaço social	84
3.2 O ecológico como nicho de mercado	86
3.3 O turismo e a sociabilidade cotidiana	88
3.4 O borramento das fronteiras urbano/rural	91
B - MST: HISTÓRIA, TENSÕES E MÍDIA	96
3.5 Antecedentes e gênese do MST	97
3.5.1 Leituras sobre a história do MST	99
3.6 Como o meio rural aparece na mídia	105
3.6.1 O MST na mídia	106
C - JOVENS DE UM ASSENTAMENTO	112
3.7 Os caminhos da pesquisa	112
3.7.1 Os sujeitos da pesquisa	115
TERCEIRA PARTE - JUVENTUDE SEM TERRA: MEDIAÇÕES E MODOS APRENDIDOS DE SER JOVEM NA TV	
4. Mediações, produção de sentidos e subjetivação	124
4.1 Um cotidiano híbrido entre campo e cidade	126
4.2 Recepção, mediação e produção de sujeitos	132

4.2.1 A TV no cotidiano	133
4.2.2 O discurso do MST como mediação	135
4.3 Controlar-se, avaliar-se, narrar-se: modos de ser sujeito aprendidos na TV	141
4.3.1 Narrar-se, ou: como os jovens se expressam para o mundo	151
Considerações finais: Por que estudar as formas de construção do sujeito na contemporaneidade?	156
Bibliografia	163

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação está inserida no cruzamento dos estudos de educação e comunicação. E nasce de pelo menos duas constatações: a primeira, é que a mídia, especificamente a televisão ocupa em nossa sociedade um *lugar* de constituição de sujeitos; a segunda, é que grande parte dos discursos produzidos na mídia atualmente são endereçados aos jovens. E o entendimento do que venha a ser jovem em nosso tempo é cada vez mais elástico.

No caso do Brasil, talvez ser a quinta população juvenil do mundo dê pistas sobre como os 34 milhões de brasileiros na faixa etária de 15 a 24 anos se tornaram alvos de uma série de estratégias voltadas exclusivamente para eles. Ações que vão desde o *marketing* publicitário, mídia, indústria de consumo, lazer e políticas públicas.

A criação em 2005 da Secretaria Nacional de Juventude, ligada ao gabinete da Presidência da República; a instituição do Conselho Nacional de Juventude, no mesmo ano; o investimento em programas de qualificação profissional viabilizado pela expansão da rede de escolas técnicas federais; ampliação do acesso à universidade a partir da implementação de linhas de créditos, instituição de cotas e programas de bolsas de estudos – como o Pró-uni – são ações governamentais decorrentes de um entendimento que toma corpo no meio acadêmico, nas organizações do terceiro setor e na esfera governamental, ou seja, de que *os jovens têm de ser considerados como sujeitos de direito*. Assim, cresce a demanda por estudos que privilegiem os diferentes aspectos das realidades das juventudes do Brasil.

Esta pesquisa questiona sobre a relação de sujeitos jovens com os discursos televisivos e, pergunta sobre as mediações, os processos de produção de sentidos e *re-significação* dos ditos da TV sobre juventude entre um setor ainda pouco investigado: jovens do meio rural, aqui especificamente, jovens de um Assentamento de Reforma Agrária. Preocupa-se ainda, sobre os modos de subjetivação aprendidos na televisão por esses jovens de origem rural, mas que

convivem diariamente com as redes de comunicação, tecnologia e um certo estilo urbano, ou global de viver.

É relevante informar que esta pesquisa ocorre em um período fértil de discussões dentro do Movimento Sem Terra sobre a juventude nos Assentamentos, sua escolarização e profissionalização. Se até bem pouco tempo os jovens não faziam parte das preocupações do MST, esse fato tem mudado nos últimos anos. A juventude Sem Terra tem ocupado cada vez mais espaço nas discussões e pautas de reivindicações do movimento, especialmente no que diz respeito à educação formal. No que se refere a aspectos mais localizados, de âmbito familiar, a emergência de uma faixa de população jovem têm levado para os lares de assentamentos discussões referentes à escolha profissional, sexualidade e, culturas urbana e rural.

Para empreender este estudo me amparo, por um lado, nos conceitos de saber, relações de poder e modos de subjetivação do filósofo francês Michel Foucault; por outro, utilizo-me da teoria do uso social dos meios de Jesús Martín-Barbero. Outros autores que me auxiliam nesta investida são Jorge Larrosa, Rosa Maria Bueno Fischer, Eugênio Bucci, Guillermo Orozco e Itania Gomes.

O trabalho está organizado em três partes: a primeira discorre sobre o tema, os objetivos e os conceitos que utilizo. A segunda se refere aos sujeitos da pesquisa e o *locus* da investigação. E por fim, a terceira apresenta a análise da investigação.

No primeiro capítulo intitulado *Sobre juventude* discuto o conceito de juventude, a dificuldade de definir juventude rural e apresento alguns trabalhos que têm essa faixa da população como tema prioritário. Isso se faz necessário como forma de dialogar com as diversas definições de juventude existente no campo acadêmico, bem como situar este trabalho no campo de estudos sobre juventude e de quais referências me utilizo. É neste capítulo que situo a qual grupo de sujeitos dedico o olhar e apresento os objetivos da pesquisa.

No capítulo dois sob o título *Modos de subjetivação, cultura e produção do sujeito*, faço uma revisão bibliográfica dos conceitos dos quais lanço-mão. Seguindo a pergunta que orientou os últimos trabalhos de Michel Foucault, ou seja, *de que modo nos tornamos sujeitos*, procuro evidenciar as relações entre cultura e modos de

constituição do sujeito contemporâneo. Nesse sentido, discuto a centralidade da televisão na sociedade brasileira e de que maneira o meio produz, apresenta e dissemina modos de ser em nossa cultura. É ainda neste capítulo, que reviso os trabalhos de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco, explicitando o uso da teoria das mediações neste trabalho.

A intenção é evidenciar que embora compreenda a TV como um lugar de produção, prescrição de normas e modos de estar na sociedade, isto não significa que a compreenda com superpoderes de determinar os sentidos de nossas vidas. Assim, a investigação sobre as mediações estabelecidas no processo de ver e resignificar os discursos para e sobre juventude entre os jovens do Assentamento é importante para compreender o olhar peculiar destes sobre os discursos. Olhar esse que, por vezes, repete ditos televisivos como seus e em outros momentos elabora a crítica do meio.

No terceiro capítulo, já na segunda parte do trabalho, dedico atenção a apresentar a *paisagem da pesquisa*, o lugar de que se fala nessa dissertação. Trato ali de descrever o contexto sociocultural e histórico em que se formam os sujeitos da pesquisa. Assim, faço breves relações entre as questões de sociabilidades, pluralidade das atividades produtivas (pluriatividade) e o borramento das fronteiras urbano rural característicos da localidade. Neste capítulo, a partir de autores como Roseli Caldart, Bernardo Fernandes e Zander Navarro, faço três leituras sobre a história do MST, como forma de evidenciar as tensões e debates que permeiam o cotidiano de um assentamento ligado a este movimento social. É ainda no terceiro capítulo que apresento os sujeitos da pesquisa e, a metodologia adotada. O *corpus* de análise é composto por 40 entrevistas, realizadas em dois momentos diferentes da investigação, com 20 jovens com idade entre 14 e 24 anos, moradores do Assentamento Capela e, filhos de assentados ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Além de observações e anotações de diário de campo.

A terceira parte, intitulada *juventude Sem Terra: mediações e modos aprendidos de ser jovem na TV* constitui a análise da pesquisa. Entre as conclusões a que cheguei

estão a constatação de um cotidiano híbrido de culturas urbanas e rural destes jovens; que eles se servem dos discursos televisivos para e sobre juventude como ingrediente de constituição de modos de ser jovem. Observa-se ainda que o discurso do MST, presente especialmente na família e na escola, é importante mediador dos discursos televisivos propiciando a esses jovens um olhar peculiar sobre esses discursos. Por outro lado, a condição juvenil e a importância que esse fato tem em nossa sociedade juntamente com todo o apelo da indústria cultura e de consumo, funciona, por sua vez, como mediadores dos discursos do MST na vida desses jovens. Assim, eles se servem dos discursos da mídia e do MST compondo a partir daí outros sentidos.

Por fim, nas *Considerações finais*, questiono *Por que estudar as formas de construção do sujeito na contemporaneidade*. Além de destacar algumas das questões de análise, retomo discussões desenvolvidas neste trabalho, com o objetivo de discutir as relações mídia e educação e de como podemos pensar uma convivência entre as prescrições e modos de ser jovem presentes no discurso televisivo e as experiências de negociação, produção de sentido e resistência empreendida cotidianamente pelos jovens do Assentamento Capela em relação a esses mesmos discursos.

**PRIMEIRA PARTE:
DO TEMA, OBJETIVOS E CONCEITOS**

1- SOBRE JUVENTUDE

Já se disse que juventude é apenas uma palavra (Bourdieu, 1983)¹. Ou, ao contrário, é mais que uma palavra (Margulis, 1998)². Nos últimos anos, tem crescido o interesse investigativo por essa faixa da população que, para alguns, não passa de um ciclo, uma transição para a vida adulta, mas que toma novas conformações em nossa sociedade. Juventude é uma daquelas palavras que suscita uma variedade de sensações que oscilam entre as reclamações costumeiras como: “estes jovens de hoje não querem nada”, ou esperanças entusiastas que depositam nela um papel protagonista de mudanças vindouras. Se, na década de 1920, o Brasil era uma paisagem de velhos, como relata Nelson Rodrigues³ em uma crônica sobre sua infância na Rua Alegre, a paisagem do País nos primeiros anos do século XXI é bem diferente. Se na infância do escritor, homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva e reprodutiva, e sonhavam com o momento em que finalmente fossem admitidos no mundo dos adultos, hoje todos indiscutivelmente desejam ser jovens.

Os jovens têm sido tema de alta exposição na mídia, especialmente na televisão e na publicidade. Podemos rapidamente enumerar uma dezena de programas televisivos, cujo alvo preferencial são os jovens. Talvez a estrela maior desta constelação de produtos midiáticos direcionados à juventude seja a novela vespertina *Malhação*⁴, mas a lista é grande: *Patrola*⁵, *Caldeirão do Huck*⁶, *Rebelde*⁷, toda

¹ Em uma entrevista, intitulada *Juventude é apenas uma palavra*, Pierre Bourdieu critica a representação da juventude como correspondendo a um segmento etário homogêneo, marcado por um mesmo limiar de idade biológica. Na prática, acusou Bourdieu, a juventude não existe. O que existe são os jovens. E com isso pretendia contribuir para uma percepção da heterogeneidade que caracteriza a população juvenil.

² No artigo *La juventud es más que una palabra* (1997), Mario Margulis e Marcelo Urresti, inspirados na provocação de Bourdieu (1983) são enfáticos ao afirmar: a juventude é um signo, porém não é somente um signo. Segundo os autores, a concepção de Bourdieu privilegia a dimensão simbólica, que é importante para toda categoria social, mas que há outras dimensões a serem analisadas, quando o assunto é juventude ou culturas juvenis.

³ RODRIGUES, Nelson. Só os idiotas respeitam Shakespeare, In: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 158.

⁴ *Malhação*, novela exibida há dez anos, de segunda a sexta, das 17:30 às 18:00, na TV Globo. Tem como tema central o cotidiano juvenil numa academia de ginástica ou numa escola.

a grade de programação da MTV, enfim, há uma variedade de formatos e estilos com objetivo de atingir a diversidade do público. Juventude está presente nos discursos televisivos, mas também nas pautas políticas, embora ainda permaneça uma grande indeterminação a respeito do que, afinal de contas, o termo designa.

Juventude, embora esteja na moda, é difícil de definir. Helena Wendel Abramo (2005, p. 37) alerta que “muito do que se escreve na academia sobre juventude é para alertar para os deslizes, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra”. Há diferentes ângulos de abordagem do tema, os recortes são diversos, sendo comum na bibliografia muitos autores optarem por falar de juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social.

A juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade: é a fase da vida em que se inicia a busca dessa autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação (GALLAND, 1996; SINALLY, 2000, apud SPOSITO, 2005, p. 89).

A idéia de condição juvenil remete, em primeiro plano, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação ou de transição como diz a noção clássica, entre a infância, época de dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, o ápice do desenvolvimento, que, em nossa sociedade, está relacionado a tornar-se capaz de exercer atividades produtivas, de reprodução e de participação social. Inúmeros autores (Abramo, 2005; Margulis, 1998; Ribeiro, 2004, dentre outros) alertam que os conteúdos, a duração e a significação social dos atributos das fases da vida são, cultural e historicamente, constituídos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada.

⁵ Programa produzido pela RBSTV do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Exibido aos sábados na rede regional e para todo Brasil pelo canal a cabo Multishow.

⁶ Programa de auditório, exibido aos sábados à tarde, na Rede Globo. Apresenta gincanas, *reality shows* como “Acorrentados”, intimidades de celebridades e atrações musicais.

⁷ Novela mexicana exibida pelo SBT, às 19h30, de segunda a sábado. A trama se passa na Elite Way School, um colégio particular de prestígio internacional, onde adolescentes de classe alta estudam em regime de internato.

A noção de juventude vigente no pensamento sociológico contemporâneo tem sua origem, na sociedade moderna ocidental, na experiência dos jovens burgueses, que se impôs como padrão do que é ser jovem, em detrimento de outros modos de ser jovem, vivenciados em épocas anteriores⁸. A condição juvenil como a entendemos atualmente tem forte relação com a instituição da escola, como relata Schindler (1996, p. 269), citando Philippe Ariès: “na sociedade dos séculos XVI e XVII ainda não se traçava uma demarcação nítida entre infância e juventude e ainda não se tinha uma noção precisa daquilo que chamamos adolescência”. O autor afirma que, somente com a obrigatoriedade da frequência à escola, no início do século XIX, passou-se a adotar o corte dos catorze anos, que estabelece uma clara demarcação entre infância e juventude, no momento da conclusão dos estudos, início da aprendizagem e ingresso no mundo do trabalho. A condição juvenil passa, então, a estar relacionada à possibilidade de o jovem burguês livrar-se, mesmo que temporariamente, das obrigações do trabalho, por um lado, para retardar a inserção no mundo produtivo e, por outro, para dedicar-se ao estudo numa instituição escolar, como explica Abramo (2005, p. 41). Essa segunda etapa de socialização produz um deslocamento entre as capacidades físicas de produção, reprodução, maturidade emocional e social para a sua realização. A noção moderna de juventude acabou aparecendo como um período de transição, de ambigüidade, de tensão potencial, de moratória⁹.

Esse período de moratória, é bom que se lembre, é uma experiência restrita aos filhos de classes altas e médias. Nas camadas mais pobres, não era incomum, como relata Schindler (1996, p. 271), que crianças de dez ou doze anos trabalhassem. Os filhos dos camponeses e dos artesãos, desde cedo, eram iniciados no trabalho dos pais, assumindo tarefas de responsabilidade cada vez maiores. A

⁸ Ver coletânea *História dos Jovens*, organizado por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, Companhia das Letras, 1996, especialmente os artigos: *Ser jovem na Aldeia*, de Daniel Fabre, V. 2, p.49-81; *A imagem dos jovens na cidade grega*, Alain Schnapp, V.1, p.19-57; *Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna*, Norbert Schindler, V. 1, p. 265- 324.

⁹ Termo cunhado por Erikson (1986), entendido como esse adiamento dos deveres e direitos dos indivíduos que deixaram de ser crianças mas ainda não estão plenamente inseridos na produção (trabalho), reprodução (ter a própria família) e participação política. A moratória seria um tempo para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões da cidadania.

constatação desse quadro diverso consolidou uma certa tensão entre vertentes do pensamento. Por um lado, análises que privilegiam a posição na estrutura socioeconômica e que afirmam ser a noção juvenil destituída de significação social. Por outro, as que focam o plano simbólico, com a idéia de uma condição juvenil referida a uma fase da vida, podendo chegar, no limite, a considerar a juventude como mero signo, uma construção cultural relativamente desvinculada das condições materiais e históricas.

Segundo Marília Sposito (2003), tal tensão pode ser pensada, pela distinção entre **condição** e **situação** juvenil. A autora, no livro *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*, explica que a **condição** refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórica geracional. Já **situação** revela o modo como tal condição é vivida nos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Margulis (1998, p. 17) lembra que, embora a juventude, como categoria socialmente constituída, possua uma dimensão simbólica, tem que ser analisada em outras dimensões, ou seja, “aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nas quais toda produção social se desenvolve”.

No século XX, principalmente após a II Grande Guerra, como aponta Edgar Morin (1986), no rastro de mudanças socioeconômicas, no mundo do trabalho e no campo dos direitos, com a coibição do trabalho infantil, a extensão da escolarização e da cultura, constituindo a juventude como um valor, uma imagem valorizada, a condição juvenil teve sua significação ampliada. É certo que, desde a Revolução Francesa, como anuncia Renato Janine Ribeiro (2004), ser moço passa a ser algo positivo. Entretanto, é no pós-guerra que “ser jovem” confere um certo prestígio ao sujeito. É também desse movimento de ampliação do sentido dado à condição juvenil que os filhos das classes populares passam a figurar como atores integrantes da juventude. Como explica Abramo (2005, p. 43):

(...) a experiência dos jovens burgueses, que imprimiu o conteúdo da noção moderna de juventude, funciona até hoje como padrão ideal em torno do qual têm sido avaliadas as

possibilidades de outros setores sociais de aceder a esta condição, de 'viver a juventude', como se diz, e também a partir do qual se medem as abreviações, extensões e interrupções da etapa, assim como os desvios e negações de seu conteúdo.

Vários acontecimentos contribuem para uma ampliação do sentido dado à juventude, especialmente na segunda metade do século XX, dentre eles, mudança ou alargamento do período da vida identificado como juventude, dos poucos anos do início da industrialização, passando a durar dez, 15, ou como se aceita em alguns setores atualmente, 20 anos¹⁰. A inclusão no sistema escolar e no universo simbólico de setores populares provocou uma abrangência do fenômeno para vários setores sociais, constituindo-a não apenas como uma experiência dos filhos da burguesia. Abramo (2005, p. 43) conclui que o desfecho desses acontecimentos é que a "vivência da experiência juvenil passou a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta". Essa ampliação de significado da noção juvenil justifica que se fale de juventudes, no plural, como forma de expressar a heterogeneidade, as desigualdades e as diferenças que atravessam esta condição, como sinaliza Abramo (2005).

No presente trabalho, a juventude¹¹ a que se refere é a juventude Sem Terra¹², entre 14 e 24¹³ anos, filhos de assentados ligados ao Movimento dos

¹⁰ Ver o texto FUREDI, Frank. *Não quero ser grande*. Caderno Mais, *Folha de S. Paulo*, 25 de julho de 2004. disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2507200404.htm>.

¹¹ Uso o termo juventude e não adolescente porque adolescência, segundo Sposito (1997:44), como descritor em investigações, em grande parte é caracterizado por abordagens mais próximas das orientações da psicologia, sendo as preocupações centrais investigar as transformações ligadas à biologia, mudanças hormonais e comportamentais, amadurecimento sexual. Aqui a investigação está mais associada a um referencial sociológico que psicológico, daí referir-se à juventude ou culturas juvenis.

¹² Grafar Sem Terra e não sem-terra tem o objetivo de distinção dos participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em relação a outras pessoas do meio rural que não possuem terra, mas não estão organizados no MST. Referir-se a Sem Terra, Sem Terrinha, está relacionado a um aspecto simbólico e de identidade social e não ao fato de ter ou não terra.

¹³ Entre os jovens observados nesta investigação, estes, a partir de 12 anos, já se consideram jovens contrariando o parâmetro utilizado por organismos internacionais como o Unicef, que definem como jovem a faixa etária de 15 a 24 anos. Nota-se que a composição ou definição a partir de que idade se é jovem em nossa sociedade tem um apelo comercial. A publicidade "vende" a idéia que a partir de 10 anos já somos pré-adolescentes e que com 12 anos o menino e a menina passam a ser adolescentes, portanto, jovens. É importante, contudo, esclarecer que tanto no plano nacional e internacional não há um consenso, entre os diversos atores, a partir de que idade um indivíduo seja considerado

Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Esta investigação exige incursões no âmbito da escola e da família, como também nas relações que os jovens tecem com o mundo do trabalho. A família estabelece, pela história de vida e de militância, uma “pré-identidade” para estes jovens, ou seja, jovens Sem Terra, colonos ou filhos de colonos Sem Terra; o trabalho está desde cedo presente em suas vidas. No Assentamento Capela, os filhos de assentados sócios da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (COOPAN) têm a possibilidade, a partir dos 10 anos, de integrarem algum setor de produção. As atividades desenvolvem-se em horário inverso ao da frequência escolar. Nas entrevistas realizadas para esta investigação, ficou claro, pelos relatos, que os jovens optam por trabalhar como forma de garantir alguma remuneração. Entre os jovens filhos de assentados que optaram pelo modo de produção individual as meninas envolvem-se com trabalhos domésticos, já os garotos ajudam o pai em algumas tarefas diárias, como tratar animais, carpir e comercializar produtos em feiras nas cidades de Canoas e Porto Alegre. No caso dos jovens que frequentam escolas do MST, esta instituição além da função de educação formal apresenta-se como lugar de disseminação dos discursos do Movimento, esse dado será importante no momento das análises realizadas neste trabalho, pois a presença dos discursos do MST no cotidiano destes sujeitos dá-lhes um traço de distinção na forma como se relacionam com os discursos midiáticos, especialmente no que diz respeito à imagem do próprio MST na mídia.

1.1- COMO SURGE O INTERESSE DE INVESTIGAR JOVENS SEM TERRA¹⁴

Trabalhando durante dez anos como repórter do *Jornal Sem Terra*¹⁵ e há cinco anos morando no Assentamento Capela, por várias vezes me intrigava uma espécie

jovem. A legislação brasileira, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assume como adolescente a pessoa que tem entre 12 e 18 anos incompletos. Para o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNPEA), a juventude é composta por cidadãos entre 15 e 24 anos de idade. Um critério mais expandido - o de “população jovem” - é aplicado à faixa dos 10 aos 24 anos.

¹⁴ A investigação que realizei diz respeito a um grupo específico de jovens, moradores de assentamentos de reforma agrária Capela, localizado no município de Nova Santa Rita, região metropolitana de Porto Alegre/RS.

de tensão latente na educação das crianças e agora dos jovens. Em 1998, quando da realização da pesquisa para a produção do documentário *O Futuro da Terra*¹⁶, cujo roteiro tratava de ouvir as crianças e seus pais assentados sobre o que esperavam do futuro, chamou-me a atenção algumas falas de pais que anunciavam o desejo de que seus filhos “fossem alguém na vida”, “que não ficassem no campo sofrendo”. Os pais, de modo geral, independente de serem do campo ou da cidade, preocupam-se com o futuro dos filhos. O que surpreende é que o militante de um movimento social como o MST projete essa vida melhor para os filhos, longe do que significou para ele (pai e mãe) o sonho e a luta de suas vidas.

1.2- A CARÊNCIA DE ESTUDOS

As populações jovens do meio rural, no Brasil, permanecem desconhecidas em suas práticas, seus valores e seus modos de vida, suas escolhas, suas subjetividades. Não há neste trabalho a pretensão de analisar todos esses temas, tão complexos e tão fundamentais na vida juvenil rural. O recorte analítico que faço, dá-se em torno dos sujeitos jovens que vivem suas experiências não apenas na escola e no que seria determinado pelo espaço geográfico que habitam, o campo. Faço aqui uma análise das vivências na cultura, no lazer e nas demais formas que eles selecionam para o aparecimento e a participação na vida pública.

Na parca bibliografia que trata especificamente de jovens Sem Terra ou de jovens rurais, estes, na sua maioria, figuram como vulneráveis, invisíveis, carentes de políticas públicas. Embora reconheça que esses sejam aspectos relevantes na vida de jovens do meio rural, não os tenho como centro da investigação. Pretendo antes analisar o sujeito que está nestas condições de vulnerabilidade quanto à escolarização e à inserção precoce no mercado de trabalho, como anuncia Frigotto (2004). Trata-se de jovens carentes de atenção do Estado, invisíveis a toda a

¹⁵ Jornal de circulação nacional, editado pela Direção Nacional do MST, com correspondentes nos estados em que o movimento está organizado. Circula entre a base da organização, ou seja, acampados e assentados.

¹⁶ Ver documentário *O Futuro da Terra*, com direção de Werner Schünerman, da Casa de Cinema de Porto Alegre.

sociedade (Durston, 1994), mas que se fazem sujeitos numa sociedade que valoriza o fato de ser jovem, convidando-os a todo o momento a consumir, não apenas produtos, mas um jeito de ser, um estilo de vida. Maria Rita Kehl (2004, p. 93) lembra que, numa sociedade pautada pela indústria cultural, as imagens se constituem como meios para as identificações. Assim, não apenas os jovens da elite estão incluídos na cultura juvenil vigente; todos parecem identificar-se com o ideal publicitário dos(as) jovens hedonistas, belos(as), sensuais.

Mapeando o que se produziu de pesquisa sobre juventude Sem Terra, a surpresa foi detectar que, embora o MST seja objeto de análise de inúmeras investigações¹⁷, tanto no Brasil como no exterior, a juventude do MST é ainda um campo a ser desbravado. Foram encontrados dois trabalhos que tratam especificamente dos jovens de assentamentos. Em sua tese de doutorado (*Jovens sem-terra: identidades em movimento*), Maria Teresa Castelo Branco (1999) analisou o processo de produção da identidade de um grupo de jovens do Assentamento Ipanema, no Estado do Paraná, traçando uma reflexão sobre a educação desses jovens. O outro trabalho foi a tese de doutorado de Elisa Guaraná de Castro (2005), *Discursos e práticas na construção da categoria jovem*.

Em um artigo da autora intitulado *Sonhos, desejos e a "realidade": heranças, educação e trabalho de "jovens rurais" da Baixada Fluminense/RJ*, em que são apresentados resultados preliminares do trabalho etnográfico realizado no Assentamento Seropédica, na Baixada Fluminense, percebemos similaridades com o perfil dos jovens que pretendo investigar. O ponto de partida da investigação de Elisa Castro é o mesmo que me instigou a olhar mais de perto o que se passa com jovens de assentamentos, ou seja, as expectativas dos pais em relação ao futuro dos filhos, a possibilidade de migrar para a cidade ou de ficar na terra conquistada. Castro tece sua tese sobre a herança e a sucessão da terra, o caminho que escolho é outro: estudar os processos de negociação na recepção dos discursos para e sobre

¹⁷ Ver FERNANDES, Bernardo Mançano. *Cadernos do ITERRA - Levantamento Bibliográfico*. Veranópolis, ano II, n. ° 4, março de 2002. 40 p.

juventude exibidos na televisão e, mapear em que medida esses discursos atuam na elaboração de modos de ser jovem.

Investigações que versem sobre o MST e a mídia, qual a imagem do MST construída pela mídia, análises do discurso do MST, são temas mais recorrentes¹⁸. O fato de o MST não ter formulado um discurso sobre a juventude dos acampamentos e dos assentamentos, como há sobre as mulheres¹⁹ e sobre as crianças²⁰ acampadas e assentadas, seja um dado que explique a falta de atenção dos estudiosos para essa parcela do Movimento Sem Terra²¹. Anita Brumer (2005)²² aponta, no trabalho *Construindo uma agenda de pesquisas sobre juventude rural*, os temas recorrentes nas investigações sobre este campo, a saber: trabalho, sucessão familiar, herança, precipitação da vida adulta, movimentos migratórios. Nilson Weisheimer²³ (2005) identificou quatro linhas temáticas que norteiam os estudos sobre juventude rural no país: a) juventude e educação rural; b) juventude rural, identidades e ação

¹⁸ Sobre MST e mídia ver os trabalhos: BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. LERRER, Débora F. *O som do silêncio nas versões da Praça*. São Paulo, USP, 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação), ECA, Universidade de São Paulo, 1998.

¹⁹ Dentro do MST, há o Núcleo de Mulheres que aglutinam as discussões de gênero, realizam atividades específicas como mobilizações que versam sobre os direitos da mulher trabalhadora rural (aposentadoria, auxílio maternidade, etc.) além de internamente incentivar a participação das mulheres nas instâncias de decisão do MST através de instituição de cotas.

²⁰ O MST e seu setor de Educação têm dedicado grandes esforços para garantir o direito à escolarização das crianças dos acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária. A implantação de escolas itinerantes nos acampamentos, investimentos na formação de professores, são algumas das ações visíveis desse empenho. A realização de encontros regionais e estaduais dos Sem Terrinha são atividades que procuram envolver as crianças na atividade política. Esses fatos demonstram toda uma elaboração discursiva sobre a infância no MST, que, de certa forma, é ambígua. O MST tem a criança como sujeito de direitos (de proteção, de necessidades, de cuidados, de escolarização, de espaço para desenvolver-se, dentre outros), mas também como sujeito de luta participativa, que enfrenta com os adultos a árdua luta pela terra, é o que poderíamos chamar de pedagogia cultural (Shirley Steinberg, 1997), em que o MST se constitui em espaços pedagógicos nos quais as crianças não apenas fazem a luta pela terra, pela escola, pela moradia, como realizam aprendizagens e também são subjetivadas pelas práticas e discursos do MST.

²¹ No decorrer da realização desta investigação soube de iniciativas do Movimento voltadas para a juventude, especialmente ações de educação e formação profissional. Embora com parcimônia o tema parece entrar aos poucos na agenda do MST.

²² BRUMER, A. *Construindo uma agenda de pesquisas sobre juventude rural*. In: CONGRESSO DA ALAS, 25, 2005, Porto Alegre. ALAS – Associação Latina Americana de Sociologia, 2005. V. 1.

²³ Trata-se do trabalho *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*, publicado pelo Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento rural (NEAD) e Ministério do Desenvolvimento Agrário.

coletiva; c) juventude rural e inserção no trabalho; e d) juventude e reprodução social na agricultura familiar.

As abordagens sobre juventude rural e migração são relevantes. Quase sempre norteiam políticas que pretendem impedir o êxodo, “colocando a juventude na condição de agente de uma transformação social que resgate os valores do mundo rural. Com base nesta percepção, alguns programas sociais visam ‘manter o jovem no campo’ e ‘empoderá-los’ de capacidade de liderança” (Castro, 2004). No entanto, segue Castro, diversos estudos demonstram que a mudança dessa realidade está muito além de esforços individuais – demanda ações coletivas e mudanças mais profundas na realidade brasileira²⁴.

Embora não possamos ter uma visão romântica sobre a vida em acampamentos do Movimento Sem Terra, este tem sido um importante instrumento de luta e tem mudado em vários aspectos a face do meio rural brasileiro nos últimos 20 anos. Frigotto (2004) sinaliza que, não fosse a organização – do MST, o qual congrega cerca de 20 milhões de pessoas em 23 Estados da Federação e, no Distrito Federal, um grande número delas de crianças e jovens –, o inchaço nas periferias urbanas seria mais grave. O MST é um fenômeno que se distancia da tradição histórica dos movimentos sociais do campo no Brasil e obteve grande sucesso no contexto de agravamento da crise do emprego no setor industrial, no final da década de 1970. Levou muitas famílias que haviam deixado o campo para trabalhar na cidade a retornarem para ele. O MST promove o êxodo ao revés, aspecto que inspirou o fotógrafo Sebastião Salgado a registrar ocupações, mobilizações e o cotidiano desses deserdados da terra numa exposição mundo afora²⁵. Grande parte desse contingente das periferias urbanas se juntou aos Sem Terra, por sua capacidade política de mobilização e pelas estratégias de sobrevivência²⁶.

²⁴ Ver, GUANZIROLI, C. E. Principais Indicadores Sócio-Econômicos dos Assentamentos de Reforma Agrária. In: *Assentamentos Rurais produção, emprego e renda – o Relatório da FAO em debate*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. MEDEIROS, L. et al (org.) *Assentamentos Rurais uma visão Multidisciplinar*. São Paulo: UNESP editora, 1994.

²⁵ Ver livro *Terra, fotografias de Sebastião Salgado*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

²⁶ É importante observar que este é um perfil dos acampamentos do MST nas regiões Sul e Sudeste, mais propriamente a partir da segunda metade dos anos 1990. Na sua origem e mesmo na década de 1980, o MST fez-se com os filhos de pequenos agricultores que não vislumbravam a possibilidade de

O Rio Grande do Sul constitui-se como pólo dessa organização social, por ser um dos maiores produtores agrícola do País (27% do seu Produto Interno Bruto está na agricultura familiar), nada mais justificado que se dê visibilidade a esta população, no caso específico, à juventude.

1.3- JUVENTUDE: MAIS PRECISAMENTE, JUVENTUDES

Ser jovem, como anunciado anteriormente, não é um acontecimento de agora. Na Grécia clássica, os pitagóricos, por exemplo, dividiam a vida em etapas de 20 anos cada uma. Entre eles, a adolescência correspondia à idade dos 20 aos 40 anos, e a juventude estendia-se até os 60 anos. Ribeiro (2004, p. 24), num breve histórico da concepção moderna de juventude²⁷, nos conta que esta, desde a metade do século XX, esteve em disputa por dois pólos diferentes: por um lado, o ideário da revolução – inspirada por ícones do comunismo, como Che Guevara, Mao Tse-tung, Ho Chi Minh; por outro, a publicidade, que tem como destino dos seus anúncios, sobretudo a juventude. As crianças e os jovens Sem Terra se fazem sujeitos em meio a esta disputa. Refiro-me aqui ao conceito de sujeito²⁸ em Michel Foucault (2004, p. 291), ou seja, “o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, de práticas de liberação, de liberdade (...) a partir de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural”.

No texto *O sujeito e o poder* (1995, p. 235), o filósofo francês diz que há dois significados para a palavra sujeito: “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou um autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a”. Como aponta

permanência na terra natal devido à linha de transmissão, de herança: muitos filhos para herdar pouca terra. Ver neste trabalho o capítulo “MST: história, tensões e mídia”.

²⁷ A juventude tal como conhecemos hoje, como já foi dito, é fruto da modernidade. Embora mesmo as civilizações antigas e até as denominadas primitivas ou tradicionais adotam ritos de passagem, atribuem uma significação a esta etapa da vida.

²⁸ No capítulo 2 desta dissertação: Modos de subjetivação, cultura e produção de sujeitos, trato com mais profundidade e cuidado sobre os conceitos de sujeito e modos de subjetivação que orientam esta pesquisa.

Rosa Maria Bueno Fischer (1996, p. 71) “Foucault usa sujeito no estrito sentido etimológico da palavra. Em latim, a palavra é *subiēctus* ou *subjectus*, e denota aquilo ou aquele que é ‘colocado por baixo’, o mesmo que súdito”. Então nos perguntamos sobre que discursos sobre juventude subjetivam e assujeitam os jovens Sem Terra, como se fazem sujeitos em meio à diversidade de discursos e práticas propostos diariamente aos jovens na TV, por exemplo.

Para abordar o tema da juventude, ou sua noção na primeira década do século XXI, no Brasil, é necessária uma atenção especial para o entrelaçamento da cultura juvenil e a crescente centralidade da mídia, especialmente a televisão, em nosso País. Torna-se repetitivo, embora necessário, afirmar que o contexto no qual se processa a construção discursiva e social da juventude inclui a escola, a família, mas vai além, incluindo aí ingredientes da cultura de massa: como a mídia, especificamente a televisão, a cultura musical (*rock, funck, hip-hop, rap, pagode, sertanejo, etc.*). É nesse entrelaçamento de espaços de socialização que desenvolvi esta pesquisa, tendo como objetivo compreender como os discursos e as práticas sobre e para juventude da televisão reverberam nos jovens Sem Terra. Partindo desse ponto, tenho como perguntas iniciais:

- Que modos de subjetivação são propostos pelos discursos juvenis midiáticos, especialmente os televisivos, e como esses repercutem no cotidiano dos sujeitos jovens aqui investigados?
- Se vivemos numa sociedade, em que o espetáculo, em certa medida, dita as normas de cidadania, organiza as relações sociais, estabelece valores, formata as identificações (Kehl, 2004, p. 103), de que maneira os jovens Sem Terra, de “tradição rural”, processam e negociam os modelos de juventude urbana estampado em programas televisivos?

1.4- JUVENTUDE RURAL, A DIFÍCIL DEFINIÇÃO

Dados do censo de 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam que a população de jovens no campo é de 19% em relação ao conjunto da faixa etária de 15 a 24 anos no Brasil. Uma análise mais detalhada dos dados do censo revela que a população jovem rural com idade entre 20 e 24 anos é proporcionalmente menor. Para a faixa etária entre 15 e 19 anos, 52% estão no campo, enquanto para os com idade entre 20 e 24 anos a proporção diminui para 48%. Segundo os analistas, essa diferença sinaliza a tendência de jovens do campo, quando atingem a maioridade, a migrar para a cidade. Este olhar consolida uma percepção dos jovens rurais em oposição à dos jovens urbanos. Elisa Guaraná de Castro (2004) contesta o olhar naturalizado sobre o êxodo dos jovens do meio rural e afirma que se trata de um processo muito mais complexo do que as estatísticas conseguem expressar.

No contexto de crise da agricultura familiar e dos processos econômicos recentes que fazem do meio rural um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola (Carneiro, 1999), a juventude rural desponta como a faixa demográfica que é afetada de modo mais intenso por essa dinâmica de borramento das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos.

Nas observações de investigação realizadas, notamos que os jovens transitam nos universos rural e urbano. Enquanto trabalham a terra, cobrem o telhado de um galinheiro, ou distribuem aipim pelas residências de uma agrovila, escutam música, falam ao telefone celular, comentam o baile que acontece no próximo final de semana, combinam a visita a uma *lan-house* para experimentar o *game* novo que chegou. O que *a priori* parecem ser atitudes de identidades contraditórias (rural e urbano), para estes indivíduos traduzem o cotidiano. Maria Isabel M. de Almeida e Kátia M. de Almeida Tracy, no livro *Noites Nômades* (2003, p. 19), recorrem a Georges Marcus para explicar que a etnografia se vê obrigada a abandonar, na atualidade, um enfoque baseado unicamente em experiências vivenciadas em âmbito local. Segundo esse autor, tal deslocamento leva o

pesquisador a repensar o modo como as identidades coletivas e individuais são negociadas, no que diz respeito tanto ao observador quanto ao observado. Para as autoras, essa dupla redefinição está ligada à problematização do espaço, ou seja, a uma ruptura com o conceito de “comunidade”, no sentido clássico de valores, identidade e cultura, partilhados em lugares material e socialmente delimitados. Georges Marcus considera que as experiências contemporâneas demonstram que a produção localizada de identidades não depende exclusivamente de atividades observáveis, concentradas em uma localidade definida. O desafio hoje é justamente captar a formação de identidades específicas através de toda uma rede de fluxos e migrações. Reestruturar o pensamento e a análise diante de identidades multilocalizadas e dispersas tem suas conseqüências: a primeira delas é a elevação da complexidade do trabalho do pesquisador, levando, segundo Almeida e Tracy (2003), à necessidade de experimentações metodológicas, que contemplem a pluralidade das identidades.

Geralmente, pesquisas sobre a organização social no campo referem-se ao jovem apenas na condição de membro da equipe de trabalho familiar, seja como aprendiz de agricultor, nos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar, seja como trabalhador fora do estabelecimento familiar, complementando a renda da família com salários precários, o que engrossa as estatísticas sobre a população economicamente ativa (PEA)²⁹ no meio rural. Há, por certo, uma imensa dificuldade de definir o que seja juventude rural; alguns autores inclusive questionam a existência dessa categoria³⁰. Uma das dificuldades é precisamente identificar ou definir o que se entende por rural, questão que se acentua com a intensificação da comunicação entre os universos culturais e sociais do campo e da cidade. Existe uma tendência de ampliar a definição de rural para

²⁹ Desde 1992, o IBGE adota, para efeitos dos cálculos das pesquisas nacionais de Amostra Domiciliar (PNAD), todas as pessoas com 10 anos ou mais.

³⁰Durston (1994) fala do estereótipo baseado em uma visão da noção de juventude, da existência de um espaço cultural propriamente juvenil e do adiamento das responsabilidades e dos papéis dos adultos nesse contexto. Como no campo o jovem normalmente precisa trabalhar para sobreviver ao alcançar 15 anos e, às vezes, assume o papel de chefe de família, é casado, tem filhos e não estuda, “parece legítimo supor que sua juventude terminou antes mesmo de começar”, sendo possível perguntar “existe juventude rural na América Latina?”.

além do setor primário da economia, assunto tratado nesta dissertação no capítulo sobre “a paisagem da pesquisa”.

Embora esse não seja o centro da discussão que nos propomos fazer, vale esclarecer que o rural no Brasil é determinado por leis municipais, que delimitam o perímetro urbano dos municípios: o “rural” seria tudo o que fica fora desse traçado. Desse modo, o rural se faz da negação do “urbano”. De acordo com o Decreto-Lei nº 794, de 1938, ainda em vigor, toda sede de município ou de distrito é considerada cidade, independente do número de seus habitantes³¹, condições de infra-estrutura ou serviços. José Eli da Veiga (2002) tem apontado para a fragilidade dessa definição, que tem como consequência imediata uma imagem distorcida das dimensões do “Brasil rural”, que não chegava a abrigar 10% da população brasileira, segundo o censo de 2000.

Toda essa discussão tem como objetivo evidenciar a dificuldade de tratar a juventude rural como uma categoria de análise, já que a própria definição do que seja “rural” no Brasil contemporâneo é tão complexa. Embora não ponha fim na dualidade estabelecida entre urbano e rural, recorro ao texto *Outros espaços*, de Michel Foucault (2001a), em que o filósofo diz que a época atual seria, talvez preferencialmente, a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. No breve histórico do espaço, Foucault (2001a, p. 416) afirma que, na Idade Média, o espaço estava hierarquizado em lugares: “lugares sagrados e lugares profanos, lugares protegidos e lugares abertos, lugares urbanos e lugares rurais”. A inquietação de hoje, diz o autor, refere-se fundamentalmente ao espaço, sem dúvida, muito mais do que ao tempo. Para ele, a partir de Galileu, no século XVII, a extensão toma o lugar da localização. Atualmente, o posicionamento é definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos. O posicionamento substitui

³¹ Na França, por exemplo, o rural engloba todas as aglomerações com até 2 mil habitantes, quaisquer que sejam as atividades que exerçam. Deve-se ressaltar, como aponta Maria de Nazaré B. Wanderley (O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno. Anpocs, 1997, p. 3) que a predominância de agricultores nesta população rural é um fato historicamente datados; as sociedades rurais tradicionais, naquele país, eram compostas por indivíduos com atividades

a extensão, que substituía a localização (2001a, p. 412). Michel Foucault alerta que a obra de Galileu provocou uma certa dessacralização teórica do espaço, entretanto o espaço na contemporaneidade ainda não está inteiramente dessacralizado, e talvez nossa vida ainda seja comandada por certo número de oposições nas quais não se pode tocar³².

Foucault refere-se à obra de Bachelard, cujas descrições nos ensinaram que não vivemos em um espaço homogêneo e vazio, mas sim em um espaço inteiramente carregado de qualidades. Entretanto, essas análises, observa o filósofo, se referem sobretudo ao espaço de dentro. Já o seu interesse no texto “outros espaços” é exatamente no espaço de fora. Esse espaço “no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história (...) é também em si mesmo um espaço heterogêneo” (Foucault, 2001a, p. 414). Dito de modo diferente, não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas, explica o autor. “(...) vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos”.

Segundo Foucault há várias possibilidades de descrições de diferentes posicionamentos, buscando o conjunto de relações pelas quais se pode defini-los. Assim, poderia descrever o conjunto das relações que definem os posicionamentos de passagem, como as ruas, os trens, os cafés, etc. O que interessa ao autor, porém, são, entre todos esses posicionamentos, “alguns dentre eles que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se

diversas. Com a revolução industrial, os rurais não agricultores, especialmente os artesãos, são os primeiros e mais numericamente atingidos pelo êxodo para as cidades e para o trabalho industrial.

³² É interessante observar que Michel de Certeau (2004, p. 202) faz uma distinção entre espaço e lugar. O espaço é, segundo o autor, um lugar praticado. Já o lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Assim, se estabelece a impossibilidade de duas coisas ocuparem o mesmo lugar. O lugar seria uma configuração instantânea de posições. Implica estabilidade. Já o espaço é um cruzamento de móveis. “O espaço é o efeito produzido pelas operações que orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTAU, 2004, p.202). O espaço não tem nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”.

encontram por eles designados, refletidos ou pensados” (p. 415). Esses espaços, segundo Foucault, são de dois grandes tipos:

- a) As utopias que são os posicionamentos sem lugar real. São posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa.
- b) As heterotopias, que são lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos. As heterotopias seriam, assim, “lugares outros em relação aos espaços culturais ordinários” (p. 416).

Para realizar uma descrição sistemática dos espaços heterotópicos, uma heterotopologia, é preciso levar em conta alguns princípios: não há sociedade sem heterotopias; o funcionamento destas pode variar historicamente; as heterotopias têm a capacidade de justapor vários espaços, em si mesmos incompatíveis; as heterotopias estão ligadas, mais freqüentemente, a recortes do tempo, a rupturas com o tempo (heterocronias); as heterotopias supõem um sistema de abertura e fechamento espacial que as isola e as torna penetráveis simultaneamente.

O caráter singular desses espaços, sua “alteridade”, é a relação de diferença que estabelecem com outros espaços, de modo a produzir uma desestabilização das relações espaciais em torno de práticas sociais e discursivas. O conceito de heterotopia introduzido por Foucault tem sido utilizado especialmente no âmbito das culturas jovens, ligado a formações identitárias e atos de resistência vinculados a lugares alternativos. As heterotopias definem-se fundamentalmente por práticas espacializantes, a um só tempo concretas e simbólicas, que não se encontram necessariamente, localizadas e não estão condicionadas por variáveis ideológicas ou movimentos de resistência.

Inspiradas nessa perspectiva foucaultiana, Almeida e Tracy (2003, p. 28) pensam o “espaço” como resultante de práticas históricas e contingentes, para além das coordenadas estáticas que definem a ordem dos lugares. Trata-se, segundo as autoras,

(...) de pensar o tempo e o espaço conjuntamente, e a ambos como produtos de inter-relações, pois uma vez superada a hipótese de que espaço e tempo são categorias mutuamente exclusivas, uma vez admitido que o espaço é composto por uma multiplicidade histórica, percebe-se que nada poderia ser a um só tempo mais ordenado e mais caótico que o espaço, com todas as suas justaposições inusitadas e efeitos emergentes involuntários.

A idéia de metrópole policêntrica anunciada por Massimo Canevacci, citado por Almeida e Tracy (2003), expressa de forma clara o que ocorre com algumas áreas rurais do Brasil. Para o antropólogo italiano, estamos transitando de uma forma-cidade como coração da modernidade, com contornos espaciais precisos, cidade para ser construída no projeto e através do projeto, a uma forma-metrópole que dissolve tudo isso: a metrópole comunicativa. A metrópole contemporânea difunde-se e prolifera-se em múltiplas direções, é polifônica porque nela novos tipos de culturas fortemente pluralizadas e fragmentos espalham-se e transitam. Canevacci conclui, por fim, que as fronteiras são móveis como as identidades, fronteiras plurais e polifônicas. É nesse contexto de polifonia e de fronteiras móveis que os jovens assentados estão inseridos, usufruindo uma “tradição rural”, um modo de viver no campo, justaposto ao estilo de vida urbano, este último como experiência simbólica, por meio da televisão, mas também de experiências fáticas de contextos presenciais.

Superar a invisibilidade e os estereótipos associados à juventude rural requer um marco conceitual adequado a esta tarefa e dados empíricos que contribuam para dar conta da grande variedade de maneiras de viver da juventude em diferentes contextos rurais³³.

³³ É importante ressaltar que não há um rural brasileiro, homogêneo, genuíno, característico. Sem cair no relativismo exacerbado que nos cerca em todos os campos, devemos falar em “brasis” rurais. O contexto descrito neste trabalho apresenta um rural com uma certa infra-estrutura, energia elétrica, sistema de distribuição de águas nas casas, telefone, internet, transporte coletivo. Nem todo rural brasileiro é assim. Há lugares longínquos, ermos, que talvez expressem de forma mais contundente a imagem de rural que temos no senso comum.

2- MODOS DE SUBJETIVAÇÃO, CULTURA E PRODUÇÃO DE SUJEITOS

A- SUJEITOS E MEDIAÇÕES

Como nos tornamos sujeitos? Esta é talvez a indagação principal que norteia os últimos cursos dados por Michel Foucault, no *Collège de France: Subjetividade e verdade* (em 1980-1981) e *A hermenêutica do sujeito* (em 1981-1982). Embora Foucault (1995, p. 231), tenha explicitado que o objetivo de seu trabalho fora sempre “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”, nos dois últimos volumes da *História da Sexualidade* e nos cursos citados essa preocupação aparece com outra formulação.

Michel Foucault (2006, p. 11) esclarece a mudança de trajetória quanto a uma genealogia da sexualidade, na medida em que se trata, então, de “compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma sexualidade”. O autor menciona o deslocamento teórico que fora necessário realizar para analisar o que “freqüentemente era designado como progresso dos conhecimentos” (idem). Assim, Foucault informa que se fora necessário realizar deslocamentos teóricos na análise das formas de práticas discursivas que articulavam o saber e sobre as relações múltiplas, as estratégias abertas e as técnicas racionais que articulam o exercício do poder, parecia-lhe que seria preciso empreender um terceiro deslocamento “a fim de analisar o que é designado como *sujeito*”. Assim, para Foucault (2006, p. 11)

Convinha pesquisar quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito (...) estudar os jogos de verdade na relação de si para si e a constituição de si mesmo como sujeito, tomando como espaço de referência e campo de investigação aquilo que poderia chamar-se de História do homem de desejo.

Tendo claro que empreender essa genealogia o afastaria do projeto primeiro, Foucault optou por “reorganizar todo o estudo em torno da lenta formação, durante a Antigüidade, de uma hermenêutica de si” o que, segundo o autor, não o afastaria do estudo que ocupara tantos anos de sua vida, ou seja, “a tarefa de evidenciar alguns elementos que possam servir para uma história da verdade”. Uma análise dos jogos de verdade, “através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado” (Foucault, 2006, p. 12). Seguindo o raciocínio do filósofo francês, nos damos conta de que a sexualidade é um dentre os modos históricos pelos quais fazemos a experiência de constituirmo-nos sujeitos³⁴.

Alguns dos estudiosos de Foucault apontam que, a partir do segundo volume da *História da Sexualidade* o filósofo teria se voltado para o sujeito, representando, segundo Dosse (1994), uma retratação daquele que havia tão veementemente negado o sujeito, quando decretara a morte do homem numa das passagens mais citadas e conhecidas da obra de Foucault, no livro *As palavras e as coisas* e que constantemente é alçada por seus críticos como a imagem que evidenciaria o niilismo foucaultiano em toda sua plenitude, tendo como pano de fundo a iminência da alteração das *disposições* históricas que estruturariam a *episteme* moderna em torno da *invenção do homem*:

Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade... Se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode

³⁴ Na literatura encontramos várias concepções de sujeito e de subjetividade: sujeito biológico; sujeito sociológico; sujeito do conhecimento; No artigo *Subjetividade e enunciação*, Margareth Schäffer (1999) discute algumas destas concepções à luz da psicanálise, da educação e da filosofia. No artigo somos informados que “Birman, na leitura que faz do texto de Freud *Mal-estar na civilização*, diz-nos que no discurso do mestre da psicanálise o poder é o elemento que constitui o sujeito” (Schäffer, 1999, p.21) ou que para Lacan, o sujeito se produz e é produzido no processo de enunciação e ainda, que segundo Serres falar em sujeito é falar em cultura (idem). Há muitas outras formas de falar sobre o sujeito e subjetividade, aqui o conceito com que trabalho é o desenvolvido por Michel Foucault, para quem “não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares” (Foucault, 2004e, p. 291) o sujeito para este autor “se constitui através de práticas de sujeição (...) a partir de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural” (idem).

apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia (Foucault, 2002, p. 404).

Gilles Deleuze (1998) no livro *Foucault*, em que se dedica a percorrer a obra do filósofo, nos auxilia a responder os questionamentos de que Foucault nos últimos escritos estaria se retratando quanto à anunciada morte do homem. Para os críticos mais complacentes, o suposto retorno ao sujeito, a partir dos volumes *O uso dos prazeres* (Foucault, 2006) e *Cuidado de si* (Foucault, 2005a), soaria como uma retratação tardia, já que enfim serviria como um calmante que aliviaria a todos aqueles que, admiradores de Foucault, sentiam-se ao mesmo tempo incomodados com o rescaldo de seus livros e declarações, na medida em que acreditavam que “ele agride os direitos do homem” (Deleuze, 1998, p. 11). Ou, para os críticos árdusos, a emergência do tema do sujeito teria sido a oportunidade de surpreender certa incoerência na obra de Foucault, incoerência esta que lhes conferiria uma espécie de superioridade moral a todos aqueles que, críticos antigos, já vinham denunciando a insolvência ou presunção do pensamento foucaultiano, como se afinal chegasse o momento de retratação que estes críticos esperavam desde sempre. É Deleuze (1998, p. 96-97) que vem em resposta a esses críticos:

Há três séculos, os tolos se espantavam porque Espinosa queria a liberação do homem, embora não acreditasse em sua liberdade e nem mesmo em sua existência específica. Hoje, novos tolos – ou os mesmos reencarnados – se espantam porque Foucault participava das lutas políticas, ele que proclamara a morte do homem. Contra Foucault, eles invocam uma consciência universal e eterna dos direitos do homem que deve ser preservada contra qualquer análise. Não é a primeira vez que o recurso ao eterno serve de máscara para um pensamento débil e sumário demais (...) É verdade que Foucault nunca deu grande importância ao universal e ao eterno: são apenas efeitos maciços ou globais que vêm de certas repartições de singularidades, numa formação histórica tal, e sob um determinado processo de formalização.

2.1- COMO O SUJEITO SE CONSTITUI HISTORICAMENTE?

Foucault, no artigo *O sujeito e o poder* (1995, p. 232), afirma que não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de suas pesquisas; no entanto, no mesmo

artigo ele dá uma pista que leva Deleuze (1998) a apontar que Foucault nos últimos livros abre um novo domínio ontológico, uma *ontologia histórica*³⁵, o que poderia ser percebido de modo pleno pela extensão do balizamento cronológico das pesquisas foucaultianas. A nova investida de Foucault recua até à Grécia clássica. Isto porque o filósofo encontra nos processos que constituem a subjetividade uma vigência milenar que envolve as formações discursivas da *episteme* moderna e os dispositivos de poder da sociedade, na qual estamos ainda imersos, como se em nosso tempo repercutisse uma história muito mais longa: a história dos processos pelos quais nos tornamos sujeitos.

Os modos pelos quais nos tornamos sujeitos, os modos de subjetivação enfim, aparecem e se desenvolvem historicamente como “práticas de si” ou “tecnologias do eu” definidas por Foucault (1990, p. 48) como aquelas tecnologias que

Permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmo com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.

Para Foucault (2006, p. 28) não existe sujeito que não envolva um processo de subjetivação, visto que, “não existe constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação, sem uma ascética ou sem *práticas de si* que os apóiem”. Dito de outra forma, toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de se fazer a *experiência de si* (subjetivação). Toda subjetividade expressa algo de impessoal porque supõe processos de subjetivação onde se dá a *repartição de singularidades* de que fala Deleuze, já citado. Dessa forma,

³⁵ Deleuze (1998, p. 121-122) explica por que Foucault acrescenta que as três dimensões ontológicas (o saber, poder e si) são históricas: “Porque elas não designam condições universais. O Ser-saber é determinado pelas duas formas que assumem o visível e o enunciável em determinado momento, e a luz e a linguagem não são separáveis da ‘existência singular e limitada’ que têm sobre determinado estrato. O Ser-poder é determinado nas relações de forças, as quais passam, elas próprias, por singularidades variáveis conforme a época. E o si, o Ser-si, é determinado pelo processo de subjetivação, isto é, pelos locais por onde passa a dobra”. Em suma, as condições nunca são mais gerais que o condicionado, e valem por sua própria singularidade histórica. Por isso, as condições não são evidentes, mas problemáticas. “Sendo condições, elas não variam historicamente, mas variam *com a história*” (idem).

para lançar mão da precisa terminologia deleuzeana, a subjetividade é um efeito maciço que provém de um processo singular. Os saberes e os poderes de todos os tempos procuram domar os processos de subjetivação, mas estes lhes escapam resultando uma história da resistência relativa à vida, pois “o ponto mais intenso das vidas, aquele no qual se concentra sua energia, é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar sua força ou escapar às suas armadilhas” (Deleuze, 1998, p. 101).

Se em *A vontade de saber* Foucault apontava que “as resistências (...) são o outro termo nas relações do poder” (2005, p. 91), o autor ainda precisava responder a partir de onde se formam essas resistências “pulverizadas”, na maioria das vezes imperceptíveis (ibidem, p. 92). Tal indagação tornava-se necessária a partir de uma constatação: se as subjetividades oferecem resistências, se elas estão envolvidas por processos de subjetivação que vão além da forma subjetiva, então o sujeito dispõe de uma mutabilidade ou plasticidade que lhe confere uma dimensão temporal ou transformacional. A procura de uma instância positiva de subjetivação, que não apareça meramente como lugar de *resistência* aos saberes e poderes, leva Foucault aos dois volumes seguintes da *História da Sexualidade*. Ao refletir sobre o desafio lançado por estes livros, o autor declara: “essa genealogia me afastou muito de meu projeto primitivo” (Foucault, 2006, p. 11), pois esse novo domínio de análise colocava-se como ponto de *interseção* (ibidem, p. 16) entre os dois campos de seus objetos anteriores, ou seja, a arqueologia do saber e a genealogia do poder:

Como essa análise do homem de desejo se encontra no ponto de interseção entre uma arqueologia das problematizações e uma genealogia das práticas de si, gostaria de deter-me, antes de começar, nessas duas noções: justificar as formas de *problematizações* que considerei, indicar o que se pode entender por *prática de si*, e explicar através de que paradoxos e dificuldades fui levado a substituir uma história dos sistemas de moral, feita a partir das interdições, por uma história das problematizações éticas, feitas a partir das práticas de si (Foucault, 2006, p. 16, grifos do autor).

A interseção, na qual Foucault delimita o novo campo de pesquisas, pode ser definida de maneira apropriada como estando organizada em torno da relação da

subjetividade com a história, pois é a respeito dessa relação que podemos observá-lo propor o que “poderia chamar uma história da ética e da ascética, entendida como história das formas de subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la” (Foucault, 2006, p. 29). Para fixar os termos postos em jogo, digamos que o problema da subjetividade em Foucault pode ser equacionado de maneira fiel do seguinte modo: toda subjetividade é uma forma, mas essa forma é simultaneamente desfeita por processos de subjetivação. Enquanto a forma-sujeito é captada pelos saberes e poderes, a subjetivação é um excesso pelo qual a subjetividade mantém uma reserva de resistência ou de *fuga* (Deleuze, 1998) à captação de sua forma. A relação consigo, aponta Deleuze (ibidem, p. 111), é uma das origens dos pontos de resistência e a “subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo, a ponto do modo grego tornar-se uma lembrança bem longínqua”. Temos então na atualidade, segundo esse pensamento, modos diversos de subjetivação que “recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não pára de renascer, em outros lugares e em outras formas” (Deleuze, idem).

Resta a nós refletirmos sobre o que nos assujeita na atualidade. Quais os modos de subjetivação que nos constituem como sujeitos no tempo presente? É esse fio que pretendo seguir para costurar as idéias de Michel Foucault sobre a constituição do sujeito contemporâneo às contribuições de Jorge Larrosa (1995) e Rosa M. Bueno Fischer (1996), para compreender de que modo se dá a apropriação dos discursos televisivos para e sobre juventude entre jovens de um assentamento do MST. Tendo como pressuposto que a televisão produz e dissemina discursos e saberes que se ocupam da prescrição de regras de comportamento, de convivência e de condução do eu no mundo contemporâneo, tenho como objetivo neste trabalho compreender de que modo esses jovens produzem sentidos em suas vidas a partir dos discursos exibidos na televisão que se ocupam de um ‘eu’ que deve estar sempre atento a si mesmo, que deve procurar conhecer-se, controlar-se, adequar-se (Fischer, 1996), que deve enfim conformar seus atos a um modelo de vida, a um estilo, a uma tribo. Que efeitos de verdade têm os discursos da TV que por vezes

incitam o consumo, mas ao mesmo tempo alertam para os perigos de patologias que fogem ao circuito do que é determinado como “normal”? Essas são questões que mobilizam o pensamento nesta dissertação.

2.2-GOVERNO DE SI E SUBJETIVAÇÃO

É preciso enfatizar que o conceito de subjetividade em Foucault contém também uma perspectiva pragmática, isso porque envolve uma postura diante da vida, assim, o conceito de subjetividade envolve um modo de vida. Michel Foucault sempre colocou a relação da filosofia com a vida, entendendo tal relação como a construção de modos de viver:

(...) a tarefa da filosofia como uma análise crítica de nosso mundo tornou-se algo cada vez mais importante. Talvez, o mais evidente dos problemas filosóficos seja a questão do tempo presente e daquilo que somos neste exato momento. Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste ‘duplo constrangimento’ político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno. (...) Temos que promover novas formas de subjetividade através da nossa recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos. (Foucault, 1995, p. 239).

Para Foucault, falar de sujeito é falar de modos de subjetivação (Fischer, 1996). O que o filósofo fez, segundo Jorge Larrosa (1994, p. 55), foi considerar “as condições práticas e históricas de possibilidade da produção do sujeito através das formas de subjetivação que constituem sua própria interioridade na forma de sua experiência de si mesmo”. Assim, Foucault (2004f, p. 236)³⁶ no verbete que seria dedicado a ele no *Dictionnaire des philosophes*, explica que após a investigação que fizera para compreender como se formaram diversos jogos de verdade através dos quais o sujeito se tornou objeto de conhecimento, pretendeu, nos últimos trabalhos:

(...) estudar a constituição do sujeito como objeto para ele próprio: a formação dos procedimentos pelos quais o sujeito é levado a se observar, se analisar, se decifrar e se reconhecer como campo de saber possível. Trata-se, em suma da história da *subjetividade*, se

³⁶ Neste artigo, publicado no Brasil no volume V da coleção Ditos & Escritos, Foucault assina com o pseudônimo de Maurice Florence (MF).

entendermos essa palavra como *a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo* (idem, grifos meus).

É bem verdade que Foucault estudou as *práticas de si* a partir de um objeto e campo muito específicos: o da sexualidade. No entanto, outros que vieram depois dele, como Jorge Larrosa e Rosa M. B. Fischer, utilizaram as idéias do filósofo em outras áreas do conhecimento também fundamentais na formação do sujeito contemporâneo, como a educação e a comunicação, respectivamente. É aí, na confluência das idéias de Michel Foucault e desses dois estudiosos contemporâneos, que pretendo desenvolver e fundamentar esta investigação. Corro o risco de cometer alguma violência com os pressupostos de que lanço mão, mas atrevo-me a pensar junto com estes autores, que o cotidiano – seja escolar, familiar ou midiático – está saturado de técnicas e práticas que se preocupam em produzir, mediar, prescrever “pedagogicamente alguma modalidade da relação da pessoa consigo mesma, com o objetivo de sua transformação” (Larrosa, 1994, p. 51).

Foucault (1995, p. 235) entende que o sujeito se faz nas lutas cotidianas contra o poder, “não tanto a ‘tal ou tal’ instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas, antes, uma técnica, uma forma de poder”. Esta forma de poder, explica o autor, categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o a uma identidade, impondo-lhe uma lei de verdade, “que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos” (idem).

Essa formulação de Foucault, bem como a idéia do poder não estar localizado em um centro, em um lugar, ao contrário, está pulverizado e presente em toda parte serviu mais uma vez aos seus críticos para classificá-lo como arauto da desesperança, de desenhar um horizonte sem saída. Para Deleuze (1998, p. 112-113),

(...) Se é verdade que o poder investe cada vez mais nossa vida cotidiana, nossa interioridade e individualidade, se ele se faz individualizante, se é verdade que o próprio saber é cada vez mais individualizado, formando hermenêuticas e codificações do sujeito desejante, o que é que sobra para a nossa subjetividade? Nunca “sobra” nada para o sujeito, pois a cada vez, ele está por se fazer, como um foco de resistência “.

Analisar os processos de subjetivação acarreta algumas dificuldades teóricas. De que maneira se pode pensar o sujeito engendrando-se a si mesmo sem voltar à noção de subjetividade livre, soberana, tão criticada por Foucault? Como compatibilizar essa idéia com o ponto de vista de que ser sujeito é estar assujeitado a um dispositivo? Enfim, qual o estatuto da liberdade nessa perspectiva foucaultiana?

Na entrevista “Ética do cuidado de si como prática da liberdade” (2004b, p. 265), Foucault afirma desconfiar do tema geral da liberação, pois, segundo ele, se não tratado com certa precaução e dentro de certos limites, “corre-se o risco de remeter à idéia de que existe uma natureza ou uma essência humana que, após um certo número de processos históricos, econômicos e sociais, foi mascarada (...) por mecanismos de repressão” (idem). Nessa perspectiva, rejeitada por Foucault, a liberação consistiria no rompimento dos mecanismos de repressão para que o homem se reconcilie consigo mesmo. O interesse do autor se localiza nas práticas de liberdade intrínseca às relações de poder.

A liberdade é entendida por Foucault como pré-requisito da existência de relações de poder e seu suporte permanente, já que sem a possibilidade de resistência, o que existe é a coerção, a dominação e a impossibilidade de transformação. É porque o exercício do poder sempre implica em resistência (ibidem, p. 277), que as relações de poder constituem configurações “móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas” (ibidem, p. 276). É nessa perspectiva que Foucault conclui que “se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade por todo lado”. No entanto, admite o autor, há estados de dominação descritos como relações de tal forma “fixadas que são perpetuamente dessimétricas e que a margem de liberdade é extremamente limitada” (2004b, p. 277).

Assim, podemos apreender do conceito foucaultiano de liberdade que esta é indissociável da idéia de resistência, ou seja, que a liberdade não implica na eliminação das relações de poder, mas que as pressupõe. É porque há força no sentido do seu assujeitamento que um sujeito resiste e toma a si próprio como

objeto de elaboração. Entretanto, nesse processo o sujeito não se funda a si mesmo, nem descobre a verdade inalienável do seu ser, contrapondo-se às identidades impostas pelos dispositivos em que se insere. Nessas práticas de autogoverno, é ainda em relação a critérios de verdade historicamente estabelecidos que um sujeito se constitui. Segundo Foucault (2004b, p. 276), as *práticas de si* das quais o indivíduo se utiliza para constituir-se como sujeito não são inventadas por ele. “São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social”. Dessa forma, quando uma jovem do Assentamento Capela fala da dificuldade de lidar com o fato de ter “uns quilinhos a mais que as outras meninas” e que gostaria de ser mais magra, “nem tanto por beleza, mas por questão de saúde”, essa fala nos revela duas facetas do ideal de beleza recorrente em nossa sociedade: o desejo de ser magra, no entanto justificada não pelo que poderia ser considerado, no seu meio social, fútil, mas por um motivo mais valorizado: como a saúde, o bem-estar. Essa jovem, embora seja convocada, especialmente pelos discursos televisivos, a exibir um corpo “sarado”, na própria TV ela aprende táticas de justificar esse desejo no seu meio social. Poderíamos dizer, então, que no momento em que somos convocados a nos auto-avaliar, a nos autocontrolar, também aprendemos, na cultura, a nos autonarrar de modo que não sejamos excluídos das normas e regras prescritas no social.

É importante observar ainda que o *governo de si* não pode ser pensado fora de suas articulações com o governo dos outros, razão pela qual Foucault o aborda desde a perspectiva das técnicas de governamentalidade. Esse conceito é entendido pelo autor “no sentido amplo de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens. Governo das crianças, governo das almas, ou das consciências, governo de uma casa, de um Estado ou de si mesmo” (Foucault, 1997, p. 10).

A relação que Foucault estabelece entre governo, entendida como autogoverno e subjetivação, se estabelece no questionamento de que modo “se formou um tipo de governo dos homens onde não se é exigido simplesmente a obedecer, mas a manifestar, enunciando-o, o que se é” (idem). E essa forma de

conceber a relação governo, autogoverno e subjetivação é fundamental para o autor fazer a análise do *poder pastoral*. Já que não se pode exercer o poder “sem conhecer o que passa pela cabeça dos indivíduos, sem explorar-lhes a alma, sem forçá-los a revelar seus segredos mais íntimos”.

Foucault (1995) chama atenção para o fato de que o Estado moderno alcançara uma astuciosa combinação das técnicas de individualização e dos procedimentos de totalização (ibidem, p. 236). Segundo o autor, isso se deve à adoção, por parte do Estado moderno, de uma tecnologia originária nas instituições cristãs, a tecnologia do poder pastoral. Como observa o autor, não se trata mais de uma questão de dirigir o povo para a sua salvação no outro mundo, mas antes, assegurá-la neste mundo (ibidem, p. 238). É interessante notar que o poder das instituições inspiradas no poder pastoral “se reveste de bondade e sincera dedicação a toda a comunidade, mas que não tem condição de exercer-se senão munindo-se de toda a informação sobre cada grupo, sobre o que pensam e sentem todos os indivíduos e como estes podem ser melhor dirigidos” (Fischer, 1999, p. 44).

Rosa Fischer (1999), refletindo sobre como se exerce esse poder nos dias de hoje, lembra como atuam as pesquisas de *marketing* que esquadrinham os gostos, hábitos, desejos e sonhos dos consumidores, instrumentos fundamentais tanto para a atuação do mercado quanto da política. A autora questiona então, como e por que lutar contra quem nos protege e nos quer bem? Como e por que duvidar daquele que se dirige a nós a nos investigar, para supostamente servir-nos melhor?

Voltar o olhar para o presente tendo em mente as formulações de Michel Foucault identificamos facilmente na cultura contemporânea reflexos do que o filósofo denominou de poder pastoral. Aquele que nos protege, que deseja nosso bem-estar e, que para isso produz dizeres, saberes e discursos sobre as mais prosaicas práticas cotidianas, que vão desde como nos alimentar, quantas horas dormir, como garantir relações amorosas saudáveis, como educar bem nossos filhos. Enfim, a mídia é um lugar que, hoje em dia, medeia nossa relação com nós mesmos.

O interesse maior dessa dissertação está no cruzamento de alguns conceitos como modos de subjetivação, governo de si, cultura, mediação e produção de sentidos a partir de discursos televisivos. Tarefa difícil. Árdua, diria. A maior dificuldade esteja talvez em articular conceitos e autores de campos diferentes que pensaram a partir de objetos diversos, mas o esforço é necessário. Já que compreendo que os discursos midiáticos, especificamente os televisivos, funcionam no presente como uma clara expressão de poder subjetivante na cultura contemporânea, que convida, seduz, prescreve e dita normas e modelos a serem seguidos. Sem, no entanto significar em hipótese alguma que considere a TV com superpoderes de fazer com que façamos o que ela diz ser bom. Antes, acredito na capacidade do telespectador de agir ativamente sobre os conteúdos exibidos na “telinha”, por isso, a seguir, lanço mão de autores dos Estudos Culturais Latino-americanos para compreender o conceito de mediação³⁷ e como as mediações podem agir como pontos de resistências e de reelaboração do aprendido na TV pelos sujeitos aqui investigados.

2.3-RECEPÇÃO E MEDIAÇÕES: O CONTEXTO NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Para iniciar este tópico, vale fazer alguns esclarecimentos. O primeiro é que este trabalho utiliza alguns pressupostos dos Estudos de Recepção, de autores filiados aos Estudos Culturais Latino-americano, como Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez, que se dedicam aos estudos da audiência³⁸. Bem como de algumas das metodologias deste campo de conhecimento, notadamente a observação participante e a etnografia da audiência. Dedico neste trabalho o olhar ao público receptor das mensagens televisivas, procurando entender como um

³⁷ Embora tenha a clareza de estar mexendo com conceitos sacralizados no meio dos estudos de comunicação me permito, com as limitações de um trabalho de dissertação, relacionar o conceito de mediação (Jésus Martín-Barbero) poder, discurso e modos de subjetivação (Michel Foucault) para compreender os efeitos dos discursos televisivos na constituição dos sujeitos jovens do Assentamento Capela.

³⁸ Não desconheço o debate que acontece no campo de estudos da comunicação em torno da terminologia (estudos de “recepção” ou de “audiência”) que descreve melhor os estudos que têm como preocupação a relação entre públicos e meios, no entanto optei por adotar os dois termos como sinônimos neste trabalho.

determinado grupo social – jovens de um assentamento de reforma agrária – negocia e produz sentidos aos discursos para e sobre juventude exibidos na televisão aberta brasileira.

Vale dizer ainda, que como anunciado anteriormente, entendo a mídia, especificamente a televisão, como parte constitutiva dos modos de subjetivação no mundo contemporâneo. Assim, penso que se faz necessário dispensar atenção aos discursos exibidos na TV que produzem modos de ser jovem em nossa sociedade. Para isso utilizo-me de trabalhos já realizados, especialmente os de Rosa Fischer (1996) cuja contribuição está no fato de compreender a mídia como um lugar pedagógico que “empreende uma sofisticada mediação das relações do público consigo mesmo” (1996, p. 284).

Apesar da inspiração arrisco dizer que este não se caracteriza como um típico estudo de recepção³⁹. Isto porque esta dissertação embora dê atenção às mediações, conceito vinculado aos estudos de comunicação, preocupa-se em analisar os modos de ser jovem aprendidos na TV; A tentativa que faço aqui é a de fugir da dicotomia – efeitos e recepção – que orienta, historicamente, os estudos de comunicação (Gomes, 2004). A expectativa é que utilizando alguns dos pressupostos de Martín-Barbero e Orozco, associados ao pensamento de Michel Foucault, especialmente no que diz respeito aos modos de subjetivação, e às contribuições de Rosa Fischer, consiga trabalhar a intensa relação que se estabelece no processo comunicacional, entre o que se convencionou chamar os pólos desse processo: produção e recepção.

O segundo esclarecimento indispensável é que no presente trabalho o uso do termo “recepção” refere-se especificamente ao campo de estudos da comunicação

³⁹ Itania Gomes(2004, p. 174) chama atenção para o fato dos Estudos de Recepção servir como termo guarda-chuva que abriga desde a consideração inicial dos processos de “decodificação” das mensagens até a ênfase nos “usos dos meios” e no consumo cultural; Identifica desde a investigação de campo sobre o modo como os receptores *produzem sentidos* a partir de textos midiáticos até a etnografia da audiência, que objetiva examinar certos encontros entre mídia e receptores, a partir de sua inserção no espaço doméstico e nas práticas da vida cotidiana. O que, segundo a autora, existe em comum a todos esses enfoques e técnicas de investigação são o foco dado à atividade de recepção. Ana Carolina Escosteguy e Nilda Jacks (2005, p. 15) alertam que dependendo da concepção teórica, o termo recepção pode identificar “o processo de relação com os meios, o pólo oposto ao da emissão (os receptores), o momento de interação ou até mesmo todos esses aspectos, que estariam simultaneamente reunidos naquela mesma expressão”.

que se ocupa da “relação das pessoas com os meios ou veículos de comunicação, como programas, gêneros, mensagens ou momentos particulares, abarcando a complexa configuração de elementos e fatores que caracterizam o fenômeno como um todo” (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 15). As autoras advertem ainda, que entender “recepção” nesses termos “implica a concepção que privilegia a relação entre o espaço de produção e o da recepção. Incluindo aí, o texto e o contexto, assim o receptor é entendido também como produtor de sentidos” (idem).

Dito isso, passo a elencar os autores e os conceitos que tomo de empréstimo dos Estudos Culturais Latino-americano, especificamente o conceito de “mediação”, para compreender como instituições sociais – a família, a escola e o próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e seus discursos – atuam como mediadores no processo de recepção televisiva do grupo estudado.

2.3.1- A matriz barberiana – uso social dos meios

Nos anos de 1970 predominava na literatura sobre comunicação uma visão denunciante que supunha uma passividade dos receptores diante dos meios, gerando o que ficou conhecida como *teoria da dependência cultural*⁴⁰. Em meados dos anos 1980, esse modo de analisar a relação receptor e meios sofre críticas e restrições, dando origem a uma série de estudos na América Latina⁴¹ que apontavam para uma mudança substancial no enfoque dado até então para a controversa relação público e meios de comunicação. Falo dos Estudos de Recepção

⁴⁰ Essa teoria conhece numerosa variante, que dependem da apreciação da margem de manobra e do grau de autonomia creditados a cada nação em relação às determinações do sistema-mundo. A ruptura com a sociologia funcionalista dos Estados Unidos, iniciada nos anos de 1960, consuma-se com a geração de pesquisadores críticos. Sobre o tema ver: BELTRAN, L. R. e FOX, E. *Comunicación dominada – Estados Unidos em los médios de América Latina*. Nueva Imagem/ILET, México, 1980.

⁴¹ Desde o início da década de 1960 já se instalara na Inglaterra, na Universidade de Birmingham, uma corrente de pensamento que procurava transformar o conceito de cultura vigente na época e deslocavam o foco da sua atenção no processo ativo e consciente de construção de sentido na cultura. Estes autores, por opção política, voltaram seus estudos para a relação da classe trabalhadora com os artefatos culturais. São consideradas obras fundadoras, do que se convencionou chamar Estudos Culturais, os livros : *The uses of literacy* de Richard Hoggart (1957), e *Culture and society: 1780-1950*, de Raymond Williams (1958). Para uma maior compreensão do tema ver: SILVA, Tomaz Tadeu da. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. CURRAN, J.;

desenvolvidos no continente latino-americano, cujo objetivo foi apresentar uma reflexão alternativa às análises de inspiração funcionalista e frankfurtianas que predominavam no cenário acadêmico da época.

Segundo Jesús Martín-Barbero⁴² (1999, s/p.), a análise de recepção surge, na América Latina, como uma tentativa de produzir

Uma teoria da comunicação que tivesse como eixos as culturas e as práticas comunicativas próprias da América Latina, a história de sua dominação, e, portanto os conflitos sociais, os desequilíbrios de informação em sociedades como as nossas configuradas tanto pelos interesses privados dos meios como pelas ingerências das instituições políticas.

Nesse sentido, o enfoque dos Estudos de Recepção na América Latina “privilegia as conexões entre comunicação e cultura e que, busca sobretudo, capturar a experiência dos sujeitos, no caso em tela, aquela referida às práticas relacionadas aos meios” (idem). Esse novo enfoque articulava-se a um movimento de passagem, no campo intelectual, de análises centradas num marxismo determinista para um marxismo de inspiração gramsciano. Assim, um dos conceitos-chave para autores como Martín-Barbero, Guillermo Orozco, Valério Fuenzalida e Maria Elena Herмосilla é exatamente “hegemonia”.

Embora não negligenciem o lugar do receptor como sujeito ativo no processo comunicativo – aliás, esse é um traço distintivo dessa corrente de pensamento – os “Estudos das Mediações” vêem este sujeito como determinado socioculturalmente. Nessa perspectiva, os sujeitos desta investigação – jovens filhos de assentados ligados ao MST, cujo cotidiano é permeado pelos discursos críticos aos produtos televisivos – não responderiam da mesma forma aos apelos e discursos da TV, que outros grupos juvenis localizados em outros contextos socioculturais.

MORLEY, D.; WALKERDINE, V. (org). *Estudios Culturales y comunicación. Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo*. Barcelona, Paidós, 1998.

⁴² Embora costumeiramente utilizado como uma teoria da recepção as formulações de Martín-Barbero, como apontam Escosteguy & Jacks (2005, p. 108), “propõe um arcabouço para pensar a comunicação como um todo e não só a recepção, associando-se a uma tradição teórica crítico-cultural”.

O paradigma das mediações está presente nas formulações teórico-metodológicas desenvolvida por Guillermo Orozco “enfoque integral da audiência” e do “uso social dos meios” concebida por Jesús Martín-Barbero. O objeto de investigação destes autores encontra-se nas “mediações” que intervêm no processo de recepção dos meios. Ambos os autores preocupam-se especialmente com a recepção televisiva e partem de uma mesma dupla filiação. A primeira aos Estudos Culturais ingleses, notadamente às contribuições de Raymond Williams; a segunda filiação refere-se a Gramsci, marcadamente aos seus conceitos de “hegemonia” e “intelectual orgânico” :

Para Itania Gomes (2004, p. 204), a filiação aos conceitos gramsciano por um lado marca uma contribuição distintiva da teoria latino-americana da recepção; por outro, traz um entendimento da recepção como *locus* de enfrentamento e resistência. Para a autora,

(...) essas propostas teóricas apresentam um largo passo de superação na concepção dos processos comunicativos, na compreensão dos meios de comunicação no interior da sociedade, na medida em que procuram entender a recepção aos meios, notadamente a recepção televisiva, do ponto de vista de uma teoria que pretenda compreender a complexidade e as contradições da experiência cultural nas sociedades contemporâneas mirando os meios de comunicação não como um aparato ou instrumento, mas como constitutivos das próprias práticas sociais (Gomes, 2004, p. 204).

Uma das principais contribuições das pesquisas que se preocupam com o conhecimento dos vínculos entre meio e audiência foi a premissa de que “a recepção não é apenas uma *etapa* do processo de comunicação. É um lugar *novo*, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação” como assinala Martín-Barbero (1995, p. 39). Para o autor, formulador da teoria do “uso social dos meios”, as chaves conceituais da investigação dos estudos latino-americanos de recepção são quatro, a saber: “os estudos da vida cotidiana, os estudos sobre consumo, os estudos sobre estética e semiótica da leitura e os estudos sobre a história social e cultural dos gêneros” (idem, p. 58).

A matriz barberiana dos Estudos de Recepção provoca um deslocamento da questão da cultura do âmbito da ideologia, característico dos Estudos Culturais ingleses, da sua mera reprodução, para o “campo dos processos *constitutivos* e, portanto transformadores do social” (Martín-Barbero, 2003, p. 122), o que permite, segundo Gomes (2004, p. 205), pensar o processo de dominação como o processo em que uma classe hegemônica na medida em que representa interesses que são reconhecidos como seus, de alguma forma, pelas classes subalternas.

A proposta de Martín-Barbero, como apontam Escosteguy & Jacks (2005, p. 65),

(...) nasce da necessidade de entender a inserção das camadas populares latino-americanas no contexto de subdesenvolvimento e, ao mesmo tempo, de um processo acelerado de modernização, que implica no aparecimento de novas identidades e novos sujeitos sociais forjados, em especial, pelas tecnologias de comunicação.

Diante da constatação de que o modo no qual as pessoas produzem sentidos para sua vida, o modo pelo qual se comunicam e usam os meios não cabia na concepção tradicional da comunicação, ou seja, de que um emissor-dominante envia uma mensagem a um receptor-dominado, Martín-Barbero propõe a revisão do processo de comunicação “a partir de seu *outro* lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação desde os usos” (Martín-Barbero, 2003, p. 28, grifo do autor). Dessa forma o autor opera um deslocamento conceitual cunhado por ele como “*de los medios a las mediaciones*” que sugere a entrada em campo do estudo das instituições, organizações e sujeitos, das diversas temporalidades sociais e multiplicidade de matrizes culturais.

O conceito de mediação em Martín-Barbero deve ser entendido “como uma forma de fugir da razão dualista, superando a bipolaridade ou a dicotomia entre produção e consumo, ou ainda, entre as lógicas da produção e a lógica dos usos” (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 67). As mediações, na perspectiva barberiana, produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o *locus* que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção. De acordo com Escosteguy & Jacks (*idem*), “as mediações estruturam, organizam e reorganizam a

percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade”.

Tendo como preocupação captar as experiências culturais onde elas se concretizam (Martín-Barbero, 2003), o autor propõe o estudo de três tipos de mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. O autor justifica a escolha da família como *locus* primordial de leitura e codificação da televisão, da seguinte forma:

Se a televisão na América Latina tem ainda a família como *unidade básica de audiência* é porque ela representa para a maioria das pessoas a *situação primordial de reconhecimento*. E não se pode entender o modo específico que a televisão emprega para interpelar a família sem interrogar a cotidianidade familiar enquanto lugar social de uma interpelação fundamental para os setores populares (Martín-Barbero, 2003, p. 305, grifos do autor).

A segunda mediação considerada por Martín-Barbero, a “temporalidade social”, refere-se às formas como a organização do tempo pela TV reproduz a mesma matriz cultural que organiza o tempo cotidiano, ou seja, da repetição e do fragmento e que, segundo o autor, remete aos modos pelos quais a televisão inscreve o cotidiano no mercado (Martín-Barbero, 2003, p. 308). Inserindo-se no tempo do virtual e da rotina, a televisão organiza sua programação como *forma da rentabilidade*:

Cada programa, (...) Cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento dos gêneros e dos tempos. Como *gênero*, pertence a uma família de textos que se replicam e se reenviam uns aos outros nos diferente horários do dia e da semana. Como *tempo ‘ocupado’*, cada texto remete à seqüência horária daquilo que o antecede e daquilo que o segue, ou àquilo que aparece no palimpsesto em outros dias no mesmo horário (idem, grifos do autor).

No artigo “América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação”, Martín-Barbero amplia sua concepção de “temporalidade” chamando atenção para a heterogeneidade de temporalidades vividas por cada sociedade, em suas palavras, “em toda sociedade convivem formações culturais arcaicas, residuais e emergentes” (1995, p. 44). É no texto citado acima que Martín-

Barbero acrescenta outras três mediações: a mediação das novas fragmentações sociais e culturais; a mediação da exclusão cultural e a mediação das demandas sociais. No prefácio à 5ª edição castelhana⁴³ “*De los medios a las mediaciones*” o autor faz uma atualização de sua obra, além de “pensar sua atualidade” (Martín-Barbero, 2003, p. 11), segundo ele, a centralidade que ocupam os meios de comunicação na América Latina é “desproporcionada e paradoxal”, considerando a persistência da carência de necessidades básicas como educação, saúde, e onde o crescimento da desigualdade atomiza nossas sociedades, deteriorando os dispositivos de comunicação, isto é, de coesão política e cultural (Martín-Barbero, 2003, p. 12).

O conceito de cultura é também problematizado pelo autor, no texto citado, como forma de explicitar que mais que objeto de políticas, a comunicação e a cultura constituem na atualidade um campo primordial de batalha política. O autor observa que há bem pouco tempo parecia claro que a antropologia dedicava-se ao estudo das culturas *primitivas* e a sociologia das *modernas*. Para Martín-Barbero (2003, p. 13-14), na “tardomodernidade” em que vivemos, essa separação que instaurava aquela dupla idéia de cultura é, de um lado, obscurecida pelo movimento crescente de especialização comunicativa do cultural, organizado em um sistema de máquinas produtoras de bens simbólicos ajustados a seus consumidores.

Segundo o autor, “é toda a vida social que, *antropologizada*, torna-se cultura” (idem, grifo do autor). A tese adotada por Martín-Barbero é de que o cenário atual exige que “a política recupera sua dimensão simbólica (...) para enfrentar a erosão da ordem coletiva” (2003, p. 15). A questão, segundo ele, é que nem a produtividade social da política é separável das batalhas que se travam no terreno simbólico, nem o caráter participativo da democracia é hoje real fora da cena pública que constrói a comunicação massiva. Nesse sentido Martín-Barbero marca posição ao questionar que é o que o mercado não pode fazer por mais eficaz que seja seu simulacro:

⁴³ Publicado no Brasil na 2ª edição brasileira do livro *Dos meios às mediações*.

O mercado não pode *sedimentar tradições*, pois tudo o que produz 'desmancha no ar' devido à sua tendência estrutural a uma obsolescência acelerada e generalizada não somente das coisas, mas também das formas e das instituições. O mercado não pode criar *vínculos societários*, isto é, *entre sujeitos*, pois estes se constituem nos processos de comunicação de sentido, e o mercado opera anonimamente mediante lógicas de valor que implicam trocas puramente formais, associações e promessas evanescentes que somente engendram satisfações ou frustrações, nunca, porém, sentido. O mercado não pode *engendrar inovação social*, pois esta pressupõe diferenças e solidariedades não funcionais, resistências e dissidências, quando aquele trabalha unicamente com rentabilidade. (Martín-Barbero, 2003, p. 15, grifos do autor).

Um novo mapa das mediações tem sido traçado por Martín-Barbero nos seus últimos trabalhos que consiste em analisar um esquema que se move sobre dois eixos: o primeiro é o diacrônico, ou histórico de longa duração - a relação entre matrizes culturais e formatos industriais, ou seja, "remete à história das mudanças na articulação entre movimentos sociais e discursos públicos, e destes com os modos de produção do público que agenciam as formas hegemônicas de comunicação coletiva" (2003, p. 16). Assim, poderá se pensar a trama das cumplicidades entre discursos hegemônicos e subalternos, bem como a constituição, dos processos históricos, de gramáticas discursivas originadas de formatos de sedimentação de saberes narrativos, hábitos e técnicas.

O outro eixo de análise de Martín-Barbero é o sincrônico, pois trata simultaneamente das lógicas de produção e competências de recepção ou consumo. Tal sincronia segundo o autor, é "mediada pelos movimentos de socialidade, ou sociabilidade, e pelas mudanças na institucionalidade" (2003, p. 17). Assim, para Martín-Barbero, a comunicação se revela uma questão de *fins*, se vista a partir da sociabilidade, ou seja, "da constituição do sentido e da construção e desconstrução da sociedade" (idem). Mas, se vista a partir da *institucionalidade*, a comunicação se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos.

Nos últimos estudos, Martín-Barbero tem se dedicado à investigação do modo como os aparatos eletrônicos reorganizam a experiência social dos jovens. Ele observa com certo pessimismo a relação entre tecnologia e mundo juvenil,

atribuindo ao mundo jovem o espaço primordial de expressão das mudanças que experimentamos (1999, s.p.), associando o que denomina de apatia dos jovens às incertezas a nova sensibilidade possibilitada pela tecnologia eletrônica. Para Martín-Barbero (2002, p. 12-13), “a tecnologia remete hoje não a alguns aparatos senão a novos modos de *percepção* e de *linguagem*, a novas sensibilidades e escrituras”.

Por se tratar de uma teoria em construção, já que desde 1987, quando apresentada pela primeira vez por Martín-Barbero, a proposta inicial foi sofrendo reformulações, modificações e agregando dados conjunturais à teoria do “uso social dos meios”. As críticas direcionadas à teoria de Martín-Barbero têm sido feitas principalmente em relação ao “descompasso observado entre o avanço das categorias analíticas e a formulação de estratégias e técnicas de operacionalizar sua investigação” (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 68). No que se refere especificamente a este trabalho a contribuição das formulações de Jesús Martín-Barbero dá-se no que diz respeito à possibilidade de pensar “o receptor também um produtor” na medida que privilegia o cotidiano e suas múltiplas mediações como lugar a ser pesquisado e, a abertura que possibilita pensar a cumplicidade (receptor e produtor) no uso dos discursos no processo de comunicação.

2.3.2- Enfoque integral da audiência: a contribuição de Guillermo Orozco

O “enfoque integral da audiência” ou “modelo das multimediasções”, desenvolvido por Guillermo Orozco, toma de empréstimo o conceito de mediações, pensado por Martín-Barbero. No entanto, Orozco o coloca numa “perspectiva que permita entender como se realiza a interação entre televisão e a audiência com o propósito deliberado de formar as bases para a *construção de um receptor crítico, ativo*” (Gomes, 2004, p. 210, grifo da autora). A preocupação de Orozco parte do entendimento do lugar que a televisão ocupa no desenvolvimento educativo dos distintos segmentos da audiência (Orozco, 1996, p. 143).

Frente ao novo protagonismo da TV na construção da realidade, na definição do entretenimento e na orquestração do espetáculo (...) surgem novas evidências e concepções acerca da mesma TV, dos processos de aprendizagens e do papel ativo, complexo e até contraditório, dos próprios telespectadores na sua interação com a programação deste meio (Orozco, 1996, p. 144).

Um dos pressupostos que orientam as investigações do “modelo das multimediasções” é o que considera que existem padrões de recepção que advêm da inscrição sociocultural e econômica dos telespectadores. Assim, embora o autor considere as características individuais, do estágio de desenvolvimento cognitivo, do esforço mental e físico que os receptores acionam para ver TV, existe uma especial atenção ao contexto sociocultural onde se dá o contato entre os meios e os receptores.

A preocupação maior sobre a TV tem a ver com a tendência a entender-la *desligada*, tanto dos processos sociais, políticos e econômicos que a condicionam e a caracterizam de maneiras específicas, e em particular do *jogo de poder* na sociedade em que a TV participa e na qual também nutre, como de suas próprias audiências com seus processos de interação, negociação e resistências frente a sua programação. Processos [estes] necessariamente situados e mediados de diversas maneiras e em distintos momentos (Orozco, 1996a, p. 18, grifos do autor).

Dessa forma, é fundamental ter em conta as condições políticas e de trabalho, as sociabilidades instituídas no contexto social dos receptores, a qualidade de vida deste: o que leva em consideração o lazer, o consumo, a vida em família e em sociedade, os hábitos e os gostos. “Observar o contexto implica considerar que as condições de recepção não são externas ao processo receptivo, mas são constitutivos do processo de produção de sentido” (Gomes, 2004, p. 211-212). Segundo a autora, as características da condição de recepção televisiva conformam a estética da televisão: a rotina da família, a atenção dividida entre as tarefas domiciliares e a tela, “obrigarão o sistema de produção televisiva a articular, desde os gêneros e a programação, estratégias de captura do receptor” (ibidem, p. 212). As condições de recepção segue Gomes, não serão determinantes apenas sobre o modo como a televisão ativa a competência desses receptores, mas sobre o modo como esses

percebem, interpretam e se apropriam das mensagens, “o modo como desde a recepção se produz o sentido” (idem).

Guillermo Orozco, com base em suas investigações empíricas, estabelece sete premissas básicas que permitirão compreender o processo receptivo, a partir da perspectiva do “modelo das multimediasções”:

- a) A comunicação se produz no pólo da recepção e não da emissão, o que não significa dizer que não há intencionalidade e sentidos propostos pelo emissor, mas que esses sentidos não têm garantia de serem aceitos como tal, isso porque “toda mensagem é polissêmica” por isso, suscetível de várias interpretações. Um outro aspecto apresentado pelo autor para justificar essa premissa é que o sujeito receptor é historicamente situado, que interage situadamente com as mensagens (Orozco, apud Gomes, 2004, p. 212).
- b) O sujeito receptor é percebido como um múltiplo agente social, imerso em uma cultura e participante de outros processos e interações. “Essa interação está necessariamente mediada de múltiplas maneiras” (Orozco, 1991, s. p.).
- c) A recepção não se esgota no momento em que se dá o contato direto e físico com as mensagens de um meio de comunicação, mas ela transcende e funde-se com as práticas cotidianas dos receptores.
- d) A exposição aos meios não é a variável determinante para a compreensão do processo receptivo. O que importa é a maneira de expor-se, nos termos de Orozco, “passiva ou ativamente⁴⁴”.
- e) O receptor não nasce, senão se faz, vai-se construindo em receptor, “em parte devido à mediação exercida pelos mesmos meios e mensagens sobre seus processos de recepção. Em parte devido a suas múltiplas aprendizagens em

⁴⁴ É interessante observar que o autor, embora negue em outros textos, admite nessa premissa a recepção como uma atividade passiva. Esta talvez seja uma manifestação residual da Teoria Crítica que dominou - ou ainda domina - o campo da pesquisa em comunicação. Sobre adjetivar a recepção como ativa ou passiva penso que é uma forma de entender que para o receptor ser ativo ele necessariamente deva ter uma posição crítica, no entanto diante da tela podemos ser ativos de diversas formas, como, por exemplo, apenas fruindo dos sons e imagens que a TV nos proporciona ou, ainda, repetindo os comportamentos, estilos e modos de viver sugeridos pela tela. Ter uma relação ativa com o conteúdo televisivo, queiramos ou não, está desligado de ter um posicionamento crítico nos moldes pensado pela Escola de Frankfurt.

outros cenários sociais, experiências e condicionamentos contextuais e estruturais” (Orozco, apud Gomes, 2004, p. 213).

- f) A recepção é interação com os meios, com as mensagens, com a cultura, com as instituições. É na interação social das audiências que se produzem sentidos, cujos limites não são dados apenas por razões individuais, mas circunscrevem-se num cenário sociocultural específico.
- g) Entender a recepção como processo sempre e necessariamente mediado, o que permite ao autor uma articulação pedagógica do “modelo das mediações”. A mediação é entendida por Orozco como espaço para compreender a interação entre audiência e televisão e, valores, idéias, instituições e capacidades cognitivas responsável pelos processos de assimilação, rejeição, negociação e resistências a que estão sujeitos as mensagens de massa.

Para o autor, a recepção é um processo que resulta da interação entre receptor, televisão e mediações, sendo que as mediações entram no jogo contínuo do ato de ver TV, mas que ao mesmo tempo o extrapolam (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 69). Orozco aponta ainda duas mediações centradas no indivíduo: a “mediação cognitiva”, conjunto de fatores que interferem na percepção, processamento e apropriação da realidade dos telespectadores na interação com a programação e ao processo de aquisição de conhecimentos (informações, crenças, discursos, emoções, etc.). Para Nilda Jacks (1993, p. 44), a mediação centrada no indivíduo é a “estrutural”, constituída por elementos identitários que servem de referência ao receptor, como por exemplo, idade, gênero, religião, escolaridade, estrato socioeconômico, etnia, etc. Esses elementos identitários “são fatores que também entram no processo de construção do conhecimento e de produção de sentido” (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 69).

Outras mediações, segundo Orozco, atuam no momento da recepção: a “situacional”, que diz respeito ao cenário onde ocorre a recepção. Esta pode informar como a emissão encontra o receptor: sozinho ou acompanhado, trocando considerações com outros telespectadores ou não, com atenção dispersa ou

exclusiva, no espaço social ou íntimo da casa. Outras duas mediações a institucional e a videotecnológica, segundo o autor, resultam respectivamente dos lugares nos quais os receptores interagem, trocam, produzem e *re-produzem* sentidos e significados. Para Orozco, as “mediações institucionais” atuam como *comunidades de apropriação* (1991, s. p.) do conteúdo televisivo. De acordo com essa formulação, são lugares de mediações institucionais: a família, a escola, o local de trabalho, os partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, bairro, religião. É interessante observar que os sujeitos receptores estão submetidos a várias mediações institucionais distintas, o que resulta segundo Jacks (1993, p. 46), “um referencial múltiplo e inter-relacionado, uma vez que cada instituição luta por impor sua produção de significados como a mais legítima”.

A “mediação videotecnológica” parte da idéia que a televisão é ao mesmo tempo um meio técnico de comunicação e também uma instituição social determinada historicamente o que, segundo Orozco, garantirá sua distinção cultural frente às outras instituições sociais. Um outro aspecto da televisão para o qual o autor chama a atenção é para a capacidade deste meio de legitimar e naturalizar seus discursos:

A TV, não somente tem a capacidade de representar o acontecimento social senão também de fazer-lo verossímil, crível para os telespectadores. E é precisamente esta combinação de possibilidades técnicas do meio televisivo o que lhe permite naturalizar seu discurso diante dos olhos da audiência. Outros meios de informação e outras instituições sociais para lograr a naturalização de seus discursos têm que recorrer a outro tipo de referentes. Para a TV lhe basta colocar sua audiência frente á tela para colocar-la (aparentemente) frente à realidade (Orozco, 1991, s. p.).

Assim, a TV é também uma mediação, “como instituição social produtora de significados que ganham ou não legitimidade frente a sua audiência. Além de ser um meio tecnológico de reprodução da realidade, também a produz, provocando reações racionais e emocionais nos receptores” (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 69). A “mediação cultural”, também apontada por Orozco, ainda não está desenvolvida metodologicamente no modelo. Entretanto, como apontam Escosteguy & Jacks

(2005, p. 70), as “categorias analíticas como *comunidade de apropriação, comunidades de referência* ou de *reapropriação e comunidades de interpretação e/ou interpretativas*, permitem a exploração empírica e analítica desta mediação”.

Embora a inspiração do conceito de mediação adotado por Guillermo Orozco seja o formulado por Martín-Barbero, observa-se que nas investigações realizadas por Orozco o conceito tem sido entendido como “influências” no processo de recepção. “Neste caso, segundo a crítica, não conservam o sentido original; por isso, sua proposta descreve uma série de fontes de influências para compreender a relação da audiência com os meios massivos, o que não é objetivo de [Martín-Barbero]”, (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 71).

A crítica mais dura que se faz em relação ao “conceito de mediação” utilizado por Martín-Barbero e Guillermo Orozco é o de perpetuar a antiga dicotomia, nos estudos de comunicação, entre os pólos da emissão e da recepção, com a vantagem de que a ênfase é colocada neste último. Itania Gomes (2004, p. 217) aponta o que para ela fragiliza as formulações da teoria das mediações:

(...) ao insistir em colocar a ênfase nas mediações – porque isso servia a seus objetivos políticos – Orozco e Barbero reforçam uma visão dicotômica da comunicação, visão que, no nosso entendimento, já não dá conta de uma compreensão do processo comunicativo e nos impõe o desafio de superar esta disjunção entre os dois pólos da comunicação.

Uma outra questão que a mim faz pensar criticamente nas formulações de Orozco é a pretensão de associar a investigação da recepção com a educação dos receptores, o que para o autor tem o sentido de “emancipar a audiência” (1991, s. p.). No meu entendimento, essa idéia representa um deslize ou contradição no “modelo das multimediasções”, já que o autor fala da capacidade ativa da recepção de produzir e re-produzir sentidos a partir do conteúdo televisivo. Aliás, uma das críticas recorrentes ao trabalho de Guillermo Orozco, é que “sua proposta é tributária da tradição positivista, pois seu modelo das multimediasções não passa de estudo das influências” (Saintout, 1998 *apud* Escosteguy & Jacks, 2005, p. 107). Uma outra crítica recorrente é o fato das proposições de Orozco caracterizarem muito

mais uma intervenção política, à medida que pretende “educar a audiência” ou “emancipar a audiência”, que propriamente um modelo de investigação sócio-científico ou crítico-cultural (Escosteguy & Jacks, 2005, p. 108).

Tendo claro essas questões, utilizarei pontualmente as formulações destes autores, que têm contribuído em muito para os estudos de comunicação. A preocupação do presente trabalho é investigar o sentido dado pelos jovens do Assentamento Capela aos discursos sobre e para juventude na TV brasileira, partindo do pressuposto de que a televisão produz e dissemina saberes que convocam os telespectadores a refletir sobre si mesmo. Dito de outra forma, penso que os discursos da TV interpelam, convocam e incitam modos de subjetivação na contemporaneidade. É com esses pressupostos que passo a seguir a discutir a TV como produtora de discursos subjetivantes.

B- TELEVISÃO, DISCURSOS E SUBJETIVAÇÃO

2.4- FALANDO DE TELEVISÃO

“(...) a televisão me deixou burro, muito burro demais”. O refrão da música “Televisão”, da banda Titãs, que embalou a juventude brasileira na década de 80, é um exemplo do pensamento ainda corrente sobre esse eletrodoméstico, presente em mais de 50 milhões de lares do País. É lugar comum falar que a TV emburrece, como anunciava a canção; ou que ela aliena; que hipnotiza; que a TV vicia ou, ainda, que a televisão influencia. Não por acaso a tão citada influência é sempre para algo “ruim”, indesejável.

Uma das preocupações de pais, educadores e em certa medida de comunicadores é de que nossas crianças e jovens assistem televisão demais, que só aprendem coisas “ruins”, que a TV instiga a violência e tantos outros argumentos que superdimensionam os poderes da televisão na formação de novas gerações. Considero pertinente falar sobre televisão pelo menos por dois motivos. Reconheço que boa parte da formação de nossas crianças, jovens, e mesmo do universo adulto, passa pela televisão. Não há como negar que esse eletrodoméstico é um *lugar* onde aprendemos muitas coisas: sobre como se vestir na próxima estação; qual a tendência de cores para pintar as paredes de casa; uma receita de sobremesa nova, prática e barata para impressionar os amigos que vêm para o jantar; a banda *indie* que está “bombando” nas paradas nova-iorquinas; como impor limites às “pestinhas” que se tem em casa; e até em que nova patologia psíquica podemos nos reconhecer ou enquadrarmo-nos a partir dos sintomas apresentados numa reportagem de telejornal. São milhares de informações e aprendizagens fúteis e úteis que se somam, em horas diante do *écran*.

O outro motivo parece óbvio, já que o trabalho em curso investiga e especula, sobre as negociações de sentido, as mediações e os processos de subjetivação desencadeados pela recepção televisiva – mais especificamente dos discursos sobre e para juventude veiculados na TV – entre jovens de um assentamento de reforma

agrária. Nada mais justo que se apresente uma seção sobre esse difusor de idéias, sons, imagens, produtor de discursos e saberes que de alguma forma constituem o sujeito contemporâneo (Fischer, 1996; 2003). O objetivo aqui é percorrer o que se diz sobre televisão e como ela, a TV, tem um papel central na cultura brasileira. Além disso, trato da função pedagógica que a televisão desempenha em nossa sociedade e de como é parte significativa na formação e subjetivação dos sujeitos.

É pertinente perguntar se a TV tem todo esse poder que apregoam seus opositores. Ela tem de fato a capacidade de nos mandar fazer ou deixar de fazer algo? Pierre Bourdieu (1997), num momento não tão feliz, no seu livro *Sobre Televisão*, afirma que não se pode dizer grande coisa na TV, um veículo que não favoreceria o pensamento. Nas palavras de Bourdieu, a televisão “é construída sob o signo da urgência, da velocidade e da simultaneidade do tempo presente”. É importante ressaltar que o autor afirma isso numa tele-aula, ou seja, em um programa de televisão. Para Bourdieu (1997, p. 40), não se pode pensar com velocidade. O pensamento, segundo o autor, exige um certo afastamento temporal, uma certa distância, enquanto em condições de urgência a única coisa que se pode fazer é repetir “idéias feitas” já aceitas por todo mundo, banais, convencionais, o estereótipo, o pré-conceito.

O autor reconhece que essa oposição entre tempo, velocidade e pensamento é um pressuposto de Platão e um tanto aristocrática, pois parte do princípio de que na urgência não se pode pensar e que esse é o “o ponto de vista do privilegiado que tem tempo, e que não se interroga muito sobre seu privilégio”(idem). Mas Bourdieu não se explica e não justifica o elo entre o pensamento e o tempo. Arlindo Machado (2001, p. 12), comentando a afirmação do sociólogo francês, chama a atenção para o perigo dessa idéia, pois implica dizer que quem pensa não está em condições de agir, ou quem age não está em condições de pensar. Machado (2001, p. 129) argumenta que a velocidade da TV, especialmente das transmissões ao vivo ou

direta⁴⁵, “é antagônica não ao pensamento propriamente dito, mas à digressão intelectual”.

As idéias de Bourdieu⁴⁶ sobre televisão podem se somar às da música dos Titãs e muitos outros comentários, que partem de um pressuposto caracterizado por uma visão apocalíptica e muitas vezes depreciativa em relação a esse meio de comunicação. Infelizmente, apesar de uma certa mudança, a televisão sempre foi tratada – especialmente nos círculos acadêmicos e intelectuais – como fenômeno menor. “Como se fosse a vitrine dos lixos gerados pela indústria cultural e nada mais. Como se ver ou não ver televisão fosse mera questão de escolha sobre como passar o tempo ou, pior, de falta de escolha” (Bucci, 2000, p. 25). A televisão, para muitos, ainda hoje, não é coisa séria.

Ao contrário do que se apregoa contra a televisão, concordo com as idéias de Eugênio Bucci (2000, p. 27), para quem a excelência da TV no País reside justamente na razão pela qual ela vem sendo condenada pelo neo-elitismo. Ou seja, “o melodrama de fato é um sucesso, o telejornalismo é emocional, a publicidade lança modas. E tudo isso se confunde no espaço público” (idem). O autor nos alerta que é necessário entender como a novela consegue ter significados profundos além do óbvio, “que ela só é bem sucedida como fator de integração nacional porque tem uma visão de Brasil dentro de si e porque consegue se organizar em vários níveis de profundidade”. Ainda, segue Bucci (idem), é necessário entender como o telejornalismo acrescentou à regra geral da espetacularização “um andamento melodramático, quase como se fosse, ele próprio, uma peça de ficção”. E, argumenta, “é preciso entender por que a publicidade consegue mobilizar o país inteiro, mais do que partidos políticos, e por que os partidos políticos e os políticos são obrigados a se vender como mercadorias desejáveis para mobilizar alguém”.

⁴⁵ Para designar as imagens transmitidas *ao vivo*, dizemos em francês “*en direct*”, ou seja, de modo direto; em inglês, *live* (direto, ao vivo).

⁴⁶ Embora não concorde com muitos dos argumentos apresentados por Pierre Bourdieu sobre televisão, não há como negar que o aspecto apontado por ele da repetição das fontes é algo que empobrece a possibilidade de pensamento na TV e na sociedade de modo geral. Infelizmente, a repetição das fontes, os “habituais” da mídia, é algo que está em todos os meios de comunicação, não é exclusividade da TV, o que pode gerar uma espécie de pensamento social homogêneo, posto que não há espaço para novas fontes, novos falantes no espaço midiático.

Assim, para entender um pouco da realidade brasileira, é indispensável que se atente para essas proezas empreendidas pela televisão.

Reconhecer que a televisão exerce uma centralidade no espaço público brasileiro é muito diferente de entender esse veículo com um poder fora de controle sobre a audiência. Assim, os que crêem que a TV tem o poder de intervir na vida dos receptores, como se desse ordens de conduta, estão, ao meu ver, equivocados. Como anuncia Bucci (2004, p. 19) “a TV não manda ninguém fazer o que faz; antes [ela] autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já é feito”. A TV autoriza e legitima práticas de linguagem que se tornam confortáveis e indiscutíveis para a sociedade, “pelo efeito da enorme circulação e da constante repetição que ela promove. A TV sintetiza o mito” (idem).

Na mesma linha de pensamento, Arlindo Machado (2001) lembra que acusar a TV de estar povoada de banalidades é um equívoco, pois as coisas não são muito diferentes fora dela. Basta dar uma olhada na lista das maiores bilheterias cinematográficas ou nos dez livros mais vendidos na semana. O autor pergunta então “por que (...) a TV é constantemente acusada? [por que] somente ela paga pela culpa de uma mercantilização generalizada da cultura?” (Machado, 2001, p. 13).

Embora com diferenças na abordagem, Eugênio Bucci e Arlindo Machado tratam a televisão como um aspecto da vida cultural que se torna fundamental para entender a sociedade brasileira. Em concordância com isso, penso que compreender os processos de resignificação dos discursos televisivos sobre juventude, entre jovens do Assentamento Capela passa necessariamente por uma compreensão sobre os mecanismos de funcionamento e de centralidade da TV na nossa cultura.

2.4.1- A centralidade da TV na cultura brasileira

No prefácio do livro *Brasil em tempo de TV*, Eugênio Bucci (2000, p. 11) afirma que a televisão delimita o espaço público no País. “O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro”. A partir dessa

perspectiva, o autor vai tecendo argumentos que explicam e sustentam sua tese da centralidade da televisão na vida e no espaço público do Brasil.

O contexto e o modelo de implantação da televisão no país explica, em parte, segundo Bucci, o sucesso exemplar da TV por aqui. Experiência tão bem sucedida, de modo que o autor chega a dizer que tem “a sensação de que se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria” (Bucci, 2004, p. 31). O modelo de rede, que interliga o país de norte a sul, leste a oeste, foi pensado e implantado durante o período da ditadura militar, o que justifica em certa medida, a desconfiança e rechaço que prolifera em torno deste meio. Maria Rita Kehl (1986), Mauro Salles (1988), Eugênio Bucci (2000; 2004), dentre outros autores, já falaram exaustivamente sobre o papel que o modelo das grandes redes de TV generalista no País teve na integração nacional e, conseqüentemente, na viabilização do projeto militar durante longos 21 anos.

Alguns aspectos desse processo apontados por Kehl (1986, p. 170) no artigo *Eu vi um Brasil na TV* merecem ser lembrados. O texto em questão, embora seja dedicado exclusivamente à análise da Rede Globo, serve para compreendermos a formação das grandes redes como fator da integração nacional. “Essas imagens únicas que percorrem simultaneamente um país tão dividido como o Brasil” – escreve a autora – “contribuem para transformá-lo em um arremedo de nação, cuja população, unificada não enquanto ‘povo’ mas enquanto público, articula uma mesma linguagem segundo uma mesma sintaxe”. Segundo Kehl, o conteúdo dessa linguagem importa menos que seu papel unificador, uniformizador, pois a integração se dá ao nível do imaginário.

Dessa forma, as tensões, as contradições violentas que povoam o plano do real são, segundo esse pensamento, deixadas em segundo plano. Mesmo com o fim da ditadura e seu projeto autoritário, esse modelo permanece, e a idéia de grandes espetáculos que unam os brasileiros em torno da TV e de um acontecimento ainda funciona. Se pensarmos no ano de 2006, podemos enumerar, além da Copa do Mundo, na Alemanha, e das eleições presidenciais, outros eventos como o *show* dos *Rolling Stones* na praia da Copacabana, no Rio de Janeiro; a ida do primeiro

astronauta brasileiro ao espaço; a preparação dos Jogos Pan-Americanos no Rio em 2007, para citar só alguns, que garantem o fôlego do que Bucci (2000, p. 33) chama de constante na TV brasileira, ou seja, a necessidade de eventos que tenham a pátria por objeto. “Tudo aquilo que clame pela confraternização, pelo conagraçamento, pela união da pátria é vital na programação da TV” e aí, segue o autor, valem as tragédias, os eventos esportivos, as festas populares, como o carnaval e o São João, as datas religiosas, tudo que de alguma forma nos lembre que somos uma pátria. Do contrário, afirma Bucci, o veículo define, pois é desse movimento de fazer a audiência vibrar unida que a TV se alimenta.

Um aspecto importante que explica e exemplifica ao mesmo tempo a centralidade da TV na cultura brasileira é o sentido de brasilidade, que foi e é cotidianamente construído a partir da telinha. Ou seja, o Brasil se conhece e se reconhece na e pela TV, o que dá a sensação de só existir o que está na TV. “O Brasil (...) fora da TV foi perdendo sua legitimidade no espaço público, como se se tratasse de um Brasil menos importante, menos conseqüente, menos verdadeiro” (Bucci, 2000, p. 14). Segundo o autor, o jeito próprio que a televisão inventou de ver o país, contaminou o modo de olhar dos cidadãos. Reside aí a força da TV na nossa cultura, pois foi a televisão que forneceu ao brasileiro sua auto-imagem, não foi como em outros países o cinema, a literatura, não foi a imprensa. E aí, não está nenhuma espécie de valoração, apenas a constatação de que no Brasil, em grande parte, foi e é a TV que produziu ao país a auto-imagem.

A TV no Brasil se tornou o fórum por excelência para a tematização dos assuntos que constituem com seu fluxo o próprio imaginário nacional. No artigo *Ainda sob o signo da Globo*, Eugênio Bucci (2004b, p. 221) defende que o espaço público nacional é hegemonicamente mediado pela televisão e argumenta que a Rede Globo é um palco do espaço público que ela mesma delimita. “Ela [a Rede Globo] soube forjar uma gramática universalizante através da combinação do melodrama (a novela) com o telejornal, num repertório dinâmico em que a nacionalidade se reconhece e se reelabora” (idem). Segundo o autor, a Rede Globo impôs o modelo brasileiro de televisão: aquela que informa, entretém e procura

pacificar onde há tensões e unir onde há desigualdades. Nesse sentido, podemos observar todos os dias nos telejornais, e não apenas na Rede Globo, a tentativa de amarrar sentidos, de dar desfechos surreais para os problemas enfrentados pelos brasileiros. As imagens de tragédias, inundações, desmoronamentos, por exemplo, que antes são o resultado do descaso público, de falha nas administrações e ausência de uma política pública de habitação que garanta o mínimo de dignidade aos cidadãos, são sempre permeadas ou finalizadas com um discurso conformista das vítimas, apontando como origem dos problemas brasileiros o plano do divino e sobrenatural, nada nos restando a fazer.

É interessante apontar ainda o que Bucci (2004b, p. 224) denomina o dueto entre fato e ficção na televisão brasileira. Para o autor, a telenovela é a responsável pelo estabelecimento do hábito do brasileiro ver TV. “Elas [as telenovelas] inventariaram, consolidaram e sistematizaram o repertório da vida privada brasileira” (idem). Mais que isso, a telenovela e o telejornalismo “pactam entre si uma divisão de trabalho para a consolidação discursiva da realidade”. Eugênio Bucci nos chama a atenção para o sinal trocado entre fato e ficção na TV brasileira. Certas formulações do telejornalismo mais parecem peça de ficção e muitos dados da realidade bruta entraram para a pauta nacional através das telenovelas.

É nesse contexto, de sinais trocados, que estão inseridos programas como *Malu Mulher*, que no final da década de 70 abordava o processo de liberação da mulher, ocupando espaços no mercado de trabalho, e as mudanças na estrutura da família nuclear. Ou que há onze anos *Malhação* impinge a narrativa do “politicamente correto” e fala de sexualidade, gravidez na adolescência, racismo, AIDS e uma série de outros temas caros à juventude brasileira. É também desse viés “realista” da telenovela que aborda temas tabus no noticiário, que a luta dos Sem Terra logrou espaço na televisão, nas palavras de Bucci, foi a partir da novela *Rei do Gado*⁴⁷ que o MST ganhou o espaço público no Brasil.

⁴⁷ Novela da Benedito Ruy Barbosa, exibida entre junho de 1996 e fevereiro de 1997, no horário nobre da Rede Globo.

A centralidade da televisão na vida cultural do País tem como consequência, entre outras, a função de estatuto de realidade dado ao meio. Ou seja, a visibilidade social foi ficando tão amarrada à tela da TV que, para existirem, os fatos precisam acontecer ou aparecer na televisão. “Pode-se dizer sem o menor risco de exagero que as coisas só acontecem de verdade no Brasil quando acontecem na TV. Isso faz dela uma sede, por excelência, do que chamamos de espaço público” (Bucci, 2004b, p. 228).

Se, como procurei demonstrar até agora, a televisão produziu uma auto-imagem de brasilidade, se a TV ajudou a organizar a sociedade brasileira, se a TV é lugar de aprendizagens sociais, então podemos afirmar sem receios que esse veículo de comunicação é uma ferramenta importante na produção e disseminação de discursos, saberes e modos de estar na sociedade (Fischer, 1996). Ou, como afirma a autora: “os meios de comunicação [a televisão especificamente] constroem significados, e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais” (Fischer, 1997, p. 62).

2.4.2- Televisão: do dispositivo pedagógico e produção do sujeito

A compreensão do processo comunicacional como um fluxo contínuo, em que não se separam as intenções do produtor de um programa televisivo dos “novos” sentidos dados pela recepção deste mesmo programa, norteia o presente trabalho. Embora a análise esteja focada na recepção, ou seja, nas relações estabelecidas entre jovens de um assentamento de reforma agrária com os discursos televisivos que nomeiam e produzem modos de ser jovens na contemporaneidade, entendo não ser possível desconsiderar o campo da produção, os saberes e discursos construídos nessa esfera do processo de comunicação e que esses repercutem na recepção.

Os pressupostos que levo em consideração na análise da recepção dos discursos sobre e para a juventude entre jovens do Assentamento Capela partem do entendimento de que os meios de comunicação, notadamente a televisão, são parte

constitutiva do sujeito contemporâneo, desempenhando um papel pedagógico na formação do sujeito receptor. É o que Rosa Fischer (1999) denomina o “dispositivo pedagógico da mídia”. Para a autora (1996; 1997),

“Os meios e os produtos de comunicação e informação, ao sofrerem uma cuidadosa análise, afirmam o estatuto da mídia não só como veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica”.

Em suas análises do “dispositivo pedagógico da mídia”, a autora (1996) privilegia o campo da produção (um vídeo, um capítulo de novela, um filme, uma reportagem). Justificamos o uso dessas reflexões sobre o campo da produção em um estudo que tem como foco a recepção, devido à busca, nos estudos de comunicação, de novos paradigmas que dêem conta do processo complexo que constitui o processo comunicacional. Como afirmam os estudos de recepção (Martín-Barbero, 2003; Orozco, 1991), a audiência não se constitui de sujeitos passivos, embotados pelos discursos e saberes do campo da produção; e, as telenovelas, por exemplo, não seriam apenas fontes de alienação, mas igualmente *locus* de constituição de identidades e de subjetividades. Por outro lado, também não podemos desconhecer a capacidade de o campo da produção interferir nesse processo de formação de subjetividades. Esse novo lugar da audiência, proposto pelos Estudos Culturais, Mauro Wilton de Souza (1995) descreve o sujeito-receptor como aquele que vai além de mero consumidor de discursos, imagens e sons, mas ator no espaço de produção cultural.

Assim, entendo que não é mais possível falar de etapas estanques no processo comunicacional (emissor, meio, mensagem, receptor). Prova da possibilidade de um campo interferir em outro, possibilitado em certa medida pelas novas tecnologias, é que, não raro, nas telenovelas a audiência pode definir o destino de um personagem, abreviando a sua trajetória na trama ou dando-lhe sobrevida, fazendo crescer uma história que seria originalmente menor na peça ficcional. Por outro lado, o campo da produção interfere em maior ou menor medida nas nossas vidas, subjetivando-nos cotidianamente. No artigo *Técnicas de si*

na TV: a mídia se faz pedagógica, Fischer (2000, p. 115) explicita o conceito de dispositivo pedagógico da mídia, como sendo:

“(...) um aparato discursivo e ao mesmo tempo não discursivo (toda a complexa prática de produzir, veicular e consumir TV, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político) a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre ‘si mesmo’, à revelação permanente de si, práticas que vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e apreendidos de ser e estar na cultura em que vivem”.

Para a operacionalização de suas análises, Fischer utiliza as categorias “tecnologias do eu”, de Michel Foucault, relacionada nos diversos modos de subjetivação em uma determinada formação social. São precisamente os conceitos do “dispositivo pedagógico da mídia” (Fischer), “tecnologias do eu” e “modos de subjetivação” (Foucault) que interessam para a análise da recepção televisiva dos discursos para e sobre juventude entre jovens do Assentamento Capela. Isso porque a televisão – seus programas e discursos para e sobre a juventude – está permeada de sugestões de como se portar e comportar na sociedade, diante do grupo de amigos e de si mesmo. Embora observemos outros espaços de mediações dos discursos televisivos, há que se considerar que na nossa cultura a televisão tem um papel constituinte dos sujeitos e das sociabilidades. Diria que a TV atua quase como uma instituição de regulação, que orienta desde os temas das conversas de bar entre os amigos, até o modo como encaramos aspectos mais sérios de nossa vida, como a sexualidade.

Zygmunt Bauman (2001, p. 78), no livro *Modernidade líquida*, nos fala de que uma das razões do sucesso de programas de entrevistas que estampam vidas de celebridades ou anônimos e de como o sucesso dos *talk shows* estaria relacionado com as “lições” exibidas neles. Segundo o autor, o êxito deste tipo de programação está na resposta que dá à necessidade do público de ver como o “outro” agiu diante de desafios que podem ser os seus. Pensando no que diz Bauman, podemos seguir assinalando que a recepção se utiliza dos depoimentos e histórias de vida exibidos nos *talk shows*, reelaborando-os e dando sentido a essas experiências em suas

próprias vidas. Também podemos dizer que o campo da produção, ao selecionar essa ou outra história, como exemplo de vida, interfere no campo da recepção, de modo que no mínimo dá acesso a determinadas experiências ou modelos e não a outras. É nesse sentido, de ser um lugar de seleção, produção e disseminação de discursos, saberes e modos de ser que Fischer (1997) aponta os aspectos que consolidam a televisão como um lugar de produção de sujeitos, o que lhe confere uma função pedagógica.

Concordo com Thompson (1998), quando assinala que os estudos de recepção têm apontado que a apropriação dos bens culturais midiáticos é um processo complexo, que envolve uma atividade contínua de interpretação e assimilação do conteúdo, com base nas características de uma experiência socialmente estruturada de indivíduos e grupo particulares. Penso que há de se fazer uma engenhosa arquitetura teórica capaz de dar elementos para empreender uma análise junto a receptores, com aspectos tão peculiares como o fato de serem jovens, terem na sua formação a forte presença de um movimento social como o MST cuja concepção em relação aos meios de comunicação é de um lugar de proliferação do “lixo” cultural (Ademar Bogo, 2000), mas que, ao mesmo tempo, estes sujeitos se utilizam dos discursos televisivos para a construção de modos de ser jovem, de ser um igual, como mostraremos na parte analítica deste trabalho.

Pretendo a partir das entrevistas e observação de campo identificar como os jovens se utilizam no cotidiano de algumas “práticas de si”, propostas na TV; como se colocam a pensar sobre a própria imagem, de como agir com seus pares, como os diversos discursos para e sobre juventude da TV concorrem no processo de constituição desses sujeitos, nos modos de subjetivação⁴⁸ de uma juventude Sem Terra. Mais, identificar o uso dessas sugestões televisivas: de como agir dentro do “politicamente correto”; de como e quando iniciar a vida sexual; ou coisas mais

⁴⁸ Conforme pensado por Foucault (1995; 2005; 2004), as práticas de si são “as (...) que constituem e medeiam certas relações da pessoa consigo mesma” (2004, p. 471), ou ainda “o processo pelo qual se obtém a constituição de um [certo tipo de] sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (2004b, p. 262)

triviais de construção de imagem, identificações com estereótipos exibidos nas tramas televisivas, etc.

No artigo “*Técnicas de si*” na TV: a mídia se faz pedagógica, Fischer (2000, p. 114) identificou e analisou minuciosamente como a TV elabora “procedimentos e técnicas de falar aos indivíduos e aos grupos, de interpelá-los em termos sociais, afetivos, políticos, econômicos; também de incessantemente fazê-los falar e de, ao mesmo tempo, devolver-lhes suas falas e ditos a partir da voz de inúmeros especialistas”. A autora identificou como as categorias das “técnicas de si” de Michel Foucault são sugeridas na programação televisiva. Desse modo, analisa como as *técnicas de confissão* (sobre a intimidade, os erros, os desejos, a sexualidade), *da culpabilização*, *de moralização das práticas* (lições de moral, códigos de comportamento), *o exemplo de vida*, *da auto-avaliação*, *de autotransformação*, enfim, do governo de si pelo governo dos outros são propostos na programação da TV. Todo esse trabalho será importante na análise da recepção na medida que se possa identificar enunciados, falas, comportamentos dos sujeitos investigados e como estes tomam como seus saberes e normas apresentados pelos discursos para e sobre juventude veiculados na televisão.

Segundo Fischer (2000, p. 117) a televisão tem uma função formadora, subjetivadora e, tal como a escola, se vale de certas técnicas de produção de sujeitos e mais, um tipo específico de sujeito que “deve” olhar para si mesmo, se auto-avaliar, refletir sobre seus atos, expor suas sensações, suas dores, seus julgamentos. Procedimentos estes também presentes no cotidiano e filosofia do MST que entende que o sujeito deve *construir-se*, *fazer-se* e *transformar-se* a partir do que denominam de “novas relações” com ele mesmo, com os pares, com a natureza, com a comunidade.

Resta então como preocupação do presente trabalho descrever de que maneira esse modo de educar dos meios de comunicação, no caso, da televisão, subjetiva jovens do meio rural. De que modo produtos culturais, como as telenovelas, que representa uma juventude bela, urbana, de classe média e alta, reverberam em jovens de classe popular, do meio rural?

2.4.3- O discurso televisivo como modo de subjetivação

Como procurei mostrar até agora, os modos de subjetivação (Foucault, 2006) estão relacionados a uma série de práticas exercidas pelo sujeito sobre ele próprio com o objetivo de alcançar um determinado estilo de vida, modos de ser na sociedade; se, como explica Larrosa (1994, p. 43)

(...) a experiência de si não é senão resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade.

Então, podemos nos perguntar quais os discursos verdadeiros de nosso tempo, onde e como o sujeito se constitui neste início de século XXI. Como se produzem e como entram em circulação não só técnicas de transformar a si mesmo (Fischer, 2000, p. 114), mas como os indivíduos reagem a um conjunto de textos que tratam de “discursos de verdade” sobre o “si”.

A escola, a família, a igreja, ainda permanecem, nos dias de hoje, como lugares de produção de discursos subjetivantes, entendidos aqui como os discursos que convocam o sujeito a debruçar-se sobre si, a refletir sobre a construção de si. Entretanto, uma série de espaços, especialmente os ligados a redes de comunicação, ocupam atualmente um papel privilegiado na produção de discursos verdadeiros e, portanto assumindo função importante na constituição do sujeito contemporâneo.

Os meios de comunicação, especialmente a televisão, como apontado antes, têm assumido um espaço cada vez maior na formação dos indivíduos. Se por um lado cresce o que os produtores televisivos chamam de prestação de serviços, observando as grades de programação da televisão aberta percebemos que há uma proliferação de programas cujo objetivo é revelar a verdade íntima de celebridades e anônimos. Essa revelação da intimidade não tem um nicho exclusivo na programação, é quase transversal, ocupando espaços em programas de variedades

ou femininos – como *Estrelas*⁴⁹, *Vitrine*⁵⁰ ou *Charme*⁵¹ -, mas também em telejornais: *Jornal Hoje*⁵², *Jornal da Globo*⁵³, *Jornal do SBT*⁵⁴; *Fantástico*⁵⁵; *Domingo Espetacular*⁵⁶; programas esportivos: *Esporte Espetacular*⁵⁷; *Globo Esporte*⁵⁸, *Esporte Total*⁵⁹. Essa exposição da intimidade, essa indefinição das fronteiras do que é público e do que é privado é algo muito característico de nosso tempo. Bauman (2001, p. 82), comentando o que denomina “modernidade líquida”, afirma que, ao compartilharem experiências consideradas íntimas em programas de entrevistas, anônimos e celebridades *legitimam* o discurso público sobre questões privadas. “Tornam dizível, o indizível, o vergonhoso, decente e transformam o feio segredo em questão de orgulho” (idem).

O autor chama a atenção ainda para o fato de que, por se tornarem adequados para discussão pública, estes problemas não se transformam em questões públicas, eles entram em debate e, precisamente, aí está o interesse, em sua condição de assuntos privados. Por serem expostos ao público, segue Bauman, “são

⁴⁹ Programa apresentado por Angélica, exibido aos sábados na Rede Globo que se preocupa em revelar a intimidade de “estrelas” da televisão, esporte, música, etc. O formato é o de entrevistas, com quadros fixos como “dicas”, “meu cantinho”, “vida saudável”.

⁵⁰ Revista eletrônica exibida semanalmente (às sextas-feiras, às 21h) pela TV Cultura de São Paulo, mostra os bastidores do mundo cultural brasileiro. Com entrevistas e reportagens, os protagonistas são celebridades e anônimos que realizam alguma atividade artística.

⁵¹ Programa diário apresentado por Adriane Galisteu, no SBT. Trata de temas polêmicos quase sempre relacionados à sexualidade, sempre com o auxílio de especialistas como psicólogos, terapeutas e celebridades, dirige-se ao público feminino.

⁵² Telejornal exibido no horário das 13h15min diariamente de segunda a sábado na Rede Globo.

⁵³ Telejornal noturno, exibido de segunda a sexta-feira na Rede Globo. No período da Copa do Mundo da Alemanha, por exemplo, foi exibido uma série de entrevistas com jogadores da seleção brasileira. Na série foi explorada exaustivamente as dificuldades por que passaram os jogadores Ronaldo, Ronaldinho e Cafu na infância pobre e como eles venceram os obstáculos.

⁵⁴ Telejornal exibido de segunda a sábado pelo SBT.

⁵⁵ Revista semanal exibida aos domingos na Rede Globo mistura quadros de ficção, documentários, jornalismo e entrevistas com celebridades.

⁵⁶ Revista semanal exibida aos domingos na Rede Record, além das entrevistas com celebridades revelando sua intimidade, o programa exhibe uma série sobre escândalos envolvendo celebridades nacionais e estrangeiras.

⁵⁷ Programa esportivo da Rede Globo exibido aos domingos (9h30min às 12h). Apresenta entrevistas, bastidores do mundo esportivo, além de exibir grandes reportagens sobre a trajetória de esportistas quase sempre histórias associadas a palavras-chave como persistência, superação, perseverança, etc.

⁵⁸ Programa de esportes da Rede Globo exibido de segunda a sábado (12h30min).

⁵⁹ Programa esportivo exibido na Rede Record de segunda a sexta.

reafirmados como privados e emergirão da exposição pública reforçados em seu caráter privado” (idem).

Vivemos assim o que poderia ser denominado como uma cultura da confissão. Somos incentivados, incitados, conclamados a dizer tudo sobre nós mesmos. Quanto mais íntimo for o tema a ser apresentado mais interessante parece ser. É então nesse jogo de esconde e revela que são produzidas as grandes *estórias* de nosso tempo. Na década de 1990 os telespectadores do mundo inteiro acompanharam o infortúnio de um ícone da exposição da privacidade, falo da Princesa da Inglaterra Diana, cuja vida fora devassada até a hora da morte. Fischer (2000, p. 114) alerta que refletir sobre o esmaecimento da fronteira público e privado não é somente “perguntarmo-nos sobre a responsabilidade da mídia nessa super exposição das intimidades, mas de indagarmos sobre como as sociedades contemporâneas realizam o debate do que é *público*, definem o que é a palavra pública, orientam o que seria a *cena social*”. Pois, embora se debruce sobre temas diretamente ligados à linguagem, estratégias de construção de produtos culturais, não se pode negar que esta é “sobretudo, uma discussão sobre poder e formas de subjetivação” (ibidem, p. 115).

A televisão e os discursos disseminados por ela trabalham com a lógica de produzir saberes que impulsionam o aperfeiçoamento corporal, espiritual e moral. Senão vejamos: Tomarei como exemplo para demonstrar a maneira como a TV e seus discursos trabalham no sentido de construção de subjetividades e disseminação de um ideal de corpo e beleza, por exemplo, a partir da breve análise da série de reportagens “Questão de Peso⁶⁰”.

Durante quatro meses, a série de reportagens “Questão de Peso” explicou aos telespectadores “por que é tão fácil engordar e tão difícil emagrecer⁶¹”. As reportagens versavam sobre os hábitos alimentares de pessoas que vivem em

⁶⁰ O quadro apresentado pelo médico Dráuzio Varella, no programa *Fantástico* da Rede Globo. A série foi transmitida aos domingos entre fevereiro e maio de 2005. Escolhi essa série, como exemplo, por ter sido referida por uma das entrevistadas como um lugar em que aprendeu muito “sobre saúde e como cuidar do corpo”.

⁶¹ O apresentador Zeca Camargo, no texto de chamada do primeiro capítulo da série, anuncia que o Doutor Dráuzio Varella iria explicar tudo sobre por que é fácil engordar e difícil emagrecer.

grandes centros urbanos, estatísticas sobre obesidade no Brasil e no mundo e a razão do ser humano escolher *naturalmente* os alimentos gordurosos, ao invés de preferir uma salada, por exemplo. A partir deste pequeno resgate do que foi veiculado num dos episódios da série, é possível observar os ditos de verdade da saúde e da ciência, não por acaso o apresentador é um médico. A série mostrou relatos tortuosos de pessoas que tentavam emagrecer, que testaram todas as dietas possíveis sem resultado e os casos de obesidade mórbida. Os títulos dos episódios por si já merecem uma análise: “Descontrole alimentar dos comedores compulsivos”, “Você sabe controlar o apetite?”, “O mal da obesidade infantil”, dentre outros.

Em síntese podemos destacar alguns discursos com efeito de verdade que a série transmitiu: a) Questão de peso é uma questão de saúde; assim o discurso que exclui, discrimina e responsabiliza o indivíduo pela sua condição indesejável de gordo, trata não da busca de aceitação pelo outro, nem de um corpo belo e esguio, mas da busca por saúde; b) O discurso coloca a Questão de peso como questão de morte, ou seja, o fato de não seguir o que prescreve o programa (uma alimentação equilibrada, saudável, a prática de exercícios, etc.) corre-se riscos e deve-se assumir as conseqüências, a mais trágica de todas: a morte. No último episódio a “vítima” declara ter escolhido viver, por isso está seguindo as orientações apresentadas pelo doutor Dráuzio. Fica o temor junto aos telespectadores: todos somos vítimas em potencial.

É importante ressaltar que a TV trabalha com discursos de certa forma paradoxais. A cobertura feita sobre o perigo da anorexia entre as jovens, após a morte de duas garotas que sofriam desse transtorno alimentar, é o outro lado dos discursos que regulam a forma ideal dos corpos. É como se alertasse: “Deve-se ser magra, mas não a ponto de atentar sobre a própria vida”.

Recorro a estes exemplos para pontuar momentos em que a televisão explicitamente prescreve comportamentos, ensina como as pessoas devem agir no seu cotidiano, cobrindo de sentidos ações microscópicas como separar o lixo, ler, praticar exercícios físicos, evitar acidentes no trânsito, se alimentar de forma

saudável, etc. Numa análise mais detalhada é possível verificar mecanismos sutis em que a TV orienta como *se governar a si mesmo* (Foucault, 1997). Pensando, como Guillermo Orozco (1991), que a TV é uma instituição social e por isso uma mediação e que, portanto cumpre um papel na elaboração dos sentidos dados aos discursos que ela mesma e outras instituições sociais disseminam, podemos concluir, ainda, que esse meio é ao mesmo tempo poder e resistência.

SEGUNDA PARTE

**SUJEITOS DA PESQUISA: INSERÇÃO SOCIAL E
HISTÓRICA**

3- LOCUS E SOCIABILIDADES

A- ASSENTAMENTO CAPELA: A PAISAGEM DA PESQUISA

(...) Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no universo...
 Por isso a minha aldeia é tão grande
 Como outra terra qualquer
 Porque eu sou do tamanho do que vejo (...).

Os versos do poeta Fernando Pessoa me servem de entrada para o texto que sinto mas, ainda tateio as palavras para fazer-lhe concretude. Foucault (2001a, p. 5) fala que ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Se, como afirma Barthes (2004, p. 24), o prazer do texto é esse momento em que o corpo vai seguir suas próprias idéias – posto que “o meu corpo não tem as mesmas idéias que eu”, me deixo levar pelas impressões do meu olhar. E assim como Pessoa, “o que vejo a cada momento é aquilo que nunca antes eu tinha visto”. Distante do cenário e do contexto em que o poeta escreveu esses versos, algo de pertinente resiste: “Porque eu sou do tamanho do que vejo”, só que em nosso tempo o ver está descolado do estar. Assim, vemos e vivemos muito além de nossa aldeia. Dito isso, passo então, a descrever o Assentamento Capela, o lugar do qual se fala nesta dissertação.

Um alerta talvez seja prudente fazer ao leitor. Ao traçar as linhas do que seja o Assentamento Capela, algumas questões precisam ser clareadas: uma, é que se trata do meu olhar sobre um assentamento, um rural do Brasil, ou do que socialmente convencionou-se chamar rural. Afinal, como definiu Foucault os discursos, muito além de conjunto de signos, são práticas que forma sistematicamente os objetos de que falam (2004, p. 55). Assim o rural constitui-se a partir da delimitação discursiva do que é urbano e do que é rural. Outro aspecto importante é que procuro, por conta desse entendimento explicitado há pouco, distanciar-me das narrativas épicas, da idéia de um lugar feliz, inocente, bucólico, neobucólico e reflexivo que permeia as narrativas sobre o rural.

O Assentamento Capela, localizado no município de Nova Santa Rita, região metropolitana de Porto Alegre (RS), distante uns 45 km da capital, é o segundo em extensão territorial no Rio Grande do Sul. São 2.406 hectares que se derramam numa planície irregular. Dali, em noites claras vêem-se as luzes das cidades que rodeiam o lugar. Ao leste Porto Alegre, a nordeste Triunfo e o Pólo Petroquímico, a oeste os municípios de Capela de Santana e Montenegro. Não é um rural ermo, longínquo, é um rural que se constitui quotidianamente a partir da relação com as cidades que o cercam. Seus moradores, 100 famílias oriundas de uma dezena de municípios da região norte do Estado, têm sua renda garantida a partir da relação mercantil estabelecida com estas cidades.

A população do assentamento está distribuída em quatro núcleos habitacionais, em sistemas de agrovilas: Coopan; Barragem; Santa Clara e Santa Maria. As casas apresentam construções que revelam as diferenças: do poder aquisitivo da família, de gostos e até de arquitetura mais urbanas ou rurais⁶². Os núcleos ou agrovilas formaram-se em torno de pontos de aproximação: sócios de uma cooperativa; pessoas vindas dos mesmos municípios; vizinhanças estabelecidas pela distribuição dos lotes dispostos pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) ou durante o acampamento e opções políticas da organização da produção.

As casas de modo geral têm boa infraestrutura, construções de alvenaria que medem em média 90 m². As famílias possuem eletrodomésticos básicos, mas há objetos que funcionam como elementos de distinção, que sinalizam “os que deram certo”, que souberam gerir melhor os recursos destinados pelo Governo Federal no período de implantação das famílias no assentamento e das apostas pela diversificação, cooperação na produção, entre outros fatores. Dentre os bens que

⁶² A localização do banheiro, por exemplo, nas construções tradicionais do meio rural são construídas como apêndices das casas ou se muito com uma porta para a rua. A idéia é garantir a ordem dentro de casa proporcionando a volta da roça, da lida, direto para o espaço de asseio. Além disso, a herança rural também se expressa através da construção de porões que na maioria das casas vira o principal espaço de sociabilidade é onde se reúnem os amigos para tomar chimarrão e “jogar conversa fora”.

servem como distinção, além da casa, estão: o automóvel, eletroeletrônicos (aparelho de Cd, vídeo cassete, DVD, microondas, freezer).

As atividades econômicas são múltiplas, entre agrícola e não-agrícola. Como observado por José Graziano da Silva (1996), o espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola. É significativa a redução de pessoas ocupadas na agricultura, ou exclusivamente na agricultura, dado que se associa ao aumento do número de pessoas residentes no campo com atividades não agrícolas e ao aparecimento de uma camada relevante de pequenos agricultores que buscam combinar a agricultura com outras fontes de rendimento, não necessariamente vinculadas diretamente ao processo de produção agropecuário. No Assentamento Capela, por exemplo, a Coopan (Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita) reúne 32 famílias, cerca de 50 pessoas, e desenvolve atividades tradicionalmente agrícolas como o plantio de arroz e a criação de porcos, mas também atua em ramos da agroindústria como o abate e comercialização de suínos, beneficiamento do arroz e a industrialização do leite (em processo de implantação).

Os sociólogos caracterizam esse fenômeno crescente no meio rural como pluriatividade. As atividades produtivas da cooperativa dos assentados extrapolam o limite da atividade primária, partindo inclusive para a industrialização. Para se ter uma idéia da diversidade de atividades produtivas do Assentamento, podemos listar: produção de leite, avicultura, plantio de arroz ecológico, acácia e eucalipto, cana-de-açúcar e derivados (cachaça e melado). Há, ainda, as atividades realizadas em cidades vizinhas que também garantem renda para as famílias assentadas. Grande parte das mulheres não se dedicam ao trabalho no campo, quase sempre saem para trabalhar como diaristas nas cidades de Canoas e Porto Alegre. As com maior escolarização atuam como professoras nas Escolas do MST ou compõem o setor de educação do movimento numa atividade mais militante, mas que lhes garantem remuneração. Observa-se ainda, em menor proporção, a existência de funcionários públicos municipais, operários da indústria calçadista, trabalhadores da construção civil; transporte; costura ; comércio porta-a-porta e jardinagem. Em períodos determinados como a colheita da uva e do pêssego, há levas de assentados

que garantem uma renda extra em serviços temporários na serra gaúcha, além do corte de lenha no município de Nova Santa Rita, às vezes no próprio assentamento.

A pluriatividade, fenômeno que se observa no Assentamento estudado, é ainda novidade no meio rural brasileiro, e pode vir a se tornar em um movimento mais constante de novas formas de produção a se desenvolverem no campo. Não quero, contudo, reduzir a compreensão dessa prática, pouco estudada⁶³, à tendência ao desaparecimento do agricultor em tempo integral ou a mais uma forma de exploração da mão de obra rural, mas considero relevante estar atenta a um momento de reorientação da capacidade produtiva da população residente no campo que se expressa em novas formas de organização da atividade agrícola como uma alternativa ao êxodo rural, ao desemprego urbano, e ao padrão de desenvolvimento agrícola do agronegócio⁶⁴.

3.1- HETEROGENEIDADE E ESPAÇO SOCIAL

Mesmo em um contingente populacional pequeno como no Assentamento Capela, observamos a heterogeneidade como traço que marcam tanto as origens, as formas de fazer produzir a terra, o nível de relação com o MST e suas regras, além das diferenças econômicas e sociais. A renda agrícola média de uma família no Assentamento é de dois salários mínimos mensal; esse valor pode crescer, caso outros membros da família trabalhe, no assentamento ou fora dele. No Assentamento Capela, podemos verificar famílias com três, quatro filhos que

⁶³ Ver: Carneiro, M. J. Pluriatividade no campo: o caso francês. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 32, ano 11, p.89-104. 1996. Anjos F. S. dos, *A agricultura familiar em transformação: o caso dos colonos operários de massaranduba (SC)*, Pelotas: UFPEL, 1995 (dissertação de mestrado). Como observado por Carneiro (1996) outros autores ainda que não recorram à noção de pluriatividade descrevem e analisam sistemas de reprodução social que combinam atividades agrícolas com não-agrícolas (ver entre outros: A Garcia Jr. *Sul: o caminho do roçado*. São Paulo/Brasília, Marco Zero/UnB, MCT-CNPQ, 1989).

⁶⁴ O agronegócio, ou seja, agricultura voltada para a produção de grãos para exportação, tem sido criticada pelo MST, movimentos ambientalistas e por integrantes do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), órgão ligado ao governo federal. A principal crítica está em torno do que denominam custo final do agronegócio. Para esses movimentos, o agronegócio apresenta um alto custo ambiental causado pelos desmatamentos e desperdício de água limpa e o custo social, concentração de renda no campo, êxodo rural e desemprego no campo.

apenas o homem trabalha. Embora, haja casos de famílias com cinco pessoas que todos trabalham e geram renda.

A partir da origem (“os gringos” e os “brasileiros”) e renda da família, podemos identificar distinções, tensões, cooperação e disputas no interior do Assentamento. Há, desde a implantação do assentamento uma disputa que gira em torno do projeto produtivo (cooperativa ou trabalho individual) e, mais recentemente, orgânico ou convencional. Embora menos acirrada, essa disputa permanece e é a base da distinção dos grupos populacionais no assentamento. Mesmo dentro do grupo que trabalha de forma cooperada nota-se a heterogeneidade, tanto que desde 2004 testa-se formas de remuneração diferenciadas entre os sócios⁶⁵.

O lazer, ou a falta de opções de lazer é sempre uma reclamação, tanto entre os adultos, como entre os jovens. As crianças talvez sejam as mais beneficiadas quando lazer é o critério, além da liberdade para correr, brincar e andar de bicicleta, existe no assentamento dois parques do tipo *play ground*: um na Escola Municipal e outro na agrovila da cooperativa construído com pneus usados, numa lógica de reciclagem muito adotada atualmente no interior do MST. Além disso, as crianças filhos dos sócios da cooperativa freqüentam uma creche⁶⁶ montada e financiada pelos próprios pais.

Na sede da cooperativa funciona uma bodega nos fins de semana, que reúne gente de todo o assentamento e que serve de local de realização de almoços coletivos em datas comemorativas, como dias das mães, pais, natal, final de ano.

⁶⁵ A remuneração diferenciada numa cooperativa do MST, cujo modelo original é o leninista de coletivização total como apontado no capítulo sobre a história do movimento, significa uma ruptura com esse princípio coletivista de igualdade de trabalho e remuneração. Ao longo dos 12 anos de existência da COOPAN observou-se que há diferenças na produtividade de um sócio para outro, além do nível de responsabilidade, empenho, vontade de aprender e desempenhar novas tarefas e tantos outros critérios subjetivos difícil de medir mas que fazem a diferença na contabilidade da “empresa”. Ao se darem conta que a remuneração igual desestimulava o crescimento da produção começou-se a procurar alternativas para remunerar melhor quem trabalha mais. Embora não seja esse o tema desta pesquisa, é interessante dar notícias sobre esses movimentos nada convencionais que acontecem no interior de uma organização social como o MST.

⁶⁶ Vale informar que a Ciranda Infantil, como é denominada a creche dos assentamentos, é o primeiro espaço de educação formal que os filhos dos assentados freqüentam, é ali que começa a formação da identidade *sem terrinha*.

Anualmente, no final da colheita do arroz, entre os meses de maio e junho, a Cooppan realiza uma grande festa. A festa da Cooppan cumpre vários objetivos: um é festejar a colheita, fechar o ano agrícola; outro é comemorar a conquista da terra, que, embora tenha ocorrido em dezembro de 1993, se festeja no final do outono. A festa também é uma oportunidade de confraternizar com os demais assentados, com clientes e fornecedores da cooperativa, com militantes e apoiadores da reforma agrária das cidades vizinhas. A festa reúne cerca de 1.500 pessoas todo ano.

A festa da Cooppan é então lugar de sociabilidade, de criação e fortalecimentos das redes sociais que os assentados estabeleceram em Nova Santa Rita e cidades vizinhas. É espaço de divulgação dos resultados da reforma agrária, bem como de comercialização de produtos da colônia como pães, cucas, torresmos, salame, mel, artesanato, dentre outros produtos que têm grande aceitação do público urbano. Mas a festa também é fonte de renda, o lucro dessa atividade é reservado para custear o veraneio⁶⁷ das famílias sócias da cooperativa.

O futebol e a sinuca são formas de lazer que reúnem preferencialmente os homens. Para as mulheres lazer só em bailes, nas localidades próximas, e conversas em rodas de chimarrão, visitar as amigas e vizinhas, ver televisão e ouvir música. Os jovens, como identificado nas entrevistas para esta pesquisa, usufruem um leque maior de opções de lazer, incluindo assistir televisão, ouvir música, conversar com os amigos, leitura, ir a bailes e freqüentar *lan house*.

3.2- O ECOLÓGICO COMO NICHOS DE MERCADO

Desde a década de 1970, o Brasil assiste à expansão do pensamento ecológico. Assim, a produção agrícola livre de agrotóxicos, que preserva a natureza e a saúde de consumidores e agricultores firma-se como um nicho de mercado promissor que garante um acréscimo de 30% em média em relação ao produto

⁶⁷ Esta é uma conquista social de que a maioria dos sócios se orgulha: ter um veraneio. A maioria deles não conhecia o mar ou sequer sonhava um dia em conhecer. Para não parar a produção, as famílias são divididas em dois grupos, um vai à praia o outro fica trabalhando na cooperativa e vice-

convencional. A Cooppan, por exemplo, prioriza o sistema de produção orgânico: arroz, leite, suíno, tudo ecologicamente correto. Com a certificação do arroz, a opção começa a dar lucros, e o objetivo é disseminar entre os assentados que trabalham de forma individual as vantagens do plantio ecológico⁶⁸.

É interessante observar que esse traço de preocupação com o meio ambiente é algo que no Brasil tem seu berço nas cidades, principalmente na década de 80, com o noticiário sobre Cubatão e outras cidades industrializadas, cujos detritos químicos eram atirados ao ar sem nenhuma restrição. É também desse período que renasce a idéia do campo como um lugar limpo, onde se respira ar puro, em que o rural passa a ser associado ao lazer e até mesmo de meio alternativo de vida. Entre os efeitos da descoberta do ecológico como nicho estão a ampliação das possibilidades de trabalho para a população rural, até então dedicada quase exclusivamente à agricultura, e a maior aproximação e integração de sistemas culturais distintos.

Maria José Carneiro (1998) esclarece que novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e da vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida nos grandes centros. Assim, segue a autora, “O contato com a natureza é valorizado por um sistema de valores alternativos (...). O ar puro, a simplicidade da vida, e a natureza são vistos como elementos ‘purificadores’ do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial” (1998, p. 74). É a partir dessa concepção, um tanto idealizada, que o campo passa a ser reconhecido como espaço

versa. Um outro dado é que outros assentados, na maioria das vezes jovens filhos de não sócios da cooperativa, também participam desse tempo de lazer a cada verão.

⁶⁸ Segundo os agricultores, o plantio ecológico tem várias vantagens: é econômico, porque os defensivos são produzidos com material orgânico; é mais saudável: porque evita problemas de saúde causados pelos agrotóxicos típicos da cultura do arroz, além do preço de venda que é 30% acima do arroz convencional. No final da safra as contas são positivas para o agricultor, afirmam. Um outro aspecto relevante dessa opção é, que provavelmente é decisiva na adesão dos agricultores ao plantio orgânico e que, por outro lado, dá a esse modelo produtivo um caráter contestador e anti-sistêmico é o fato do produtor escapar do pacote agrícola empreendido pelo modelo de modernização conservadora da agricultura brasileira. Ou seja, no modelo agrícola brasileiro o crédito está atrelado a uma série de produtos e insumos, produzindo de forma orgânica os assentados produzem independentemente de acessar ou não o crédito, já que os insumos são produzidos ali mesmo no assentamento, pelos assentados com material orgânico que iria para o lixo.

de lazer ou mesmo como opção de residência. Esse discurso do “campo” como reduto de pureza e inocência é amplamente disseminado. Não raro é apontado como justificativa dos jovens filhos de assentados para permanecerem no campo; de deserdados das periferias urbanas a se juntarem nos acampamentos na luta pela reforma agrária ou, ainda, de grandes empreendimentos imobiliários em condomínios fechados que tem como principal atrativo a *segurança e o contato com a natureza* que só o campo traz.

Esse ideal com que o campo é representado e o desejo dos citadinos de transformá-lo em mais um bem de consumo tomam a forma do turismo rural, acontecimento que modifica o ritmo de vida local. O Assentamento Capela, por estar na região metropolitana e por ser um exemplo positivo de reforma agrária, recebe frequentemente turistas, brasileiros e estrangeiros.

Aqui, gostaria de explicitar um aspecto da complexidade que ronda a relação do MST e o mercado consumidor. Não pretendo me estender no assunto, mas apenas dar destaque para algo a se pensar. Alguns autores, dentre eles, José Graziano da Silva (1996), apontam o MST como um movimento que reproduziria o capitalismo no campo, já que luta pela descentralização da terra e com isso a multiplicação dos proprietários. O MST se defende dizendo que reforma agrária é uma questão de justiça social. O certo é que vários dos dilemas que o movimento vive em relação à sua base que já possui terra está relacionado ao fato de viabilizar economicamente a pequena propriedade. As cooperativas, uma tentativa de implementar o discurso coletivista do MST, tiveram que flexibilizar as regras do “tudo coletivo” para conseguir maior adesão e se viabilizarem no mercado capitalista. As experiências que atribuíram maior rigor ao ideal coletivista faliram, não foram adiante⁶⁹. Mas o que interessa aqui é enfatizar o conflito que permeia o

⁶⁹ É claro que só esse fator não explica a falência de várias das cooperativas dos assentamentos do MST, mas um fator determinante para a dissolução das cooperativas é exatamente o mal estar que causa a tentativa de uniformização dos sujeitos. Um exemplo é a construção de refeitórios coletivos nas cooperativas dos assentamentos, as justificativas eram de propiciar às mulheres a possibilidade de trabalhar livre da lida doméstica, a mesma lógica da implantação das creches, no entanto, os refeitórios também acabava com um elemento de distinção entre os sujeitos, comer o mesmo que o vizinho não se mostrou viável entre sujeitos tão diversos, oriundos de práticas culturais diferentes (italianos, polacos, caboclos).

desenvolvimento de atividades de prestação de serviço, como o MSTur⁷⁰, que transforma o modo de vida rural numa mercadoria, em um item de consumo. Ou ainda, o plantio de eucalipto amplamente condenado pelo Movimento e cultivado nos assentamentos porque há mercado garantido, por ser lucro certo. Não quero com isso estabelecer juízo de valor sobre o assunto; o objetivo é, antes, apontar que mesmo num movimento ortodoxo como o MST o discurso não homogeneiza, há sempre os “furos”, os “buracos”. Esse parêntese é relevante no trabalho como forma de explicitar os conflitos que permeiam o cotidiano de um assentamento, sendo, portanto, parte da vida dos jovens que ali vivem.

3.3- O TURISMO E A SOCIABILIDADE COTIDIANA

Experiências como as do MSTur, presente no Assentamento Capela, transformam o “campo” – como categoria genérica – em um lugar de vida, mais que um espaço de produção agrícola (Mendras, 1988), o que certamente contribui para a formulação de abordagens críticas à visão dualista que opunha o “rural” ao “urbano”, como duas realidades empiricamente distantes normalmente definidas a partir da negação da outra e com base em critérios meramente descritivos informados pelo paradigma que associa o “rural” ao agrícola e ao “atrasado” e o “urbano” ao “industrial” e ao “moderno”.

O Assentamento Capela, como dito antes, é lugar de grande circulação de pessoas “de fora”, das cidades, universidades, centro de estudos nacionais e estrangeiros, militantes de organizações de esquerda nacionais e estrangeiras. É importante frisar que a experiência turística desenvolvida no Assentamento tem como base a organização social e política do lugar, com algumas exceções, os turistas que ali vão buscam antes conhecer uma experiência de organização social alternativa. Embora seja um lugar bonito, com área de reserva de araucárias, um lago artificial de 72 hectares, e todos os elementos que povoam o ideal citadino de contato com a natureza, os visitantes querem mesmo é entender o processo de

⁷⁰ Programa de fomento ao turismo rural em pequenas propriedades rurais e assentamentos de

produção agro-industrial implementado no assentamento e experimentar um dia numa experiência de reforma agrária bem sucedida.

É possível identificar que a diversidade das relações sociais estabelecidas pela presença constante dos “de fora”, somando às possibilidades de conhecer novas formas de vida através de produtos culturais, como a programação televisiva, o cinema, propicia aos moradores daquele assentamento uma diversidade cultural e a ampliação da rede de relações sociais, o que possibilita ao grupo experimentar uma consciência de si na relação de alteridade com os “de fora”.

Segundo Carneiro (1998, p. 73), não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração do mundo urbano no que era definido tradicionalmente como “rural”, mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor social, os produtos “naturais”, por exemplo) e de práticas culturais que são reconhecidas como tendo a sua origem no chamado mundo rural ou agrário. Essa heterogeneidade (simbólica e cultural) talvez seja o principal traço do rural contemporâneo. Não se trata, contudo, de um processo inexorável de descaracterização dos núcleos rurais, mas da sua reestruturação a partir da incorporação de novos componentes econômicos, culturais e sociais.

Nesse sentido, é interessante retomar o perfil dos sem-terra que foram assentados ali, que de modo geral é o perfil dos que engrossavam os acampamentos do MST até a metade da década de 1990. Mathilde Robin (2001, p. 23), num estudo realizado no Assentamento Capela sobre a luta pela terra e o trabalho de cooperação revela que os beneficiários da reforma agrária instalados neste assentamento são majoritariamente jovens, média de 20 anos na época do acampamento, atualmente na casa dos 30. Filhos de pequenos produtores rurais, vindos de regiões onde as manifestações pela terra foram particularmente importantes, como Hulha Negra, Ronda Alta e Sarandi. A opção pelo MST dá-se prioritariamente por motivos econômicos: “Ir acampar representava a única alternativa possível a uma partida para a cidade e uma renúncia ao trabalho

reforma agrária instituído pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul em julho de 1999.

agrícola” (Robin, 2001, p. 24); em segundo plano, o ideário político do movimento foi apontado como motivação para adesão ao acampamento.

O MST trava a luta pela terra na cidade, esse é um diferencial em relação a outros movimentos pela reforma agrária em momentos diferentes da história brasileira. Assim, o jovem recém-chegado no MST acostumado com o isolamento, comum nos locais de origem, entra em contato com o mundo urbano através das manifestações, das passeatas na capital do estado, das negociações e mobilizações que ocorrem em várias cidades, inclusive na capital federal. A construção de redes sociais com sindicalistas, movimentos urbanos de apoio à reforma agrária e, posteriormente, os clientes, os comerciantes dos municípios onde se estabelece o assentamento, é parte fundamental do sucesso das ações do Movimento Sem Terra. Pode-se dizer, então, que a proximidade com o urbano é parte constituinte da trajetória dos assentados do MST. É comum escutar dos militantes do MST a idéia de que *“a reforma agrária acontece no campo, mas é conquistada na cidade”*, leia-se aí, grandes centros urbanos.

Por fim, podemos dizer que embora tenha um caráter econômico, o principal impacto do desenvolvimento da atividade turística no Assentamento Capela ocorre na auto-estima dos assentados e na ampliação das redes de sociabilidade.

3.4- O BORRAMENTO DAS FRONTEIRAS ENTRE URBANO E RURAL

Na sociologia rural há quem fale do fim do rural. Para Frederic Jameson (1997, p. 26-27), por exemplo, o rural e o urbano não constituem mais mundos desnivelados, à medida que as tecnologias são assimiladas por toda parte; há os que falam do *continuum* que dilui a dicotomia entre rural e o urbano (Mendras, 1988, Graziano, 1997). Ianni (1996, p. 16-17) destaca a crescente transformação das condições de vida e trabalho no mundo rural. Para ele, os padrões e valores e o modo de vida urbano são estendidos ao campo, industrializado por meio da *“tecnificação, maquinização e quimificação”* dos processos de trabalho e produção. Silva (1996) também já tratou dessa imagem de rural que já não se diferencia do

urbano. Canclini (2000, p. 67), analisando as contradições da modernidade latino-americana, alerta para as especificidades da vivência de processos de modernismos culturais sem modernizações econômicas abrangentes por essas sociedades. Nesse contexto, o autor elabora uma interpretação de histórias híbridas. Questiona os erros de interpretações que emergem das comparações da modernidade latino-americana, com as imagens otimizadas dos processos da modernização européia, que visualizam uma sincronia entre modernismo cultural e modernização econômica (ibidem, p. 71).

Desse modo, seria possível falarmos então de pelo menos duas imagens do rural contemporâneo. Uma da modernidade européia e outra do rural e das modernizações incompletas da periferia latino-americana, em especial a brasileira. Os processos de globalização, os localismos e globalismos e as disputas por hegemonias que se configuram no interior da paisagem desta pesquisa não permitem descartar nenhuma dessas narrativas ou imagens, já que no mesmo território, o Assentamento Capela, convivem, por um lado, a agricultura orgânica, mecanizada, com uso de técnicas avançadas de preservação do solo e do ecossistema e sintonizada com as exigências do mercado consumidor; por outro, a agricultura de subsistência, de tração animal, com a única preocupação de garantir o que comer.

A perspectiva de ruralidade adotada neste trabalho tem como ponto de partida o entendimento de que as categorias urbano e rural são socialmente constituídas. Embora não se possa negar as possibilidades práticas e distintas de usos dos diferentes espaços urbano e rural.

Creio que o estreitamento ou borramento das fronteiras desses dois espaços dá-se de forma diferenciada em diferentes partes do País. O avanço dos meios de comunicação, especialmente da televisão, em rincões cada vez mais distantes do território brasileiro, tem seu papel nesse fenômeno que diminui os limites entre o rural e o urbano⁷¹. No entanto, o que se observa na paisagem desta pesquisa, o Assentamento Capela, é que embora as relações sociais, comerciais, materiais e

⁷¹ No capítulo sobre televisão falo do papel integrador deste meio na sociedade brasileira.

simbólicas com os modos de vida urbanos e da assimilação de alguns destes modos de existência, há aspectos do cotidiano que têm suas raízes num modo de vida tido como rural. Um exemplo banal, até simplório, ocorre em relação à despreocupação que a população tem com a segurança, não raro a falta de segurança e a violência são identificadas como sendo problemas da cidade. Mesmo já tendo acontecido roubos, de levarem quase tudo de dentro de uma casa, as pessoas no Assentamento ainda costumam sair e deixar as casas abertas, um exemplo simples, mas que demonstra o quanto essas pessoas entendem o campo como um lugar seguro, onde todos se conhecem e que roubos e assaltos são males da cidade. Nas entrevistas com os sujeitos da pesquisa, esse é um dado quase sempre apontado como aspectos positivos de se viver no meio rural: a segurança e a tranquilidade de se viver sem violência.

Nessa simbiose de modos distintos de viver observado no Assentamento Capela, que mescla hábitos de vida rural e urbano, penso que não podemos falar do fim do mundo rural ou da urbanização da “roça”. Talvez a caracterização mais condizente seja o neologismo adotado por Carneiro (1999), *rurbano*. Segundo a autora, essa síntese entre os modos de vida urbano e rural é uma tendência principalmente entre jovens filhos de proprietários rurais que, após defrontarem-se com as dificuldades do custo de vida na cidade, “descobrem” que podem ter um padrão de vida satisfatório no campo onde contam com um conjunto de facilidades inexistentes na cidade, sobretudo a da moradia.

Entre os jovens entrevistados para a pesquisa, a idéia de estabelecer residência no assentamento é justificada, não só por motivos econômicos, mas também em decorrência da idealização da vida rural pelos moradores da cidade e pelo discurso televisivo sobre o caos das cidades, como veremos a partir das entrevistas, exemplo do que a autora denomina *rurbano*.

Para concluir, penso ser importante ressaltar que, no caso brasileiro, a terra e a agricultura ocupam um lugar marcante na construção discursiva da brasilidade e, no caso específico do Rio Grande do Sul, esse traço é bem marcado: seja através da economia, cuja participação do setor primário é dos mais expressivos do País, seja

na chamada tradição gaúcha, cuja origem tem estreita relação com as lidas campeiras. Inclusive, podemos observar a presença do campo nas cidades gaúchas na estetização⁷² da vida no campo com a realização de festas tradicionais como a Festa da Uva (Caxias do Sul), Festa da Colônia (Gramado), do Acampamento Farroupilha (Porto Alegre), das Cavalgadas dos Centros de Tradição Gaúcha (CTG's) e da disseminação dos rituais campeiros cultivados pelos CTG's mundo afora.

Falando de construção discursiva da brasilidade, podemos dizer que um conjunto de enunciados que constitui a idéia de um mundo rural brasileiro passa forçosamente pela literatura e pelas artes. São inúmeros exemplos das imagens do campo consolidados na memória nacional. DaMatta (1997, p. 306), tratando do que seria uma antropologia da literatura, mostra que todo escritor deforma deliberadamente ou não o que é legitimado socialmente como realidade; mas, por outro lado, todos os autores mantêm um mínimo de coerência com algumas regras de reprodução da realidade. Assim, haverá a possibilidade de analisar um texto literário, tomando-o como uma descrição de um momento específico da vida social, situando-o no mesmo plano de uma etnografia, uma vez que "(...) toda etnografia é, em última análise, a revelação de uma posição social específica diante de um dado objeto social ou cultural" (ibidem, p. 307).

Na nossa literatura, a terra e o homem do campo são temas recorrentes. Por exemplo, já na carta de Pero Vaz de Caminha, no século XVI, percebe-se a cobiça dos portugueses sobre a Terra de Vera Cruz. Avançando no tempo, podemos lembrar José de Alencar em o *Sertanejo* (1876) que descrevia o "povo da terra", além de Euclides da Cunha e seu relato cheio de controvérsias sobre a luta de Canudos em *Os Sertões* (1902). Mário de Andrade na década de 1930 mostrava-se preocupado com a condição dos trabalhadores rurais de São Paulo na obra *O Café* (1942). Há ainda, Guimarães Rosa e as "estórias" do *Grande Sertão Veredas* (1956); João Cabral

⁷² Essa presença do campo na cidade foi analisado por De Paula (1999; 2005) que aponta na sua análise a existência da ruralidade estetizada, realizada na cidade, associada aos esportes e festas *countries* da região de Presidente Prudente, em São Paulo.

de Mello Neto contou a saga do retirante nordestino em *Vida e Morte Severina* (1966) que Chico Buarque musicou e roteirizou para o teatro; no Rio Grande do Sul, Simões Lopes Neto e seus *Contos Gauchescos* (1912) tem como cenário o cotidiano e vida do homem do campo, especialmente do pampa.

No campo do audiovisual podemos rapidamente listar telenovelas de grande sucesso como *Escrava Isaura*, *Rei do Gado*, *Terra Nostra*, *Cabocla*, para citar algumas da Rede Globo; *Pantanal*, da extinta Rede Manchete e, atualmente a Rede Record exhibe *Bicho do Mato* que têm em comum o modo de vida do homem do campo como pano de fundo. Se como discutimos no capítulo sobre televisão a auto-imagem do brasileiro foi constituída em grande parte pela televisão, especialmente a partir das telenovelas, então seguramente o que se entende por rural no país também passa pelo filtro televisivo, ou de como esse rural é mostrado na telinha.

Vale ressaltar que este trabalho preocupa-se com a repercussão dos discursos televisivos sobre e para juventude entre jovens do Assentamento Capela, cujo cotidiano, as tensões e estilos de vida foram apresentados nesta seção. A seguir, apresento um breve histórico do MST, com o objetivo de complementar o entendimento do contexto discursivo em que os sujeitos desta investigação são formados.

B- MST: HISTÓRIA, TENSÕES E MÍDIA

Fazer um relato histórico do MST, sua gênese, suas ações, sua presença na sociedade brasileira não são objetivos deste trabalho. No entanto, em consonância com o que fala César Augusto da Ros (2005, p. 146), não se pode realizar pesquisa em assentamentos de reforma agrária sem se considerar aspectos de conformação histórica, que atuam decisivamente nos processos de sociabilidade destas comunidades. Segundo o autor, não levar em conta leituras históricas sobre o MST, pode-se correr o risco de produzir etnografias de situações localizadas e deslocadas dos processos sociopolíticos mais amplos que ocorrem na sociedade brasileira. Por outro lado, se este trabalho se propõe a analisar modos de subjetivação, entre jovens do Assentamento Capela, produzidos a partir da recepção dos discursos televisivos sobre e para a juventude, penso que ter um panorama das tensões e discursos do MST que circulam no cotidiano destes jovens é fundamental para compreender aspectos peculiares deste grupo de receptores. Se, como afirma Céli Pinto (1995, p. 66), “subjetivar é constituir verdades, é criar regimes de verdade, é criar o sujeito como efeito dessas verdades” então, interessa saber a que regimes de verdades esses jovens estão assujeitados no dia-a-dia.

Sendo assim, dedico esta seção a apresentar três leituras sobre a história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra a partir de três autores: Roseli Caldart (2000); Bernardo M. Fernandes (2001) e Zander Navarro (1996 e 2002).

Por esta pesquisa ter como eixo central os discursos da televisão sobre juventude e de que modo esses discursos repercutem nos modos de subjetivação de jovens do Assentamento Capela, abordarei também nesta parte do trabalho de que maneira o MST aparece na mídia. Para isso lançarei mão de estudos já realizados por Christa Berger (1998) e Aldè & Lattman-Weltma (1998).

3.5- ANTECEDENTES E GÊNESE DO MST

O Brasil, talvez por ser o País com maior área de terras agricultáveis do mundo; ou por fatores históricos da sua formação social⁷³, o debate da necessidade da realização da reforma agrária sempre esteve presente, em alguns momentos com mais ou menos força. A Assembléia Constituinte de 1946 e os anos que antecederam o golpe militar de 1964 parecem os marcos mais importantes desse debate que precedeu a existência do MST.

Como afirma Ros (2005, p.128), as polêmicas daquela época estavam voltadas às formas de conduzir o processo de modernização brasileira, em especial a partir do impulso industrial ocorrido em 1937, com o Estado Novo. Nesse debate, alguns autores apontavam que a modernização das relações “atrasadas”, herdadas do sistema colonial, mais fortemente identificadas no campo, era um imperativo para o processo de desenvolvimento do país⁷⁴.

Nesse período, os conflitos por terra espalhavam-se pelo país, envolvendo arrendatários, assalariados rurais, posseiros. E tratava-se de mobilizações locais sem articulação com outras lutas travadas em diferentes regiões do Brasil, como esclarece José de Souza Martins (1986), a exceção à regra aparecia na experiência das Ligas Camponesas que, surgindo em Pernambuco, conseguiu uma abrangência organizativa em diversos estados da Federação⁷⁵. O período que antecede ao golpe militar de 1964 é de intensa mobilização na sociedade brasileira, inclusive no que diz respeito a grupos sociais até então negligenciados como os trabalhadores rurais. A disputa em torno da representação das suas demandas, convertidas principalmente na luta pela reforma agrária e contra o latifúndio, mobilizou setores distintos da sociedade como a Igreja, Partidos Políticos, o Estado e as Ligas Camponesas. No entanto, o golpe de 1964 pôs fim, naquele contexto, das possibilidades de realização da reforma agrária no País.

⁷³ Até a década de 1960 a maioria da população brasileira se concentrava em áreas rurais.

⁷⁴ Para aprofundar esse debate ver: Prado Júnior (1979); Martins (1986) e Medeiros (1989).

⁷⁵ Para uma contextualização da presença dos camponeses na história política do Brasil ver: Martins (1986).

Com a instituição do governo militar, a via de modernização do campo nos anos posteriores ao golpe tomou um caminho distinto do preconizado no governo João Goulart.

O modelo adotado foi inspirado na matriz norte-americana, com ênfase na modernização das grandes propriedades por meio de processos tecnológicos baseados em inovações nas áreas da mecânica (máquinas e implementos), da química (agroquímicos), da biologia (sementes melhoradas) e das ciências humanas (técnicas de comunicação e extensão rural) (Ros, 2005, p. 129-130)

É o que se convencionou denominar de modernização conservadora⁷⁶; nesse processo a reforma na estrutura fundiária altamente concentrada do país foi deslocada do foco central das políticas do Estado.

Na década de 1970, ainda sob o regime autoritário, as tensões no campo aumentaram, tendo como protagonistas grandes proprietários de terra e posseiros. Setores progressistas das Igrejas Católica e Luterana atuaram nesses conflitos como mediadores, e é dessa ação pastoral que ocorre o processo de revitalização da luta pela terra no Brasil. Tais lutas passaram a se constituir num dos eixos de contestação ao regime militar, somando-se a reivindicações como liberdade de imprensa, de organização política, eleições diretas em todos os níveis, etc. Aí surge o MST, a partir da adoção da luta pela terra através das ocupações de terra iniciadas em 1979 no sul do País⁷⁷.

⁷⁶ O MST com as iniciativas de produção de produtos orgânicos além do caráter político e anti-sistêmico que querem empreender nos assentamentos o que funciona como atrativo para os assentados é a possibilidade de escapar do pacote agrícola, implantado pelos militares e que persiste até hoje, ou seja, escapar do crédito, da necessidade de comprar de insumos químicos e ter autonomia em relação às transnacionais de sementes e insumos. A produção de sementes híbridas, transgênicas e toda sorte de tecnologias desenvolvidas por laboratórios transnacionais, como no caso da soja, torna o agricultor dependente de uma cadeia que lhe cobra *royalties*, e impossibilita a produção e utilização de sementes que não sejam industrializadas.

⁷⁷ A gênese do MST deriva da conjunção de uma série de razões históricas. As teorizações sobre a história desse movimento são poucas, porém, na identificação dos seus momentos, praticamente não existem diferenças significativas. Quando se trata de destacar os principais determinantes históricos que estão na explicação da origem do MST os autores destacam os seguintes aspectos: o papel desempenhado pelas mudanças estruturais ocorridas na agricultura; o processo de liberalização política ocorrido no final dos anos 1970; e por último, a ação dos setores progressistas da Igreja

3.5.1- Leituras sobre a história do MST

Por entender ser necessário compreender o MST no tempo sócio histórico, alguns autores preocupam-se em periodicizar a história do Movimento. Assim, lançarei mão neste trabalho de três leituras sobre esse processo. Não me deterei nas polêmicas e detalhes dessas periodizações, posto que esse não é o objetivo desta pesquisa. A intenção aqui é apenas pôr luz sobre alguns dos fatores de tensão e geradores de conflitos que aparecem no item “paisagem da pesquisa”. Penso ser interessante contextualizar o surgimento dos modelos produtivos que convivem no interior do Assentamento Capela e como o MST se constitui como um movimento social heterogêneo, embora pretenda, principalmente no discurso, apresentar-se como um todo nacionalizado e homogêneo.

Tendo como ponto de partida de análise a noção de *experiência* desenvolvida por Thompson (1997), na qual o processo de formação deste novo sujeito social, o MST, se dá no seu *fazer-se*, Roseli Caldart (2000) entende que a identidade Sem Terra e a sua consciência inscrevem-se nos embates políticos do nosso tempo, procurando compreendê-lo como um processo ativo, que se deve tanto à ação humana, como aos condicionamentos históricos. Segundo a autora (*idem*, p. 63),

(...) Os Sem Terra não surgiram como sujeitos prontos, ou como uma categoria sociopolítica dada, através do ato de criação do MST. Sua gênese é anterior e sua constituição é um processo que continua se desenvolvendo ainda hoje, embora (...) seja possível identificar um momento da sua história em que se mostra com uma identidade mais definida.

Dessa forma, a autora entende o processo de formação do MST na combinação de duas dimensões: 1) uma que diz respeito à história e trajetória dos trabalhadores, ou seja, às motivações que conduziram os indivíduos a ingressarem na luta pela terra; 2) outra que se refere aos processos socioculturais que operam de maneira decisiva na constituição da identidade dos Sem Terra e do MST. Esses

(católica e luterana) na mobilização e na articulação das lutas por terra durante o período do regime militar. (Navarro, 1996 e 2002; Fernandes, 2001; Caldart, 2000).

processos estão presentes, segundo a autora, nos três grandes momentos históricos do MST, identificados por ela.

O primeiro momento compreende o período de 1979 a 1986, que Caldart (2000) denomina a “articulação nacional da luta pela terra”. Trata-se, segundo a autora, de um momento de constituição da identidade, onde há “o reconhecimento da condição de um trabalhador sem (a) terra à condição de um trabalhador sem terra, que se vê e é visto nessa condição” (idem, p. 64). Essa passagem proporcionou a constituição do sujeito social “sem terra”, com a identidade de quem decide participar de uma luta coletiva, fazendo parte de uma organização que proporcione a conquista da terra.

Para Caldart, existem duas marcas que definem esse momento: a primeira é a escolha das pessoas em reagir à sua condição de sem-terra, e a percepção de que sua condição individual é também uma situação coletiva. A outra marca apontada pela autora está relacionada às formas de luta que o MST desenvolveu, como a decisão de definir a ocupação da terra como a principal forma de luta; a definição de que postura assumir perante a sociedade, na qual estava em jogo, como relata a autora, qual seria a figura social do Sem Terra a ser construída: “um coitado ou um lutador?”. A escolha pela imagem de lutador marcaria a autonomização do MST em relação aos seus apoiadores religiosos, e por fim a decisão de que o MST seria um movimento nacional. Tudo isso, para Caldart, gerou uma cultura organizativa que procura combinar uma direção política unificada com uma atuação descentralizada.

O segundo momento, identificado por Caldart, abrange os anos de 1986 a 1987 e segue até hoje. É caracterizado pela constituição do MST como uma organização social dentro de um movimento de massas. É nesse período que o MST decide manter a luta pela terra como eixo principal, mas agrega à sua pauta outras lutas que se combinam com a luta pela reforma agrária. É também nesse estágio que o MST decide que seria também o movimento dos assentados. Os assentados, ou seja, os *Sem Terra com terra*, reunidos em Cascavel, no Paraná, em 1986, decidiram

continuar unificados em torno da identidade Sem Terra por entenderem que o fracionamento somente os enfraqueceria politicamente⁷⁸.

Caldart acrescenta, ainda, um terceiro momento da história do MST, caracterizado pela inserção do MST na luta por um projeto popular de desenvolvimento para o Brasil. Esse período tem uma configuração ainda recente, sem contornos bem definidos, a partir da realização do III Congresso Nacional do MST em 1995, que apontou para uma ampliação dos objetivos do MST para lutas de caráter mais geral, que dizem respeito às questões sociais e políticas mais amplas da sociedade brasileira.

A segunda leitura sobre o processo histórico de formação do MST é feita por Bernardo Fernandes (2001). Seu trabalho está centrado no esforço do levantamento dos principais acontecimentos que marcaram o surgimento e o desenvolvimento do MST em cada Estado, a partir de entrevistas com as principais lideranças e com pessoas ligadas à luta pela reforma agrária e consultas a documentos internos do movimento, acervos de jornais e de pesquisadores do tema.

O ponto de partida da análise de Fernandes (2001) é a tese da territorialização, concebida como um processo de conquista da terra. Segundo o autor, os assentamentos conquistados compõem uma fração do território que passa a ser trabalhada pelos sem terra, abrindo perspectivas para a conquista de novos assentamentos. Por isso, a cada assentamento que o MST conquista ele se territorializa e se espacializa, tratando-se, portanto, de um movimento socioterritorial. De acordo com Ros (2005, p. 141), o tratamento desta noção merece alguns “cuidados”, “pois pressupõe a interpretação de que os assentamentos conquistados pelo MST constituiriam uma espécie de área liberada, o que do ponto de vista sociológico é inteiramente questionável”. O fato de um território, argumenta Ros (2005, p. 141-142), pertencer ou não à área de influência do MST, ou

⁷⁸ Essa é uma decisão que tem grande importância para a manutenção das atividades do MST, tanto do ponto de vista econômico quanto político. Os assentados contribuem com um determinado percentual para a organização de novos acampamentos. Como também fornecem militantes para os trabalhos de recrutamento de novos acampados. Os assentados também têm o papel de divulgadores dos resultados da reforma agrária e do MST junto às comunidades onde são instalados, como descrito, nesta dissertação, no capítulo sobre a paisagem da pesquisa.

ainda, numa perspectiva gramsciana, estar sob a sua hegemonia, impõe a necessidade de pensar a ocupação do território a partir das filiações ou do grau de identidade política que a base social do MST mantém com os princípios e objetivos do movimento como um todo. Nesse sentido, alguns estudos, inclusive o aqui apresentado, têm apontado para a existência de descontinuidades nesse processo. Notadamente, a identidade política Sem Terra aparece de forma mais coesa, não homogênea. O que se verifica é que, quando as relações são recompostas no assentamento, a identidade Sem Terra poderá ser reforçada, relativizada e negada. Os assentamentos quase sempre poderão apresentar uma série de conflitos oriundos da tensão entre as lógicas do movimento, da sua direção, e dos assentados, no que diz respeito à organização da produção e social⁷⁹.

Além disso, convém ainda não esquecer ou ignorar o papel desempenhado pelo campo das mediações, no qual estão inscritos os assentamentos que sofrem interferências dos mais variados atores sociais, como, por exemplo, os discursos da mídia, das instâncias governamentais, empresas, igrejas, bancos, entre outros. A novidade dos assentamentos, a meu ver, está no fato de que a presença do MST tensiona a construção desses espaços, confrontando-se com práticas e modos de ser enraizados nesses locais e nos indivíduos. É nesse momento de confronto, de tensão que podem surgir novas formas de sociabilidade e de organização produtiva que, não corresponda o modelo *leninista* de coletivização total proposto pelas lideranças do MST, nem ao modelo convencional de produção individual característico da pequena propriedade.

Fernandes (2001) identifica a existência de três grandes momentos no processo de formação do MST: 1) a gestação e nascimento do MST (1979/1985); 2) A territorialização e consolidação do MST (1985/1990) e 3) a territorialização e institucionalização do MST (1990/1999).

A terceira e última leitura sobre a história do MST é a de Zander Navarro (1996, 2002). Sua análise se concentra inicialmente nos anos 1970. Navarro foi o primeiro a destacar os principais determinantes que estariam na gênese do MST,

⁷⁹ Sobre esse debate ver: Zimmermann (1994); Brenneisen (2004) e Martins (2000).

bem como a idéia de segmentar sua história em três momentos. No entanto, este autor distancia-se dos dois apresentados anteriormente, ao interpretar as opções políticas feitas pelo MST nos seus diferentes momentos conjunturais, e aponta desafios a serem superados pelo movimento, que acabam esclarecendo alguns dos percalços que observamos nas últimas ações do MST, especialmente no Rio Grande do Sul.

Na descrição de Navarro, o primeiro momento são os anos formativos, compreendidos entre 1984 até o ano de 1986. O autor identifica como traços desse período o fato de o movimento ainda ser muito sulista; também a forte presença dos mediadores religiosos e a estratégia de lutas mais negociadas e menos de confronto. O segundo período, de 1986 a 1993, corresponde ao que o movimento opta gradualmente por ações de confronto, que se expressa em enfrentamentos com a polícia, jagunços e grandes proprietários. É desse período também a recusa, por parte da direção do MST, dos mediadores religiosos, que aos poucos são convertidos em quadros auxiliares. Para o autor, estas orientações refletiam a rápida adesão ao receituário *leninista*, decidindo organizar-se como um movimento de quadros e não mais como um movimento de massas, deixando de atuar como um movimento social e assumindo as feições de uma organização centralizada. No final desse período, o MST enfrenta uma relativa crise em razão do surgimento da União Democrática Ruralista (UDR) e dos desafios impostos pelo crescimento do número de assentamentos, o que segundo Navarro resultou num dos maiores exercícios de ideologização de sua história, quando o MST propôs a construção de cooperativas inteiramente coletivizadas (Navarro, 2002, p. 205)⁸⁰.

⁸⁰ Vale ressaltar que as cooperativas criadas nesse período (1988), a partir da experiência dos laboratórios organizacionais, faliram. Sendo um episódio que deixou marcas e uma certa repulsa da base a iniciativas de cooperação. No início da década de 1990, houve uma revisão interna desse processo e optou-se por formas mais flexíveis de cooperação que levam em conta a experiência e a trajetória individual dos sujeitos. João Pedro Stédile, coordenador nacional do MST e entusiasta da cooperação comentando o fracasso dos laboratórios organizacionais, aponta as razões da experiência frustrante: "(...) não deu certo porque, em primeiro lugar, o método é muito ortodoxo, muito rígido na sua aplicação. Em segundo, porque ele não é um processo, é muito estanque" (Stédile & Fernandes, 2002, p.99).

Navarro (2002) identifica o terceiro momento da história do MST a partir de 1994 e aponta uma série de situações novas, dentre elas: crescimento da desconfiança dos demais movimentos sociais e organizações populares, em relação ao MST e às suas estratégias políticas adotadas; a exigência de respostas rápidas à organização da produção, devido à multiplicação dos assentamentos pelo País; a presença do MST na região do Pontal do Paranapanema, o que garantiu maior visibilidade ao movimento. O autor explica, ainda, que o intenso trabalho em formação política adotada no período mais recente tem constituído uma “segunda geração de militantes” mais radicalizados que defendem ações mais ousadas, gerando contrastes discursivos com os dirigentes da “primeira geração”; e por fim, o movimento se expandiu em algumas regiões agrárias como norte e nordeste e refluíu em outras, particularmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (Navarro, 2002, p. 205-207).

Segundo esse autor, esses fatos apontam para a existência de dois desafios a serem enfrentados proximoamente pelo MST: 1) está relacionado com a questão da democracia, pois poderá se defrontar com dissensões e conflitos crescentes, não apenas internamente, mas externamente em virtude do aprofundamento das diferenças ideológicas com as outras organizações⁸¹; 2) o outro, tem a ver com a gestão dos novos assentamentos que se multiplicam pelo País, em que as formas produtivas adotadas não se apresentam como novas em relação à situação dos agricultores familiares pauperizados.

O autor aponta ainda, que a partir de 1998, iniciou-se uma provável quarta fase, cuja característica é a crescente dificuldade da organização nas suas ações face ao crescente isolamento do MST em relação às outras organizações e movimentos populares, até mesmo, da própria Igreja (Navarro, 2002, p. 207-210).

⁸¹ As ações de destruição de plantios transgênico da Monsanto, realizado em janeiro de 2000, no município de Não-Me-Toque (RS) e, do laboratório da Aracruz Celulose, em Barra do Ribeira (RS) em março de 2006, são expoentes desse período de radicalização do movimento e que tem dificuldade de encontrar apoio junto à sociedade ou mesmo de sensibilizar a população para o problema principal nesses empreendimentos que apostam no empobrecimento da diversidade

3.6- COMO O MEIO RURAL APARECE NA MÍDIA

Escrever como o rural é representado na mídia brasileira não é tarefa fácil. Primeiro porque, de imediato, somos tentados a simplificar e dizer que o rural é pouco representado, aparece pouco na televisão. O que certamente é observável. Entretanto, podemos ver que algumas produções culturais trazem um modo de ser e de viver a ruralidade para o centro da cena. Quando iniciei esta pesquisa, no ano de 2005, estava no ar uma novela⁸² que retratava o modo de vida dos peões, dos rodeios e toda a vida profissional e cultural que aborda um certo jeito de ser rural no Brasil. No cinema, nos últimos anos, por exemplo, o filme nacional de maior bilheteria (*Dois Filhos de Francisco*) narra a trajetória da dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano que tem suas raízes no sertão de Goiás. O *Jornal Nacional*, em março de 2005, exibiu uma série de reportagens sobre o agronegócio. Sob o título geral *O Brasil que dá certo*, as reportagens mostravam um país que bate recordes de produtividade e de exportação de produtos agrícola; as vantagens de morar e trabalhar no campo; as ofertas de trabalho e o processo de qualificação da mão-de-obra dos que optam por ficar no campo; enfim, apresentava-se o meio rural como um “novo eldorado” de oportunidades. Mesmo assim, não é precipitado dizer que o meio rural aparece excepcionalmente na TV.

Correndo o risco de fazer um comentário ligeiro, sem análise mais apurada, seria possível dizer que o rural na TV brasileira aparece como: a) o exótico, o diferente, em imagens que apresentam o rural com saudosismo, como um lugar “puro” e tranqüilo que está por desaparecer; b) o rural miserável, sem infraestrutura, cheio de conflitos; c) ainda, o rural tipo exportação, desenvolvido com tecnologia e alta produtividade. É interessante ressaltar que programas como *Globo*

vegetal e apoiam-se em projetos de monopolização dos recursos naturais por grandes empresas transnacionais.

⁸² Falo da novela *América*, escrita por Glória Perez, exibida na Rede Globo, em horário nobre. Tratava-se de uma trama contemporânea, o que, aliás, é uma exceção, quase sempre o lugar do rural nas telenovelas é o “de época”. O rural contemporâneo nos últimos anos foi retratado em *O Rei do Gado*, novela de Benedito Rui Barbosa, de 1996, que contava com um núcleo rural que envolvia um

Rural e *SBT Rural*, que objetivam disseminar técnicas de plantio e criação, têm lugar certo na programação das redes de televisão brasileira há anos, devido, em parte, à lógica mercadológica das empresas de comunicação de segmentação das grades de programação.

3.6.1- O MST na mídia

Uma carta do MST enviada ao 27º Congresso dos Jornalistas, realizado em Porto Alegre, em abril de 1996, com o objetivo de agradecer e reconhecer o trabalho dos jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas na cobertura da luta pela Reforma Agrária, é um documento que põe em evidência o quanto a relação mídia e MST não é simples de explicar, nem de compreender. Por um lado, a mídia opta por denominar as ações do MST como invasão, o que encerra um caráter de ilegalidade. Por outro, o Movimento, em sua carta aos jornalistas reconhece que “... quando vocês pautam e descrevem a nossa luta, vocês a iluminam tornando-a conhecida para o povo brasileiro” ou “... quando vocês contam e registram esta história é que nós passamos a ser conhecidos pela sociedade”. A deferência do documento faz-se aos jornalistas e aos demais profissionais de comunicação, embora, meio ao avesso, pois o que na carta se refere aos trabalhadores das redações, de certa forma, é válido para toda a mídia brasileira.

Quando uma novela da Rede Globo, em horário nobre, põe um acampamento de sem-terra e o conflito pela posse da terra em cena, significa dar-lhe estatuto de existência⁸³. Embora se possa fazer críticas à abordagem das telenovelas, reclame-se do excesso de romantismo empreendido na trama e dos estereótipos, nem o MST nega a importância das “luzes” da mídia. O dueto fato e ficção⁸⁴ (Bucci 2004, p. 224) se enquadra perfeitamente no caso da cobertura do MST, inclusive dando-lhe estatuto de existência. Exibida entre junho de 1996 e

grande proprietário de terra e o acampamento dos sem-terra, numa clara alusão ao MST e à luta pela reforma agrária na região do Pontal do Paranapanema, interior de São Paulo.

⁸³ Guillermo Orozco (1991) chama a atenção para essa particularidade da televisão de tornar as coisas críveis.

fevereiro de 1997, no horário nobre, na Rede Globo, a novela *Rei do Gado* tinha uma sem-terra como protagonista, além de um núcleo da trama ter como cenário um acampamento. A trama embora fosse a fábula de Cinderela em nova roupagem – pois a mocinha sem-terra acaba casando com um latifundiário – contribuiu em grande medida para divulgar a causa do MST.

Vale lembrar que, em abril de 1996, poucas semanas antes da estréia da novela, o país amanheceu com notícias e imagens de um massacre contra os Sem Terra. Dezenove pessoas, que tomavam parte de uma marcha do MST rumo a Belém do Pará, foram mortas pela Polícia Militar, o caso ficou conhecido como o Massacre de Eldorado. Segundo Bucci (2004, p. 226), o caso só ganhou destaque nos telejornais porque estava registrado em vídeo, com imagens chocantes. Segundo o autor, sem as imagens de brutalidade capazes de render bons índices de audiência, as mortes teriam passado sem maiores registros na mídia, como aconteceu com vários outros crimes no campo, talvez um caso exemplar seja o de Corumbiara⁸⁵, em Rondônia, em 1994, que foi mais noticiado fora do Brasil através da ação da Anistia Internacional que propriamente no País.

Voltando à visibilidade e ao estatuto de existência dado pela mídia em nossa sociedade e de como a novela *Rei do Gado* teve papel importante na conquista do espaço público brasileiro pelo MST na década de 1990, trago a fala de um dos coordenadores do movimento, João Pedro Stédile. Num depoimento publicado pela revista *Teoria & Debate*, no início de 1997, o líder do MST diz que politicamente a novela, *Rei do Gado*, foi muito importante. Ela contribuiu para a reforma agrária de uma maneira positiva. “Pela primeira vez, colocou a questão em horário nobre para milhões de brasileiros”. Segundo Stédile, nem o MST nem a Igreja Católica chegariam a essa faixa, se não fosse por intermédio da novela. Essa fala do dirigente do movimento reforça a idéia de Bucci (1997; 2004) de que para ingressar na agenda nacional, um evento qualquer precisa render (ou precisa *ser*) imagens espetaculares. João Pedro Stédile chega a concluir que a novela “ajudou a fazer com que as

⁸⁴ Sobre o assunto ver o capítulo sobre televisão desta dissertação.

peças passassem a olhar o sem-terra de maneira diferente. Ou seja, de certa forma, ela nos deu *status* de cidadãos” (Stédile, 1997, p. 33).

Talvez o MST já não desperte tanto interesse da mídia como a algum tempo. É certo que há um esforço de ocupar novas trincheiras de lutas⁸⁶ e um certo desgaste que prejudica a capacidade de mobilização. O cenário político mostra-se desfavorável, levando o MST a traçar políticas de alianças com setores da sociedade diferentes dos tradicionais, como partidos e sindicatos⁸⁷. Até pouco tempo, contudo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra produzia um arsenal de notícias e era presença constante na mídia. O período de maior efervescência talvez esteja entre os anos de 1996 a 2002⁸⁸. Em 1997 a exposição *Terra*, do fotógrafo Sebastião Salgado, percorreu o Brasil e cerca de 50 países, retratando as várias faces da luta pela terra no Brasil. O MST migrou das páginas da editoria *de geral* e passou a circular na *de cultura*. O lançamento, em 1998, de um CD com artistas do Movimento e apoiadores, como Leci Brandão, Beth Carvalho, Dante Ramon Ledesma, garantiu a sobrevivência dos Sem Terra na mídia cultural e impulsionou a criação de um Coletivo Nacional de Cultura do MST. A realização do 1º Festival Nacional de Canções da Reforma Agrária, em Palmeira das Missões (RS), em janeiro de 2000, constituiu-se em mais uma tentativa de mostrar uma outra face do MST,

⁸⁵ Em 1994 um despejo realizado pela Polícia Militar de Rondônia, em Corumbiara (RO), resultou na morte de 11 sem-terra.

⁸⁶ Nos últimos anos o MST tem se voltado a ações orientadas pela necessidade de ampliar o seu espectro de abrangência para além das lutas corporativas, como as ações contra os processos de privatizações empreendidos pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, 1997; A Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, em 1998; a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça, em 1997; Vale lembrar que o MST também atua no âmbito internacional sendo a maior expressão dessa atuação a formação da *Via Campesina*, organização que congrega movimentos sociais do campo do mundo inteiro.

⁸⁷ Na *Revista Caros Amigos*, de outubro de 2005, uma reportagem dá conta de um encontro ocorrido em São Paulo entre membros do MST e do Movimento *Hip Hop*, com o objetivo de traçar linhas conjuntas de ação no campo e na cidade.

⁸⁸ Em uma busca no arquivo do texto integral do jornal *Folha de S. Paulo* deste período, percebemos uma forte presença do MST na pauta diária. Em 1996, foram 708 citações, entre reportagens, notas, cartas de leitores, textos de opinião. Em 1997, foram 1.634 referências. Foi neste ano que a mídia e o governo federal dão visibilidade para outros grupos organizados de sem-terra como forma de enfraquecer a presença social do MST. Em 1998, o MST é notícia em 1.081 textos na *Folha de São Paulo*; Em 1999, aparece em 516 textos; Em 2000, 1.258 títulos se referem ao Movimento Sem Terra e, nos três anos seguintes (2001, 2002 e 2003), o MST aparece respectivamente em 517, 753 e 1.250 textos

mais alegre, sem a marca da violência que rotineiramente acompanha o Movimento na cobertura jornalística⁸⁹.

Num artigo intitulado *O MST na TV: sublimação do político, moralismo e crônica cotidiana do nosso “estado de natureza”*, Alessandra Aldé e Fernando Lattman-Weltman (1998) analisam os enquadramentos existentes e predominantes na cobertura dos conflitos políticos, bem como o tipo de narrativa utilizado nas matérias sobre o MST, veiculadas nos telejornais *TJ Brasil*, do SBT e *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Segundo a análise feita, os enfoques preferenciais da cobertura do MST são: a) atenção ao conflito – os noticiários abrem espaço para o MST em sua cobertura em função da iminência ou intensificação de conflitos armados; b) um segundo enquadramento recorrente pode ser caracterizado pelos mecanismos formais e conteudistas de legitimação da intervenção política do MST pelo uso da violência e desrespeito ao direito de propriedade. Para os autores, independente do aumento ou diminuição da tensão e da efetivação ou não de confronto, a desqualificação narrativa do uso de medidas radicais por parte do MST pode se dar, por exemplo, mediante a abertura para o discurso das autoridades, a exibição de propostas alternativas (e pacíficas) de resolução do problema fundiário. Nesse enquadramento, a cobertura sobre o MST, segundo Aldé & Lattman-Weltman, é de imoralidade e ilegitimidade da violência política; c) o outro enquadramento da cobertura jornalística sobre o MST tem como objetivo visibilizar a irracionalidade e ineficácia econômica do Movimento.

Assim, podemos dizer que o MST, quando aparece na mídia, é representado de forma negativa, como “os fora da lei”, associado à violência e a um discurso

no jornal *Folha de S. Paulo*. Em 2005, até o dia 1º de novembro, o MST já figurou em 600 textos jornalísticos do diário citado.

⁸⁹ Christa Berger (1997, p. 130), num estudo a respeito do discurso da *Zero Hora* sobre o MST ou o MST na/da ZH, mostra que o primeiro critério de noticiabilidade do MST é a invasão. Contabilizando a presença do MST na ZH, Berger aponta que a invasão da Fazenda Bom Retiro, ocorrida em março de 1993, que durou 14 dias, mereceu 23 matérias distribuídas em 12 dias. A morte do soldado Valdeci, ocorrida em agosto de 1992, desdobrou-se em 68 dias de notícias durante o período de 1992-1993 e segue servindo de exemplo, quando um confronto se aproxima de um desfecho violento. Como aponta Berger, a morte do soldado é um acontecimento raro porque inverte o potencial de possibilidade de mortes no conflito, entre os anos de 1992-1993 morreram 52 colonos no Brasil em conflitos.

moralista. É interessante perceber que o discurso do MST em relação aos seus membros e normas de comportamento no interior do movimento também é de cunho moralista; um bom exemplo é de como os dirigentes dos Sem Terra portaram-se na mídia diante do caso Débora Rodrigues⁹⁰.

A relação mídia-MST também é analisada por Gohn (2000), no livro *Mídia, Terceiro Setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo* a autora assinala que se, no início, a mídia não adotava um posicionamento contrário ao Movimento de forma mais demarcada, atualmente o quadro mudou, sendo mais freqüente a associação da violência e até da barbárie a este movimento. Para a autora, veicular notícias sobre a presença do Movimento em acampamentos dá-se principalmente pela iminência do conflito. Para Gohn, a partir de maio de 1997 a mídia volta a adotar o enquadramento anterior à Marcha à Brasília⁹¹ dado ao MST, ou seja, de combate às ações do movimento. “As representações e as imagens boas foram se alterando segundo a conjuntura das relações do MST com o governo, e de problemas internos do próprio MST, que passaram a ser noticiados sistematicamente” (idem, p. 147). Segundo a autora, a mídia deixou a “simpatia” dos dias da Marcha para atuar num combate sistemático das ações do MST.

No caso da cobertura do Movimento no Rio Grande do Sul, observa-se o enquadramento da ilegalidade mais ostensivo e quase sem trégua desde o início da década de 1990. O conflito da Praça da Matriz⁹² é sempre utilizado pela mídia para associar a existência do MST à ocorrência de conflitos no campo, como assinalado

⁹⁰ Débora Rodrigues, uma militante do MST em São Paulo, posou nua para uma revista masculina em 1997. A mídia explorou o máximo o fato de uma militante do MST posar como veio ao mundo numa revista masculina, como se ela fosse a primeira mulher na face da terra a fazê-lo. Por outro lado, o MST e seus dirigentes execraram Débora publicamente. Sobre a polêmica ver o texto “A Sem Terra sem roupa”, Céli Pinto, *Revista Estudos Feministas*, ano 5, 2º semestre, pág. 366-373.

⁹¹ A autora se refere à Marcha pelo emprego, justiça e reforma agrária organizada pelo MST em abril de 1997, manifestação que reuniu diversos setores da sociedade civil.

⁹² Em 09 de agosto de 1992 centenas de Sem Terra, inclusive muitos deles hoje assentados no Assentamento Capela, estavam acampados na Praça da Matriz, em Porto Alegre/RS, quando foram cercados pela Brigada Militar. No conflito um brigadiano (o soldado Valdeci) foi morto. Por conta do fato, foram acusados, julgados e condenados cinco militantes do MST. Na época do julgamento a condenação deu-se, segundo os autos do processo, devido à comoção social. Embora não houvesse prova de que os condenados tivessem alguma participação no crime. Ver sobre o assunto: LERRER, Débora. *O som do silêncio nas versões da Praça*. São Paulo: USP (ECA), Dissertação (Mestrado em Comunicação), 1998.

por Berger (1998). Além disso, a cobertura a partir de 2000 tomou o rumo de associar o movimento à corrupção e desvio de verbas públicas, como no caso do suposto desvio dos recursos do Fundo de Amparo ao trabalhador (FAT), utilizados para cursos de formação profissional nos assentamentos; da contribuição compulsória, por parte dos assentados, de percentuais do crédito agrícola, para o Movimento e das constantes cenas de depredação do patrimônio privado como nos casos das fazenda ocupadas, da destruição do plantio transgênico da Monsanto, em 2000 e, mais recentemente (2006) da ação nos viveiros da Aracruz Celulose.

O ano de 2000 tanto é o início de uma nova fase da cobertura do MST pela mídia no RS como um acirramento e mudanças de estratégias do Movimento no estado, já comentado anteriormente, em que a direção do MST no Rio Grande do Sul decidiu não mais falar aos veículos de comunicação do grupo RBS⁹³.

A relação MST-mídia, para Gohn (2000, p. 158-159) tem sido contraditória. Num primeiro momento, ela foi estratégica. Daí, as grandes ocupações de terra serem até “avisadas” à imprensa, para que fossem noticiadas. “Mas, à medida que elas passaram a ocupar as manchetes diárias, a exposição excessiva passou a ter efeitos negativos”. Assim, segue a autora, o MST passou a ser utilizado, pela mídia, como elemento de geração do medo e da insegurança junto à opinião pública.

Mesmo não sendo objeto dessa investigação apresentei aqui apenas um breve levantamento sobre a história do MST e de como o Movimento aparece na mídia. O que de alguma forma interfere na imagem que os jovens filhos de assentados têm sobre o Movimento, sobre seus pais e sobre eles mesmos. Nas entrevistas realizadas para este trabalho observou-se que os jovens do Assentamento Capela apóiam as manifestações do MST e identificam-se com a luta pela reforma agrária, no entanto, os depoimentos são cheios de restrições a ações do Movimento que eles denominam de “violentas” e ao modo como o MST aparece na televisão, aspecto que será explorado mais atentamente na parte analítica desta dissertação.

⁹³ O grupo inclui rádios, jornais entre eles Zero Hora, TV Com e RBSTV afiliada da Rede Globo na região sul.

C- JOVENS DE UM ASSENTAMENTO

3.7- OS CAMINHOS DA PESQUISA

Realizar uma investigação é um caminho que se constrói ao caminhar. Se no início de tudo temos idéias, hipóteses, teorias sobre o tema de interesse, somente no fazer vamos entendendo, usando e construindo modos de operacionalizar o empreendimento. Aliar teoria e metodologia adequada depende dos objetivos que se pretende alcançar. Para o presente trabalho foi necessário unir pressupostos metodológicos dos estudos das mediações, de Jesús Martín-Barbero (2003), as teses de Michel Foucault sobre modos de subjetivação e constituição do sujeito contemporâneo. Somam-se a estes vários outros autores com quem dialoguei durante todo o trabalho. Isso porque o trabalho aqui apresentado envolve várias áreas do conhecimento como Sociologia Rural, Comunicação, Educação e Antropologia.

A escolha do *corpus* da investigação como sendo um conjunto de ditos produzidos pelos entrevistados – jovens do Assentamento Capela – sobre os discursos da TV sobre e para o público jovem deu-se principalmente pela diversidade deste tipo de produção na TV brasileira e, porque os sujeitos da pesquisa apontaram nas entrevistas uma infinidade de usos e aprendizagens a partir do conteúdo assistido na televisão. Assim, embora as telenovelas sejam produzidas para atingir o maior número de pessoas possível, de buscar um público heterogêneo, observa-se desde meados da década de 1990 que todas as tramas apresentam um núcleo jovem, e ali se dissemina exemplo de vida, modos de ser jovem em nossa sociedade que procura atingir indistintamente o público juvenil, independente de onde moram: se no campo ou na cidade; se num bairro nobre ou na favela. Ainda, os programas esportivos – como *Esporte Espetacular*, *Globo Esporte*, *Esporte Total* – de grande sucesso entre os jovens investigados, especialmente entre os do sexo masculino, exibem reportagens que falam diretamente ao público jovem

com mensagens que associam a prática de esportes à melhora no desempenho escolar; à qualidade de vida; caminho para o sucesso e conquista de sonhos.

Assim, preferi não realizar um estudo que elegeesse um produto, um programa de televisão, como se costuma ver na tradição dos estudos de recepção. O *corpus* de análise é composto por entrevistas cujo objetivo foi identificar que discursos para e sobre juventude tornam-se “discursos de verdades” para os sujeitos desta investigação. Foram realizadas entrevistas com 20 jovens⁹⁴, com idade entre 14 e 24 anos, filhos de assentados, moradores do Assentamento Capela, localizado no município de Nova Santa Rita. As entrevistas foram realizadas em dois momentos diferentes da investigação. Entre os meses de junho e julho de 2005, foram feitas entrevistas de aproximação: naquele momento tratava-se de explicar o que eu pretendia e como seria o processo de operacionalização e produção dos dados da investigação. Nesta primeira entrevista, também tive como objetivo mapear hábitos e costumes culturais, dentre eles, o que os jovens gostavam de ver na televisão, se costumam ir ao cinema, ler livros, jornais ou revistas, além de questões sobre a relação com o mundo do trabalho, o lazer e percepção do mundo.

As entrevistas no momento de aproximação seguiram um roteiro pré-estabelecido, por pauta (Gil, 1995)⁹⁵ sendo contemplado a possibilidade de alterações de acordo com a conversa. Segundo Antônio Carlos Gil (1995, p. 117), a preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada pelas atitudes culturais dos respondentes ou pela própria natureza do tema investigado. No caso do presente trabalho, a escolha por entrevistas por pauta se deu pela possibilidade que esta dá ao investigador ter um roteiro que lhe auxilie no processo de produção dos dados sem, no entanto, amarrar ou “engessar” o desenvolvimento da conversa.

A segunda etapa de entrevista foi realizada entre os meses de junho, julho e agosto de 2006. O interesse dessas entrevistas se deteve nos discursos para e sobre

⁹⁴ Embora não tenha como recorte a análise de gênero, é necessário dizer que o grupo é composto por oito meninas e doze meninos.

⁹⁵ Utilizei ali um roteiro para a entrevista baseado no questionário da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* realizado pelo Instituto Cidadania, em 2003 com jovens de todo Brasil.

juventude e o uso destes nas vidas dos sujeitos da investigação. Foi nesse período também que me dediquei a assistir televisão com os entrevistados. Devido à escolha de não gravar trechos de programas e apresentar aos sujeitos para daí fomentar uma discussão sobre os discursos exibidos na televisão, utilizei-me de diário de campo⁹⁶ para anotar os comentários e acontecimentos durante a assistência dos programas. Assim, a pesquisa assume a dimensão qualitativa e lança mão da perspectiva etnográfica, elaborando e interpretando dados que se originam das práticas dos sujeitos nos diferentes espaços de investigação. O diário de campo foi instrumento utilizado durante todo o período de levantamento de dados. Pelo fato de morar no Assentamento Capela, tive a oportunidade de observar quase diariamente a vida dos sujeitos da pesquisa em ambientes e atividades distintas, como o trabalho, o lazer, a convivência familiar e a vivência de alguns deles na escola⁹⁷.

O itinerário de pesquisa de campo produziu assim, 40 entrevistas, totalizando 32 horas de gravação em fitas cassetes que, transcritas, resultaram 368 páginas e dois cadernos de campo com anotações e fragmentos de memórias, relativos às minhas incursões no mundo dos jovens assentados. Talvez a incerteza e o temor de não ter todos os ingredientes indispensáveis para a análise tenha produzido muito mais perguntas que respostas. Embora se exija rigor na operacionalização da pesquisa social empírica, é necessário levar em conta que tratamos com sujeitos, e só isso faz uma grande diferença no intervalo do que pensamos ser a pesquisa que fazemos e a que de fato realizamos no final do

⁹⁶ A escolha pelo uso do instrumento diário de campo, típico da etnografia, dá-se pelo aspecto próprio dessa ferramenta de coleta de dados que mistura acontecimento e reflexão. Yves Winkin (1998) aponta que o diário de campo tem entre suas funções a catártica (lugar de estar consigo mesmo, ante o mundo social estudado); a empírica (tudo o que chamar a sua atenção durante as sessões de observação deve ser anotado); e a reflexiva e analítica (anotações que constituirão estratos ao longo do trabalho de campo). Luís Henrique Sacchi dos Santos (1998, p. 120) explica que enquanto instrumento de análise etnográfica, o diário de campo guarda algumas características: “ao mesmo tempo em que os amplia, permitindo que, a partir de seus registros, se vá, nestas sucessivas aproximações, desenhando espaços, compondo arranjos, entretecendo os diferentes discursos que estão em operação na constituição das representações que se apresentam para nos compor”.

⁹⁷ Durante os meses de maio, junho, agosto, setembro e outubro de 2005 visitei uma vez por semana a Escola Estadual Nova Sociedade, localizada no Assentamento Itapuí, instituição onde estuda ou estudou grande parte dos sujeitos desta pesquisa.

trabalho. Nesse sentido os resultados que cheguei e as interpretações que aqui expressei é a soma da interação entre o que eu vi, escutei e senti e o que os sujeitos investigados me disseram e me deixaram ver.

A definição de circunscrever a análise de recepção a um determinado programa ou produto televisivo se mostrou frágil, uma vez que os sujeitos se revelaram consumidores de uma grande variedade de programas, ao mesmo tempo em que tinham suas identidades delineadas a partir de contextos de sociabilidade e discursos diversos, com origens também diversas como, por exemplo, a Escola e a família. Os sujeitos e o que eles fazem com os discursos da TV, e não os discursos televisivos em si, são o objeto central de minhas preocupações. Essa perspectiva me possibilitou trabalhar com a memória do telespectador como eixo das entrevistas, abandonando a prática dos estudos de recepção que utilizam recortes e edições específicas de produtos para realizar a produção de dados de análise.

José Saramago (1996) na epígrafe do livro *Ensaio sobre a cegueira* escreve: “Se podes enxergar vê, se podes ver, repara”. Seguindo o conselho do escritor procurei reparar nos detalhes e nos acontecimentos, procurei perceber o que até então era ponto cego nas minhas hipóteses e delimitações.

3.8- OS SUJEITOS DA PESQUISA

Por que e como escolhi os 20 jovens sujeitos desta investigação? Sendo uma pesquisa qualitativa, a possibilidade de uma certa flexibilidade, mudanças de rumos e alternâncias são elementos presentes o tempo todo; no entanto, isso não significa falta de critérios, nem falta de rigor. Esse é um aspecto que nos coloca a pensar sobre os caminhos a seguir, como anotei nas páginas iniciais do diário de campo:

(...) Penso o que observar? O que pode ser importante para minha investigação? A princípio tudo me parece útil, mas também o contrário. (...) Se abre então, um vasto campo de possibilidades, de incertezas e de procuras indefiníveis(...) Diário de campo, 19/05/2005⁹⁸.

⁹⁸ Para diferenciar as citações de autores do material da pesquisa empírica, como anotações do diário de campo e excerto de entrevistas com os jovens, utilizarei outra fonte.

O processo de escolha dos entrevistados ocorreu a partir de alguns critérios objetivos e subjetivos. É possível dizer, por exemplo, que o corte de idade seria entre os 14 e 24 anos, porque tive a intenção de relacionar consumo de discursos televisivos a consumo de produtos da indústria cultural, consumo de moda. A maioria deles com 14 anos já trabalham dentro ou fora do assentamento; além disso, com essa idade os que não trabalham formalmente, por ajudar em casa, recebem algum dinheiro dos pais para gastos com lazer e vestuário. O corte de idade também tem relação com a possibilidade de projeção de futuro, de opções no que diz respeito a estabelecer uma relação do jovem com o MST, se pretende acampar, que curso de Ensino Médio vai cursar: um profissionalizante nas escolas do MST ou o curso tradicional numa Escola Estadual? Esse tipo de questão está relacionado com a função de mediação que o Movimento Sem Terra e seus discursos têm na formação da identidade destes jovens e na forma como eles se relacionam com os discursos da televisão.

Outro critério foi contemplar na amostra jovens dos quatro núcleos habitacionais do Assentamento. Embora não se trate de um trabalho representativo das várias formas de viver dos jovens do Assentamento Capela, penso que ouvir jovens dos diferentes núcleos poderia apontar efeitos mediadores diferenciados, proporcionando evidenciar singularidades na forma dos sujeitos se relacionarem com os discursos televisivos, especialmente no que se refere à presença do MST no cotidiano dos grupos⁹⁹.

A grande parte dos sujeitos da pesquisa já eram meus conhecidos e foi a partir de observá-los no cotidiano que me surgiram as primeiras formulações para esta investigação. Entretanto, há aqueles que apenas sabia da existência e outros que a busca pela composição da amostra me fez conhecer. Assim, posso dizer que embora não seja uma escolha aleatória, talvez possa se dizer que o acaso pode ser considerado um critério. O tamanho da amostra, 20 entrevistados, deu-se a partir das observações feitas por Orozco (2000, p. 83), para quem a investigação

qualitativa “é um processo de indagação de um objeto ao qual o investigador alcança através de interpretações sucessivas com a ajuda de instrumentos e técnicas, que lhe permitem envolver-se com o objeto para interpretá-lo da forma mais integral possível”. Segundo o autor não é necessário para este tipo de investigação mais do que 25 pessoas, sendo um número entre 10 e 20 indivíduos suficiente para que se tenha conhecimento das questões que se investiga, pois, além desse número, as informações novas obtidas são mínimas.

Na composição da amostra não me preocupei em classificar os respondentes por gênero¹⁰⁰, embora saiba que na tradição dos Estudos Culturais e de Recepção esta variável é importante elemento mediador. Uma última informação é que dois jovens (um garoto e uma garota) abordados para a investigação se recusaram a dar entrevista alegando que não gostariam de falar sobre suas vidas. A seguir passo a traçar um perfil dos sujeitos da investigação, os nomes adotados são fictícios, no entanto, os demais dados foram fornecidos pelos entrevistados¹⁰¹:

Gabriela - 14 anos, filha mais velha de uma família de quatro filhos. Cursa a 8^a série na Escola Estadual Nova Sociedade. Trabalha no abatedouro de suíno da Coopan. A mãe trabalha como diarista em Canoas e Nova Santa Rita. O pai é sócio fundador da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (COOPAN). Além dos pais e irmãos, moram na casa os avós paternos. A entrevistada disse gostar de assistir a novelas e filmes na televisão. Usa a televisão para se manter informada sobre lançamentos de roupa, calçados. *“Como eu não costumo comprar revistas, eu vejo o que tá na moda na televisão, nas novelas¹⁰²”*.

Viviane - 14 anos, filha mais velha de uma família de dois filhos. Cursa a 8^a série

⁹⁹ Como apontado no capítulo sobre a paisagem da pesquisa os diversos grupos populacionais existentes no assentamento espelham as tensões relacionadas ao modo de produção (coletivo x individual; orgânico x convencional).

¹⁰⁰ A escolha de não classificar os sujeitos por gênero deu-se especialmente pelo fato de não observar diferenças relevantes nas leituras dos ditos televisivos originadas em posição de gênero.

¹⁰¹ Além dos nomes serem fictícios os respondentes ou seus responsáveis, em caso do entrevistado ser menor de idade, assinaram termo de consentimento de uso das entrevistas gravadas e imagens dos mesmos na presente pesquisa.

¹⁰² Reproduzo os modos de construção lingüística, tal como falados pelos entrevistados, marcando os “erros” com itálico. Também grifo expressões nas quais me detenho, ao fazer a análise.

na Escola Estadual Nova Sociedade. Trabalha no aviário da Coopan. A mãe é professora e militante do MST, atua no setor de educação do movimento especialmente nas Escolas de Acampamento, atualmente é integrante da direção estadual do movimento no RS. O pai é sócio fundador da Coopan, na casa moram ainda os avós maternos e um tio da entrevistada. Informou não gostar muito de televisão, mas assiste a novelas, principalmente às Novelas das Seis e das Sete da Rede Globo. No final de semana gosta de ver o Fantástico, "tão sempre mostrando coisas sobre os jovens, um pouco sobre a relação dos pais com os filhos, como resolver alguns conflitos que surgem... mais isso. Ah! Tem também aqueles quadros que eles mostram sobre algum assunto... tipo sobre grávidas, sobre o espaço, novas descobertas, eu gosto ver essas coisas".

Rejane - 15 anos, segunda filha de uma família de dois filhos. Cursa a 6ª série no curso de EJA na Escola Estadual Nova Sociedade. A mãe é servidora pública municipal e o pai trabalha individualmente na produção de arroz e leite. Disse que costuma ver televisão mais durante o dia, porque estuda à noite, divide o tempo entre escutar rádio e ver televisão, ou às vezes as duas coisas ao mesmo. Participa do Grupo de Teatro Municipal, pensa em fazer faculdade em Artes Cênicas.

Mário - 16 anos, filho mais velho de uma família de dois filhos. Cursa o 1º do ensino médio na Escola Estadual Nova Sociedade. Trabalha no setor do abatedouro de suíno na Coopan. A mãe e o pai são sócios fundadores da Coopan, sendo a mãe militante do MST atuante no setor de saúde. Assiste TV mais para ver o noticiário; informou que assiste pouco à televisão. O que costuma ver são programas sobre carro, *Auto-Esporte* e *Carros* na TVCOM, ou filmes.

Maurício - 14 anos, filho mais velho de uma família de dois filhos. Cursa a 7ª série na Escola Estadual Nova Sociedade. Trabalha no setor das vacas e do leite na Coopan. A mãe é diarista em Nova Santa Rita e o pai sócio fundador da Coopan. Gosta de novelas, vê todas que for possível: "Eu gosto de ver a *Novela das Seis*, porque fala do tempo antigo, de como era na época da escravidão ou coisa assim. A *Novela das Sete* porque é divertida, é comédia, é quando dou muita

risada e a *Novela das Oito* porque parece mais com vida real, com o que é hoje a vida¹⁰³”.

Afonso – 15 anos, filho mais velho de uma família de dois filhos. Cursa a 7ª série na Escola Estadual Nova Sociedade. Trabalha no setor das vacas e do leite na Coopan. Os pais são sócios fundadores da Coopan. Afirmou gostar de assistir a novelas, compõe a auto-imagem a partir do que os personagens com que mais se identifica usam; assim, justifica usar correntes, gostar de roupa preta e braceletes pretos com tachas prata, inspirado em personagens de *Malhação*.

Miguel – 24 anos, filho mais velho de uma família de dois filhos. Trabalha no Pólo Petroquímico de Triunfo, faz curso profissionalizante de mecânica no Senai em Canoas. Após a morte do pai, assumiu o plantio de arroz no lote da família. Afirma não ter, atualmente, muito tempo para assistir a televisão. Vê televisão mais à noite, o noticiário, a *Novela das Oito*, da Rede Globo, mas quando não trabalhava informou ter visto muito TV, principalmente filmes e programas esportivos, os seus preferidos até hoje.

Vanessa – 18 anos, segunda filha numa família de dois filhos. Trabalha como recepcionista num consultório dentário em Porto Alegre. Por trabalhar o dia todo, informou não assistir muito a televisão, no entanto, disse não ficar sem acompanhar a *Novela das Oito*, embora já tenha tentado ficar sem ver novela. Para ela, a *Novela das Oito*, da Rede Globo, principalmente, é um meio até de ter o que conversar com as pessoas no trabalho ou em qualquer lugar. Isso, segundo ela, porque “todo mundo vê a *Novela das Oito*”.

Bruna – 14 anos, filha mais nova numa família de três filhos. Trabalha no abatedouro de suíno da Coopan e no escritório da cooperativa. Cursa a 8ª série na Escola Estadual Nova Sociedade. Os pais são sócios fundadores da Coopan, o pai por seis anos foi integrante da direção do MST no RS. Narra o seu cotidiano tendo como referência os programas televisivos: acorda na hora do *Globo Rural*, vai para a Escola quando está passando *Bom dia Brasil*. Retorna da escola na hora do *Globo*

¹⁰³ As características da grade de novelas que o entrevistado se refere corresponde às novelas exibidas na Rede Globo.

Esportes... Depois do *Vídeo Show* vai trabalhar (...) Informou que gosta de ver televisão porque é uma forma de saber como é a vida em outros lugares, "é como a leitura (...) só que um pouco diferente, porque lendo um livro tu tem que imaginar as coisas e na televisão tu vê as imagens... dá menos trabalho, tu não precisa ficar imaginando como é... a TV te mostra ali".

Jorge - 16 anos, segundo filho de uma família de três filhos. Cursa técnicas agrícolas na Escola Técnica Agrícola em Cachoeirinha. Os pais são sócios fundadores da Coopan, sendo que o pai por seis anos foi integrante da direção do MST no RS. Jorge diz gostar muito de ver filmes e esportes na TV; são seus preferidos, mas às vezes também vê novela.

Gustavo - 19 anos, filho mais velho de uma família de três filhos. Faz curso de Técnico em Agroecologia em Pontão, no CETAP, escola do MST. Os pais são sócios fundadores da Coopan. Informou gostar de ver televisão, mas depois que iniciou o curso de Agroecologia tem se preocupado em ter um olhar crítico sobre o que é apresentado na TV.

Mônica - 14 anos, filha única. Estuda a 8ª série na Escola Municipal Omero Fraga, em Nova Santa Rita. A mãe é diarista em Porto Alegre e o pai planta arroz e produz leite. Gosta de ver novelas, é uma forma de se distrair, "às vezes, a gente fica tão envolvida que até esquece que aquilo não é realidade, que é só um passatempo".

Vitória - 15 anos, filha mais velha de uma família de dois filhos. Estuda a 8ª série na Escola Municipal Omero Fraga, em Nova Santa Rita. Os pais plantam acácia no lote da família. A televisão para ela é um meio de informação, sobre o Brasil, o mundo, mas principalmente informação sobre moda, sobre como vivem outras pessoas em outros lugares. "É uma forma de tu saber sobre outras realidades, às vezes a gente fica muito na nossa *vidinha*, no nosso *mundinho* e, até acha que vive mal, mas daí na TV a gente pode ver que não é bem assim (...) que dificuldades *existe* em todo lugar e, que a gente deve ter esperança e lutar

para as coisas *melhorar*".

Alexandre - 18 anos, segundo filho de uma família de três filhos. Cursa Logística na ULBRA, em Canoas e trabalha numa empresa de tecnologia de informática em Porto Alegre. A mãe trabalha como diarista em Canoas. Disse não ter muito tempo para assistir TV atualmente. Prefere no final de semana locar um DVD ou ir ao cinema. Informou que a imagens das torres do *World Trade Center* despencando, após os atentados de 11 de setembro de 2001, não saem de sua memória. Usou o acontecimento para explicar como a TV é importante na nossa sociedade e na vida das pessoas. "Uma coisa que aconteceu lá em outro país, longe de mim, não conhecia ninguém que estava lá, mas mesmo assim aquilo me impressionou... mais que o atentado de Madri, em 2004. Acho que porque a gente não teve a imagem instantânea".

Renato - 22 anos, filho mais velho de uma família de dois filhos. Funcionário público em Nova Santa Rita cursou o Ensino Fundamental. Nas horas vagas ajuda o pai no plantio de arroz, já morou por um ano na cidade de Capela de Santana. Utiliza a televisão como meio de informação, noticiários, e programas sobre carros e motos - um grande interesse em sua vida. Além disso, a TV é segundo ele uma forma de saber os lançamentos de roupa, "ficar por dentro da moda e dos lançamentos".

Camilo - 19 anos, filho mais velho de uma família de dois filhos. Cursa Técnico em Agroecologia numa escola do MST em Cantagalo/PR. A mãe é servidora pública municipal e o pai trabalha individualmente na produção de arroz e leite. Informou que antes de participar do curso do MST via televisão todos os dias, mas que agora procura ter uma visão crítica do que a TV mostra.

Marcelo - 19 anos, filho mais velho de uma família de três filhos. Cursa Técnico em Agroecologia numa escola do MST em Cantagalo/PR. Os pais produzem leite e hortaliças. Disse que quando era criança via mais televisão, gostava de ver desenho, mas que hoje em dia tem outras atividades e que prefere ler que ver televisão, "mas sempre olho alguma coisa, é quase impossível não ver TV".

João - 16 anos, filho único. Cursa Técnico em Agroecologia numa escola do MST, em Pontão/RS. A mãe trabalha como diarista em Porto Alegre e o pai é sócio da Coopan. Disse gostar de ver programas de esporte, novelas e filmes. Informou que notícias quase não via, mas que depois que ingressou no curso de agroecologia começou a se preocupar mais com as notícias e procura sempre que possível ver o noticiário.

Pedro - 15 anos, filho mais velho de uma família de dois. Estuda a 7ª série na Escola Estadual Nova Sociedade. A mãe é dona de casa e o padrasto planta arroz. Gosta de ver de tudo na televisão, programas esportivos, novelas, filmes de aventura, ação e romance. Para ele, a TV é um meio de estar informado sobre tudo: sobre a vida dos artistas, do carro novo que foi lançado, do tipo de roupa que vai se usar e dos problemas que os jovens enfrentam, como o desemprego.

Carolina - 16 anos, filha mais velha de uma família de dois filhos. Cursa o 1º ano do ensino médio na Escola Estadual Nova Sociedade. É revendedora Avon e Hermes e trabalha no abatedouro de suínos da Coopan. A mãe é diarista em Porto Alegre e o pai é sócio fundador da Coopan, além de ser militante (atualmente da direção regional dos Assentamentos da Região de Porto Alegre). Gosta de ver novelas e filmes na TV.

TERCEIRA PARTE
JUVENTUDE SEM TERRA: MEDIAÇÕES E MODOS
APRENDIDOS DE SER JOVEM NA TV

4- MEDIAÇÕES, PRODUÇÃO DE SENTIDOS E SUBJETIVAÇÃO

No jornalismo, há ainda os que crêem que a objetividade e a imparcialidade são as características básicas para se fazer uma boa reportagem. É por isso, entre outras coisas, que Eugênio Bucci (2004a) afirma ser este um dos últimos redutos do positivismo em nosso tempo. Falo disso para ressaltar que, embora este trabalho não seja uma reportagem, foi feito por uma jornalista que há tempos não crê na imparcialidade propalada nos manuais profissionais. Assim, a análise aqui apresentada, bem como todo o processo do fazer esta dissertação, tem as minhas inquietações, meu olhar, minhas dúvidas. A análise é a hora de debruçar-se sobre o material empírico produzido no trabalho de campo e os conceitos com os quais escolhi trabalhar; é, portanto, operar com conceitos sobre o empírico. “Operar sobre as coisas ditas é reescrever o que se enuncia em palavras, frases, proposições, imagens, cores e movimentos” (Fischer, 1996, p. 131).

A análise terá como suporte teórico os conceitos já elencado, ou seja, os conceitos de modos de subjetivação, mediação e discurso (televisivo). É importante ressaltar que as análises sobre juventude têm como parâmetro a experiência burguesa, como ensina Abramo (2005); no entanto, isso já não explica as distintas formas de ser jovem no mundo contemporâneo. O acesso às novas tecnologias de comunicação proporciona, não apenas aos jovens, mas especialmente a esta parcela da população, extrapolar o contexto sócio cultural de vivências imediatas. É em busca dessas novas experiências culturais que jovens do Morro do Macaco, no Rio de Janeiro, fazem fila em um telecentro para acessar a internet¹⁰⁴, ou que os jovens

¹⁰⁴ Reportagem exibida no Jornal da Cultura, no dia 23 de agosto de 2006, às 22:00 h. A reportagem falava do crescimento da Internet no Brasil e de como esse é um fenômeno comunicacional que atinge todas as camadas sociais, independente de ter um computador em casa ou acesso banda larga domiciliar, a Internet está presente na vida dos brasileiros, afirmava a reportagem. O link que faço daquela reportagem com a pesquisa aqui apresentada é que embora haja poucos computadores nas casas das 100 famílias do Assentamento Capela, os jovens têm e-mail, acessam a internet e freqüentam sites de relacionamento como o Orkut. Fato que distancia da imagem tradicional da juventude rural.

sujeitos desta dissertação economizam o pouco salário para adquirir um computador, que juntam uns “trocados” para ir a uma *lan house*; passam horas dos domingos trancados num quarto brincando de modelo, fazendo “caras e bocas” com uma câmera fotográfica digital; ou, se inspiram em personagens de telenovelas para compor sua auto-imagem.

Embora os itens estejam relacionados entre si, a análise a seguir está dividida em três blocos, da seguinte maneira: a) interrogações que dizem respeito ao cotidiano híbrido entre campo e cidade, o qual permeia a vida dos sujeitos da pesquisa. Desse modo, reflito a partir das falas dos entrevistados, sobre o desejo de migrar para a cidade, o desejo de ser um igual (em relação aos jovens da cidade ou personagens de ficção televisiva), a construção de si a partir da alteridade (o outro diferente de mim); b) a relação dos jovens com o MST e a leitura que eles fazem do MST na mídia, como a imagem do MST na sociedade afeta suas vidas e os planos que têm em relação à sucessão da terra;

c) um último bloco de análise recai sobre a relação com a televisão e seus discursos para e sobre juventude. A televisão como lugar de aprendizagens sobre moda, comportamento, tendências, como elemento para compor a auto-imagem; A televisão como lugar de acompanhar experiências que podem ser as suas: afirmação de preceitos aprendidos na família ou na igreja (não roubar, não usar drogas) ou lugar para conhecer mais sobre temas pouco abordados no espaço familiar como a sexualidade (a “hora certa” e a “pessoa certa” para iniciar a vida sexual, a confissão como base das relações); O narrar-se desses jovens apresenta o uso constante do que Michel Foucault denominou “tecnologias do eu”, como por exemplo, controlar-se, confessar-se, auto-avaliar-se. O autocontrole é apresentado como forma de alcançar alguns objetivos de consumo, como por exemplo, o computador, ou, na negociação entre o desejo e o que é possível possuir, dentro de sua realidade econômica.

Em relação à TV, o que nos dizem os jovens do Assentamento Capela? Que usos fazem dela? Estas são questões que norteiam a análise a seguir. De antemão pode-se dizer que os jovens utilizam-se da televisão e de seus discursos para e sobre juventude para construção de modos de ser jovem, embora reconheçam grandes

diferenças entre as vidas dos personagens das telenovelas e as suas. Realizam uma certa crítica dos conteúdos televisivos, mas não deixam de identificar-se com os problemas e dificuldades vividos por jovens na ficção.

4.1- UM COTIDIANO HÍBRIDO ENTRE O CAMPO E A CIDADE

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia. O relato é *diégese*, como diz o grego para designar a narração: instaura uma caminhada (guia) e passa através (transgride). (Certeau, 2004, p. 215)

Faço uso de Michel de Certeau para refletir sobre esse modo híbrido de viver que encontrei entre os jovens do Assentamento Capela, caracterizado pela possibilidade de travessia e transgressão, por vezes até ruptura das expectativas depositadas pelos pais, comunidade e movimento social sobre esses sujeitos. Embora não seja a preocupação central deste trabalho, não poderia deixar de questionar e provocar o pensamento sobre a velha questão que se põe aos jovens do campo, ou seja, migrar ou não para a cidade. Entre os entrevistados, percebe-se uma atitude pragmática, embora vacilante: por um lado, transferir-se para a cidade pode proporcionar uma certa comodidade em relação à não morar tão longe do trabalho ou mesmo de poder desfrutar dos espaços de lazer que a cidade oferece; por outro, esses jovens observam que ir para a cidade significa encarar-se como diferente, abrir mão do conforto familiar e morar em condições mais precárias, devido ao custo de vida na cidade e à falta de segurança.

VANESSA - Não, eu acho que eu não tenho vontade de morar na cidade. Porque... sei lá, eu sempre morei no campo e lá na cidade tem uma rotina completamente diferente da gente, da vida que a gente tá acostumada aqui. Eu até acho que muita coisa a gente precisa fazer na cidade, estudar, por exemplo, é uma coisa que a gente faz no campo até um certo momento... Depois... Se tu *quer* ir adiante, tu tem que ir pra cidade... uma faculdade, um curso técnico, até mesmo um curso de inglês, de informática, tem que ser na cidade. E eu acho que isso não vai mudar. Mas, daí pensar em morar na cidade... eu não sei se eu quero. Eu acho que não.

MÁRIO - Eu já pensei [em morar na cidade] e pensei mal. No ano passado eu fui passar uns dias na casa do meu tio lá em Viamão, mas não gostei. É muito

movimento, muito barulho... Eu não consigo me adaptar, não tem muito o que fazer, a gente tem que ficar muito preso, por causa da violência. Sem falar que por ser colono tu já é um pouco discriminado.

GABRIELA - Eu queria... eu quero, ainda, morar na cidade. Porque eu acho que é mais prático, o trabalho é mais perto. Aqui tem que passar uma hora quase dentro de ônibus, se vai a Porto Alegre tem que pegar metrô. Cansa muito. Eu gostaria de morar na cidade, por um lado. Por outro, tem também a violência, o custo de moradia é alto, mesmo a energia e a água são mais caros na cidade. Mesmo assim eu quero alguma vez morar na cidade.

Estes jovens oscilam entre o projeto de vida individual de construírem suas vidas, que se expressa no desejo de “melhorarem de vida”, de “serem alguém na vida”, e o compromisso com a terra conquistada pelos pais, que se confunde também com o sentimento de pertencimento à localidade de origem. É curioso observar que nessa tensão convivem elementos do que é denominado na literatura de “sociedades tradicionais” e da “modernidade”, posto que a auto-imagem destes sujeitos é “urbana”, “moderna” mas também “rural”, “tradicional”. Nos relatos, e aí penso ser interessante pensar com Certeau (2004), os jovens parecem fazer a *travessia* entre estes dois mundos: o da cidade e do campo, o da tradição e da modernidade. Mas isso não significa que abdicuem de um ou outro modo de viver, tanto na composição da auto-imagem, nas relações sociais ou na constituição da identidade de cada um. Um bom exemplo, que diz respeito à sociabilidade é a convivência entre os sujeitos investigados de práticas sociais “tradicionais” como a conversa em torno de uma cuia de chimarrão e as práticas “modernas” de relações *on-line*.

Auto-imagem esta que é referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pela expectativa de inserção no mundo moderno. Mas essa inserção não implica a negação da cultura de origem; antes, supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos jovens da cidade e aos da localidade de origem.

MÁRIO - (...) hoje em dia isso já não tem tanta diferença, as pessoas se vestem quase igual... me dá até nojo quando eu chego na cidade e encontro vários *piá* com o mesmo tipo de camiseta que eu... tudo comprada na mesma

promoção (risos), mas aí quando tu começa a falar, aí tu vê a diferença, na fala.

Na tentativa de ser um igual e diferente, ao mesmo tempo, o modo de se vestir é o que mais os jovens levam em consideração. As meninas, por exemplo, afirmam não seguir a moda, ao mesmo tempo em que revelam que utilizam anúncios publicitários e novelas como inspiração para escolher o que compram, para compor a imagem.

GABRIELA - Não me sinto bem em usar uma coisa totalmente fora... Também não é legal andar igual aos outros, mas ser totalmente diferente é sei lá... É difícil de explicar, mas eu gosto de estar na moda, não ser tão diferente.

MAURÍCIO - Eu gosto bastante de acessórios: colares, correntes. Comecei vendo na TV naquela novela *Belíssima*, também já tinha visto antes o João da *Malhação* que usa e fica assim no estilo. Também tem meus amigos que usam e eu gosto de usar também. Começou assim, vendo na TV daí um dia eu experimentei as correntes e os braceletes tachados e gostei, achei bonito em mim, daí eu comprei.

Em termos de sucessão e herança, é prematuro apontar o que vai acontecer entre os jovens do Assentamento Capela, posto que a faixa etária entre os pais não chega a 40 anos. Apenas um caso entre os sujeitos da pesquisa a sucessão já se deu pelo falecimento do pai. Embora a mãe ajude no trabalho, o filho mais velho, de 24 anos, assumiu as responsabilidades da casa. Esse caso denota uma certa flexibilidade destes jovens em levar a vida, conciliando trabalho fora do Assentamento e a manutenção da lavoura. A pluriatividade, adotada pelos mais velhos e, apontada anteriormente como elemento importante na economia local, tem seus adeptos entre os mais jovens, que vislumbram na pluralidade das atividades produtivas uma forma de manter-se no campo, embora com algumas diferenças em relação aos seus pais.

MIGUEL - Quando o pai faleceu eu tinha 19 anos, me vi diante de uma grande mudança na minha vida... Eu tive que amadurecer a força, não tinha

mais tempo *pra* brincar... a responsabilidade me bateu a porta. (...) Hoje eu encaro com mais tranqüilidade negociar com banco, trabalhar e batalhar pelos meus sonhos. Fazer a terra produzir, mas continuar estudando, traçar outras alternativas para minha vida.

Na formulação dos projetos individuais, os jovens entrevistados explicitam a ambigüidade que caracteriza a vivência entre dois universos culturais distintos. A intenção de ter uma profissão diferente dos pais convive com a vontade de permanecer residindo no Assentamento. Além do aconchego da casa da família¹⁰⁵ e das dificuldades com a violência e os custo de vida na cidade, os jovens apontam a proximidade com grandes centros do estado, como Canoas e Porto Alegre, uma certa infra-estrutura do lugar e facilidades propiciadas pela tecnologia, como sendo, segundo eles, componentes que facilitam hoje em dia a vida no campo.

Embora não seja possível atualmente concluir se esses jovens permanecerão ou não morando no Assentamento, uma afirmação em relação ao futuro deles já se pode dizer: eles não pretendem engrossar as fileiras dos acampamentos ou do MST na luta pela terra. Entre as profissões que se desenham como preferenciais pelos entrevistados estão Veterinária, Técnico em Agroecologia, Nutrição, Direito, Artes Cênicas. Mesmo aqueles que apontam para uma profissão mais relacionada ao meio rural descartam a possibilidade e um dia ir acampar para ganhar terra. Há, entre alguns, o sentimento de que ser trabalhador rural é para os que não conseguem ir bem nos estudos¹⁰⁶, como mostra o excerto de uma das entrevistas realizadas para esta investigação:

¹⁰⁵ Nesse sentido os jovens do Assentamento Capela repetem um fenômeno social recorrente em nosso tempo, o adiamento da saída da casa dos pais. Diferente de outras localidades rurais, os jovens deste Assentamento podem estudar e trabalhar nas cidades vizinhas e continuar morando no local de origem. Essa transitoriedade entre campo e cidade é observado por Carneiro (1998) em um estudo realizado com jovens rurais no município de Nova Prata, na serra gaúcha.

¹⁰⁶ A associação entre permanecer no campo e ter insucesso na escola é parte da cultura rural, embora no Assentamento Capela o índice de analfabetismo entre os adultos seja quase zero e um número significativo dos assentados tenham concluído o Ensino Fundamental e Ensino Médio, entre os jovens entrevistados, essa associação é forte. A Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária (PNERA), desenvolvida pelos Ministérios da Educação e Desenvolvimento Agrário, em assentamentos de todo Brasil durante o ano de 2004, revela o quadro de atitudes e concepções que convivem entre os assentados no que diz respeito à educação e desenvolvimento rural. Entre 56,9% dos entrevistados o estudo dos jovens está associado a oportunidades de trabalho na cidade. Na região Sul, esse número é menor, 37,8%, mas igualmente relevante; ou a idéia que os alunos da

MAURÍCIO -Eu acho que não vou ir acampar.*Se eu ir bem nos estudos, eu não vou precisar ir acampar.*

SARA - Tu achas então que para a pessoa ir acampar é porque não vai bem nos estudos?

MAURÍCIO - Eu acho que é, né?! Só quando tá mal mesmo.

Um outro dado dessa ambigüidade (ficar no campo ou migrar para a cidade), está relacionado a crescente valorização da vida no campo e o contato com a natureza, presente nos discursos que ocupam cada vez mais espaço na mídia e que os jovens observam no dia-a-dia, a partir do turismo rural, aspecto já tratado neste trabalho. Os entrevistados apontam várias questões relacionadas à valorização da vida no campo como fator que justificaria a permanência na terra e, em contrapartida, indicam a própria imagem de violência das cidades, exibida nos telejornais como forte argumento para evitar os centros urbanos como lugar para se viver.

VANESSA -Antigamente a pessoa que morava no campo, não vou dizer assim que era discriminada, mas era uma coisa diferente, era tratada de forma diferente. Hoje em dia já não tem tanto isso. (...) Muitas vezes o pessoal da cidade quer vir pro campo para descansar e mesmo porque os alimentos sem agrotóxicos são mais valorizados hoje em dia. As pessoas da cidade estão mais preocupadas com a saúde, com uma vida saudável e então acabam procurando *o campo como um lugar mais natural*, até por questão de saúde. (...) Essa mudança, essa certa valorização da vida no campo é bom pra gente que mora aqui porque também a gente se sente valorizado. Eu não trabalho na terra, mas foi isso que meu pai fez por toda a vida, minha mãe também trabalha nisso... Então, eu gosto que as pessoas da cidade comecem a ver o campo como um lugar bom para viver.

Um outro entrevistado afirma:

cidade aprendem mais que os do Assentamento, parece razoável para 49,2% do total dos entrevistados, no Sul o índice de entrevistados que acreditam nessa afirmação é de 28,2%. Embora com menor adesão entre os assentados entrevistados, há ainda a idéia de que “para trabalhar na roça, ler e escrever não é tão importante”, aceita por 3,9% dos entrevistados nos assentamentos da região e 4,7% no geral da amostra de 10.200 domicílios localizados nos 5.595 assentamentos credenciados no INCRA em 2004 (Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário & Ministério da Educação: Pesquisa Nacional da Educação na Reforma Agrária – Relatório Preliminar, 2005, p. 123-125).

ALEXANDRE - Olha, eu gosto bastante de ir na cidade. Mas, eu prefiro muito mais viver no campo (...) Se as pessoas saem lá de suas casa em Porto Alegre e em tantos outros lugares para ver como a gente vive e aproveitar dessa nossa natureza, e todo mundo sabe do bem que o contato com a natureza faz pra gente, então eu acho que ficar por aqui não é ruim.

Mas ele faz uma ressalva:

ALEXANDRE - Só não pretendo é plantar, cultivar a terra. Eu estou estudando para ter uma profissão melhor, que me dê um trabalho mais reconhecido.

Os jovens do Assentamento Capela transitam e transgridem cotidianamente essa linha que demarca os espaços urbano e rural, numa espécie de hibridação. Muito já se falou desses movimentos cotidianos que rompem com os discursos consolidados sobre os usos dos espaços. A juventude é talvez a ponta de lança dessa mudança; no entanto, como mostra Martín-Barbero (2003, p. 271), essas mestiçagens tornam possíveis e pensáveis as formas e os sentidos que a vigência cultural das diferentes identidades vem adquirindo. Assim, podemos falar do rural no urbano, o urbano no rural, o folclore no popular e o popular no massivo. “Não como forma de esconder as contradições, mas sim para extraí-las dos esquemas de modo a podermos observá-las enquanto se fazem e se desfazem” (idem). Um outro aspecto relevante das falas é que os jovens repetem como deles alguns ditos da mídia, como por exemplo: “o bem que o contato com a natureza faz”, “a violência das cidades”, “no campo a gente tem mais segurança”, “na cidade as pessoas nem conhecem os vizinhos, aqui a gente conhece todo mundo”.

Segundo Milton Santos (1997, p. 83), o espaço teria a ver com um espaço de valores, que se transforma permanentemente, é sempre presente, uma construção horizontal, uma situação única em que as formas da natureza ou as construídas pelo homem se somam à vida que as anima. Nas palavras de Certeau (2004, p. 217) o espaço é o lugar “praticado”, poderíamos dizer que os jovens do Assentamento Capela têm um modo próprio de viver esses dois espaços, o rural e o urbano.

Embora tenham a insegurança como elemento inibidor de vivências mais ousadas, esses jovens vêem nos espaços urbanos a possibilidade de aprendizagens,

tanto formais e não-formais, e claro, um privilegiado lugar para experimentar outras formas de lazer, como os *games* eletrônicos, “jogar conversa fora” na lancheria ou as galhofas no ponto de ônibus. A televisão, ou os discursos disseminados por este meio serve de suporte prévio para o que entendem ser um jeito de viver na cidade. O espaço rural é associado a aconchego, liberdade, segurança, mas também a trabalho que lhes possibilita outras experiências. Os jovens optam permanecer no Assentamento porque lhe é conveniente, e essa opção nada tem a ver com uma bandeira de luta, como foi para os pais.

4.2 RECEPÇÃO, MEDIAÇÕES E PRODUÇÃO DE SUJEITOS

O que tenho tentado mostrar até agora e que defendo a partir dos dados empíricos do trabalho etnográfico é que os sujeitos – no caso específico, os sujeitos jovens – vale-se na contemporaneidade dos discursos televisivos para compor ou cobrir de sentidos diversos aspectos da sua constituição. O objetivo aqui é colocar em relação os conceitos de mediação (Martín-Barbero), relações de poder e discurso (Michel Foucault) como ferramentas para analisar os modos de recepção dos jovens do Assentamento Capela.

Antes de me deter nos aspectos da recepção e dos *usos* que os jovens fazem da TV e seus discursos na autoconstituição de si, quero brevemente retomar o conceito de mediação, entendido como o “lugar dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (Martín-Barbero, 2004, p. 304). Para este autor, a família é um dos espaços privilegiados de leitura e codificação da televisão. Embora este estudo não se dedique à análise da recepção na unidade familiar, na realização da pesquisa de campo acabei interagindo com os sujeitos da investigação no ambiente familiar. Não raro, as mães interferiam com observações sobre os gostos televisivos dos filhos.

Martín-Barbero (2003), ao tratar as lógicas dos *usos* dos meios de comunicação, *re-situa* a problemática no campo da cultura, ou seja, “dos conflitos articulados pela cultura, das *mestiçagens* que a sustentam, e por fim do modo com

que a hegemonia trabalha e as resistências que ela mobiliza (...) dos modos de apropriação e réplica das classes subalternas” (idem, p. 321, grifos do autor). Tendo como referência o que o autor denominou de “*habitus* de classe”, que se refere aos modos de ver televisão na organização do tempo e do espaço cotidiano, obtém-se a partir da observação e das falas dos entrevistados o que afinal eles buscam neste meio.

4.2.1-A TV no cotidiano

No caso dos integrantes da amostra, como de quase todo o assentamento, há apenas um aparelho de televisão por residência. O aparelho quase sempre está na sala de estar, lugar de receber as visitas e espaço de convívio familiar. Uma variante interessante é que nos meses de inverno a televisão é deslocada para a cozinha, lugar mais aquecido das moradias. Assim, em torno do fogão à lenha, as pessoas vêem TV, se alimentam, tomam chimarrão.

Assistir TV junto com os jovens em suas casas me possibilitou, tendo em mente as questões levantadas por Martín-Barbero (2003), desenhar o *habitus* televisivo destes sujeitos. O canal mais assistido é a Rede Globo, seguido do SBT e, alguns apontam a MTV como canal preferido, no entanto, essa escolha gera conflito, já que os demais moradores da casa não gostam do tipo de programação daquele canal. A preferência pela Rede Globo me leva a questionar, nas entrevistas, sobre o conhecimento deles da decisão do MST/RS de não dar entrevistas aos veículos de comunicação da RBS, afiliada da Rede Globo no Estado. Com exceção de duas garotas, cujos pais são militantes e dirigentes do Movimento, nenhum dos entrevistados sabia de tal orientação. Um dos entrevistados chegou a declarar:

AFONSO - Isso não quer dizer nada *pra* mim. Eu gosto de ver a Globo e vou continuar vendo.

A preferência pela Rede Globo é justificada por questões de gosto pela programação, pela qualidade da imagem e até pelo *costume*¹⁰⁷. O ato de ver TV é

¹⁰⁷ Quando se formou o hábito de ver TV entre os adultos, estes moravam em localidades que só “pegava” o sinal da Rede Globo. O hábito de ver preferencialmente o canal que retransmite a programação da Rede Globo é transmitido para os filhos, especialmente dadas as condições de

parte do cotidiano destes jovens. Nas entrevistas ao pedir para relatarmos como é o cotidiano de cada um assistir televisão, juntamente com ir à escola, trabalhar e brincar, são as atividades mais relatadas. Embora tenham a TV como uma das atividades mais freqüentes para ocupar o tempo livre, poucos jovens apontaram o ato de ver TV como atividade de lazer ou como divertimento. Quando pensam em lazer, referem-se a jogar bola, jogar sinuca, ir ao cinema, a bailes, ouvir música. Somente quando provocados a pensar se o ato de ver televisão não seria uma atividade de lazer, alguns chegam a reconsiderar e apontam que, de fato, ver filmes, novelas, desenhos animados, *shows*, *clipes* na TV também é lazer. O que se pode evidenciar desses relatos é que, embora de classe popular, os jovens identificam outras atividades como espaços de lazer¹⁰⁸. Falo disso pelo fato de Martín-Barbero (2004) observar que as classes populares pedem tudo da televisão, ou seja, o lazer, a informação, a cultura e de certo modo até a educação têm a TV como lugar privilegiado, isso devido especialmente às limitações financeiras.

Além de assistir à televisão, nos finais de semana os jovens do Assentamento jogam bola, praticam outras modalidades de esportes (vôlei, sinuca, andar de bicicleta); freqüentam *lan house*; jogam em computadores, em casa ou na casa de amigos. O acesso à internet no Assentamento modificou em alguns aspectos o cotidiano desses jovens; verificar os e-mails, jogar ou ficar de bate-papo nos *chats* e *MSN* é um hábito para alguns “que podem” ter computador em casa. Os que não têm computador em casa utilizam, com tempo limitado e durante os dias úteis, um computador no escritório da cooperativa.

Alguns desses jovens nunca foram ao cinema, outros somente através de passeios escolares, há ainda aqueles que pelo menos duas vezes por ano vão ao

disponibilidade de apenas um aparelho de TV nas residências e as relações de poder estabelecidas na família.

¹⁰⁸ A pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, realizada pelo Instituto Cidadania com 3.501 entrevistados em 198 municípios, de 25 estados brasileiros e Distrito Federal, com idade entre 15 e 24 anos, revelou que, embora os jovens ocupem o tempo livre freqüentemente diante da TV, quando questionados sobre o que gostavam de fazer nas horas de lazer as atividades mais citadas foram ir ao cinema, jogar bola/futebol, ir a *shows*, ir ao circo, encontrar os amigos, assistir futebol em estádios e namorar. Talvez as respostas dos jovens expressem mais o que desejam fazer de atividade de lazer, que propriamente o que eles fazem cotidianamente com o tempo livre.

cinema, especialmente nas férias e atraídos por filmes como *Harry Potter* ou filmes da Xuxa. O acesso a filmes no dia-a-dia dá-se principalmente por meio da exibição na televisão aberta ou por locação de fitas VHS e DVD's. A preferência recai sobre filmes de ação, suspense e aventura, especialmente os norte-americanos, mas há também a audiência a filmes nacionais. Por iniciativa de alguns militantes do MST eventualmente realizam-se sessões de exibição na sede da Coopan: os filmes selecionados para estas ocasiões têm relação com a luta pela terra ou com os propósitos de transformação da sociedade pregados pelo MST. Desse modo foram exibidos nos últimos anos *Olga*, *Diário de Motocicletas* e documentários sobre a luta pela reforma agrária no Brasil.

Questionados um pouco mais sobre os espaços e tempos de lazer, os jovens informam que gostariam de ter mais lazer e que muitas vezes algumas atividades de diversão são limitadas pelas condições financeiras.

VITÓRIA - Eu gosto de ir *no* cinema, mas não dá pra ir muito, né?! O preço do ingresso, a passagem de ônibus e sempre tem que ter um lanche, uma coisa pra mastigar enquanto assiste o filme... Aí fica caro. Eu mesma, todas as vezes que fui *no* cinema foi em passeio da escola... O preço é tipo promoção que fazem para as escolas, mas também são filmes mais para crianças... Eu gosto igual, mas tem outros filmes que eu gostaria de ver no cinema, mas não dá.

4.2.2- O discurso do MST como mediação

Pensando sobre os posicionamentos críticos do MST em relação à mídia, com os quais esses jovens convivem tanto no ambiente familiar como na escola, e a maneira como se apropriam dos produtos midiáticos, me apoio nas formulações de Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez. A cotidianidade e a competência cultural são as categorias que me orientam.

Antes de me reportar às falas dos jovens que evidenciam a relação com a mídia e dos *usos* que fazem dos discursos televisivos em suas vidas, vale lembrar que, para o MST, os produtos da indústria cultural são vistos como “lixo cultural”, que “contaminam as pessoas com suas manipulações ideológicas”, conforme afirma

Ademar Bogo (2000, p. 92). Para esse líder do MST, há “lixo” no comportamento, no jeito de ver as coisas, nos hábitos alimentares, na forma de vestir, e tudo isso toma parte da existência dos indivíduos, o que impede a construção da nova sociedade.

É em meio a essa discursividade de negação dos produtos da indústria cultural que o MST aposta em projetos culturais com lançamento de CD's, criação de rádios comunitárias, de publicação de jornais e revistas que, segundo Bogo (idem, p. 19), tem a função de desenvolver, em contraponto à cultura da existência, a cultura de resistência, ou seja, a cultura de não se entregar “totalmente aos embalos do cantarolar do consumismo capitalista”. Nessa perspectiva, resistir aos produtos da indústria cultural é resistir à mídia, à TV, considerada a porta de entrada para todo o “lixo cultural”.

Esse discurso do MST desconsidera a capacidade do sujeito receptor discernir e selecionar os produtos e mensagens midiáticas; em suma, reputa um poder imensurável à TV e seus discursos. As falas de jovens que estudam em escolas do MST expressam esse pensamento do movimento social, no entanto é interessante observar que ao se referirem ao modo como a TV é vista dentro do Movimento, especialmente pelos dirigentes, os jovens se distanciam dessas formulações à medida que utilizam a terceira pessoa do plural, talvez denotando que essas formulações não são suas.

CAMILO - Na escola eles não incentivam muito a ver novela, essas coisas. Eles falam que é sempre bom assistir as coisas com um olhar crítico, porque tudo que aparece na televisão é uma forma de manipular o pensamento, de fazer da gente pessoas dóceis, mansos, para não pensar e não se revoltar contra tudo que tá aí.

GUSTAVO - A gente quase não vê TV quando tá na escola, só às vezes o noticiário, mesmo assim sempre tem alguma atividade para a gente pensar sobre o que viu no jornal, sobre as intenções deles quando mostram uma ou outra matéria. É mesmo para aprender a ser crítico. E não aceitar tudo do jeito que vem na TV.

As observações dos jovens sobre a mediação do MST em relação aos discursos da TV também assinalam a tentativa do Movimento de “educar” para

uma audiência crítica à TV. Alguns dos entrevistados fazem relações engenhosas e articuladas sobre o consumo e televisão em nossa sociedade:

*CAMILO - Os jovens são o foco do capitalismo hoje em dia, eles [o capitalismo] precisam de consumidores. A maioria da juventude tem a cabeça fraca e daí a rebeldia que é própria do jovem é canalizada para o consumo. A mídia, a TV, é a vitrine dos produtos do capitalismo... Tu *pode* ver que *tão* sempre te dizendo para comprar isso, consumir aquilo, vestir marca tal, calçar tênis isso ou aquilo que é melhor... Até o ser humano está na prateleira, onde tu *ocupa* o outro pra satisfazer teus prazeres sem nenhum compromisso.*

Mas esse modo de ver TV mediado pelo discurso crítico do MST contribui também na forma de olhar de jovens que não têm engajamento político, que não é militante e que sequer pensa em dar continuidade à luta dos pais. No entanto, por ser filho de assentado, morar em um assentamento e ter sua formação mediada pelas narrativas do Movimento lhes possibilita um olhar peculiar em relação à mídia, especialmente no que se refere ao MST, como exposto na seguinte fala:

*RENATO - Em relação aos jornais eu vejo assim que eles apresentam uma notícia e em seguida tem um comentarista que te *dá* uma opinião sobre aquele acontecimento, então eu sempre fico de olho nisso. Por que eles têm que *dá* uma opinião também sobre o assunto? Por que eles não dão só o fato e deixam para que as pessoas pensem sobre o que foi mostrado? Isso eu acho assim, até nem gosto muito desses comentaristas. Eu gosto mais de ver um jornal que te *dá* a notícia e pronto, sem "firulas" de comentários e opiniões. Eu até escuto o que eles dizem, mas eu também tenho opinião sobre as coisas, eu não vou ficar aceitando o que eles *tão* dizendo só porque é um cara lá da TV. O problema é que as pessoas em geral não param para pensar sobre o que vê na TV, eles só vêem um Lasier Martins¹⁰⁹ falar e já começam a repetir o que ele fala, sem nem se quer pensar sobre o que ele falou, se serve pra ti, se serve pra tua realidade... Eu acho isso.*

¹⁰⁹ Comentarista da RBSTV e apresentador de programa de entrevistas na Rádio Gaúcha, do mesmo grupo. A referência a este articulista não é à toa, já que Lasier Martins é identificado pelo MST como amigos dos ruralistas e um dos maiores críticos do Movimento no estado.

O discurso do MST atua como mediação do discurso televisivo, de forma mais incisiva junto aos jovens militantes ou estudantes de cursos técnicos das escolas do Movimento, que falam de “aprender a ser críticos”, de ver “o que está por trás” do que aparece na TV, ou, de forma menos engajada, mas que leva o jovem a desconfiar dos ditos televisivos. Essa mediação estabelece, ainda, uma relação de culpa por gostarem e se servirem dos conteúdos midiáticos. Assim, há sempre uma ressalva quando se admite gostar de ver televisão, ou junto com o que é considerado “lixo cultural” sempre é citado um outro programa que pode ser considerado menos “ruim”, menos prejudicial à formação de bons cidadãos conscientes, na ótica do Movimento.

VIVIANE - Eu até gosto de ver novelas... *Mais* eu prefiro programas mais educativos, que ensine alguma coisa de útil. Eu gosto bastante de ver o *Globo Repórter*, o *Fantástico*... Aquelas séries do Fantástico que explicam coisas sobre a relação de pais e filhos, sobre jovens. É mais isso que eu gosto de assistir.

VANESSA - Eu gosto de jornal, do noticiário, eu gosto de novela... Normal. Não tem quem não assista um pouco... *Mas* eu gosto também de coisas mais instrutivas, as mini séries eu gosto porque quase sempre tem a ver com a história do Brasil e, é uma maneira de aprender, saber coisas novas sobre nosso país... Mesmo que eu sei que é um pouco de ficção e um pouco de história, mas ajuda bastante.

Um outro aspecto é o da negociação que esses jovens fazem em relação aos modos com que o MST aparece na TV e esse senso crítico que reivindicam para si no ato de ver televisão. Quando perguntados sobre como descreveriam a forma com que o MST aparece na televisão, os sujeitos da investigação apresentam uma leitura muito particular, embora reconheçam, por um lado, que o Movimento é sempre associado à violência quando aparece na mídia, que não lhes é agradável esse tipo de associação; por outro, direcionam críticas às formas de luta empreendidas pelo MST. Como que numa visão contraditória, ao mesmo tempo em que apontam o quanto a mídia narra o MST somente de uma maneira – a violenta –, esses mesmos jovens chegam a repetir os “ditos” consagrados na TV e criticados

por eles¹¹⁰. Trechos de entrevistas possibilitam perceber melhor esse movimento de crítica e adesão em relação à imagem do movimento na mídia:

MAURÍCIO - Eu acho que o MST é bom. Ajuda as pessoas a ganhar terra. Mas também tem algumas coisas que eu acho complicada, às vezes é muita violência. Na televisão, no jornal, é só isso... É violência. Mas tem também de pensar que eles lutam pra defender a terra e a água. O que aconteceu lá na Aracruz foi por causa disso, né? Cada eucalipto tira 30 litros de água da terra por dia. Isso vai acabar deixando a terra seca e não vai dar mais pra produzir alimentos. Talvez não precisasse quebrar tudo como fizeram... muita violência também *pega mal*.

CAMILO - O jeito que o MST aparece na TV não é bom. Acho até que algumas coisas eles inventam para prejudicar o movimento. Mas eu acho também que o movimento às vezes não escolhe bem as pessoas, porque sempre tem algum baderneiro, uma pessoa mal intencionada no meio de um acampamento, de uma manifestação, de uma marcha e, é aí que acaba se prejudicando o movimento. Generalizando e dizendo que todo mundo que é do movimento é violento, é baderneiro... Acho que deveriam escolher melhor quem pode participar.

VANESSA - Sobre a imagem do MST na televisão, principalmente, de associarem o MST à violência não é uma coisa muito boa. Na televisão "eles"

¹¹⁰ O tipo de leitura desses jovens em relação à cobertura da TV sobre o MST se distancia da leitura identificada por Fábio Cruz (2006) entre militantes do MST assentados no município de Canguçu (RS), no Assentamento Pitangueiras. Cruz (2006) analisa a repercussão da cobertura do Abril Vermelho, pelo Jornal do Almoço (RBSTV), entre membros do MST naquela localidade. Uma das principais conclusões a que chega o autor é que os integrantes do MST não se identificam com a imagem do Movimento exibida no Jornal do Almoço. De modo geral, podemos afirmar que os jovens do Assentamento Capela também não se identificam com a imagem do MST na TV, no entanto fazem uma leitura mais flexível, que não responsabiliza totalmente o meio. Já na investigação de Cruz os ditos dos assentados reafirmam o discurso hegemônico no Movimento, ou seja, que a TV é instrumento do capitalismo para fomentar o consumo, a alienação, o conformismo, dentre outras mazelas. De modo a exemplificar a diferença de leituras reproduzo a seguir um trecho da análise de Cruz: "Odair não tem dúvida de que a mídia – e principalmente a televisão – presta serviço para um modelo econômico capitalista, 'para um sistema que já está criado'. Sendo assim, não atende, em primeira mão, aos interesses de um determinado governo. Para o agricultor, o sistema capitalista soube articular bem essa questão dos meios de comunicação com o objetivo de dar sustentação ao sistema. (...) Odair reconhece que a forma mais eficaz de uma idéia 'entrar na cabeça das pessoas, na casa das famílias' dá-se através do rádio e da televisão. Assim, o sistema capitalista, de acordo com o participante, sabe utilizar muito bem 'essa ferramenta (...) em defesa do próprio modelo'". Nas entrevistas realizadas por Cruz para sua tese os assentados nomeiam os meios de comunicação, especialmente o grupo RBS, como máfia, enganadores, mentirosos e manipuladores.

são vistos como baderneiros, sempre aparece o pior, não é uma imagem que seja muito boa. Mas, acho também que não é só isso que o MST é, tem um outro lado. A TV talvez não mostre. A maioria das vezes só mostra o lado ruim. Às vezes a violência que aparece, que é mostrada na televisão, não precisava ser assim, mas também tem aquele outro lado que se tu não faz nada, tu não existe, tu não aparece, tuas reclamações e tuas necessidades nunca são ouvidas. No caso "eles" fazem as manifestações... *Talvez não precisasse de toda aquela violência, mas se não é assim... Se "eles" ficam muito calmos ninguém dá ouvidos. Aí quando acontece alguma coisa assim como aconteceu na Aracruz, aí dá uma polêmica. Na televisão eles até aumentam as coisas... Aí é o MST que é feito de baderneiros, arruaceiros...*

As falas acima evidenciam um processo de negociação entre os sentidos dados pelo discurso midiático, que condena o MST e, o discurso do próprio movimento, que justifica ações mais incisivas como modo de garantir a atenção dos órgãos públicos e da sociedade. É interessante observar que há ainda nas falas dos jovens uma instabilidade na identificação com o MST, há momentos em que os jovens se referem ao Movimento como "eles", e em outras situações reivindicam o "nós", integram-se a esta organização, se reconhecem parte dela. Senão vejamos:

JORGE - Quando eu penso no MST eu penso que *eles* estão fazendo a coisa certa, lutando para conquistar a terra, indo atrás de um futuro melhor. Eu penso que *eles* estão certo, mas tem que ver que às vezes podia não ser tão violento...

(...) *Nós do MST* conquistamos muitas coisas boas, se meu pai não tivesse ido acampar, lutar por um pedaço de terra não sei o que seria de nós hoje. Aqui a gente tem uma vida boa, pobres, *mais* com casa, comida de qualidade, algumas coisas que sem lutar junto no MST acho que a gente não teria conseguido.

MÁRIO - O MST é sempre visto como violento, pode até ser que seja... Às vezes eu até acho que eles são muito violentos mesmo.

(...) Eu me sinto parte do MST. Não vou mais pro Encontro dos Sem Terrinha, mas ainda me sinto do MST. Porque é um movimento justo que luta pelos direitos das pessoas, que luta pela preservação do meio ambiente, que luta pelo direito das pessoas do campo ter educação, escola... É por isso que eu sou do MST.

REJANE - Eu não sei, talvez "eles" tivessem que mudar um pouco, pensar antes de sair destruindo as coisas, é por causa dessas ações que eles [MST] são visto como violentos.

(...) Ser do MST pra mim é um orgulho... Eu não pretendo acampar, porque o pai e a mãe dizem sempre que essa terra é nossa (minha e do meu irmão)... Eu sinto orgulho porque o MST é parte de minha vida, porque é um movimento justo, que se preocupa em melhorar a vida dos mais pobres.

Esse movimento de identificação e negação dos sujeitos em relação ao MST parece oscilar entre expressões positivas: "justo", "lutador", "preserva o meio ambiente", "conquistas", e negativos: "violento", "baderneiro", "arruaceiro", "da desordem", etc. Vale ressaltar que essas expressões negativas atribuídas ao MST são ditos consagrados na mídia; é a maneira como o MST é nomeado na TV e em outros meios de comunicação. Como numa simbiose de discursos, ao mesmo tempo em que o MST é mediação dos discursos televisivos, a TV é também mediação em relação ao Movimento e seus ditos junto a esses sujeitos. De forma que a produção de sentidos é construída como uma "colcha de retalhos" em que os jovens recortam formulações tanto da TV como do MST para compor um outro modo de compreensão dos acontecimentos da cobertura dada ao Movimento na TV.

4.3- CONTROLAR-SE, AVALIAR-SE, NARRAR-SE: MODOS DE SER JOVEM APRENDIDOS NA TV

A cena é a seguinte: três garotas¹¹¹ com idade de 14 e 15 anos conversam sobre a iniciação sexual da bailarina Gisele e do pianista Luciano, personagens da telenovela *Página da Vida*¹¹². Na trama ficcional, o acontecimento foi o ideal de toda menina: tranqüilo, num quarto confortável, cheio de romantismo, a começar pelo fato de se passar na cidade imperial de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro. As três

¹¹¹ Decidi incluir essa questão no trabalho de análise por ter presenciado uma conversa de duas garotas, integrantes da amostra da pesquisa, conversando sobre a polêmica da novela. Perguntei então se concordavam de ter essa conversa com mais alguns dos sujeitos da investigação. Infelizmente, devido ao tempo escasso, consegui juntar apenas três meninas. Nesse trecho, por pedido das entrevistadas, não as identificarei. A idéia aqui é apenas ilustrar como um discurso sobre juventude na TV cria, no mínimo, pauta das conversas e referências para experiências da vida juvenil.

meninas conversam sobre como tudo que foi apresentado na novela é fora da realidade. Uma comenta:

Meu pai nunca que iria aceitar uma coisa dessas e minha mãe não me daria a força que a mãe da novela deu. Lá em casa as coisas não são tão liberal¹¹³ assim.

Uma outra diz: a minha mãe no máximo ficaria calada, ajudaria a esconder do meu pai.

A conversa segue, as garotas concluem que na vida delas um acontecimento desses não seria tranqüilo como na ficção; todas apontam que aquela situação da novela seria a melhor. É o que elas gostariam que acontecesse com elas:

- O melhor seria ter a primeira relação com quem se goste e, que a pessoa também goste da gente.
- Que não fosse escondido, como é na maioria das vezes. Que não fosse em qualquer lugar, com qualquer um. (...) Eu nem namoro ainda, mas gostaria de que quando fosse comigo que fosse por amor.

Um outro aspecto da iniciação sexual foi abordado na conversa: o risco de engravidar. Nesse momento um outro fato, da mesma telenovela foi mencionado. Uma das meninas lembrou que:

- Mesmo quando é por amor, com alguém que se gosta, tem o risco de ficar grávida. A Nanda¹¹⁴ foi uma que transava com o namorado, engravidou de gêmeos e foi abandonada pelo pai das crianças.

Uma das meninas comentou que também no Assentamento há garotas que engravidaram e foram abandonadas. No final da conversa, as três garotas concluem que o melhor mesmo é se “segurar” e esperar a pessoa certa, a hora certa para um passo desses, segundo elas, “tão importante na vida”.

O relato acima é uma pequena mostra de como os discursos televisivos desencadeiam uma série de reflexões sobre aspectos práticos da vida, como a iniciação sexual, levando os jovens – especialmente as meninas – a refletir sobre “a hora certa”, “a pessoa certa” e “a condição ideal” da iniciação no sexo.

¹¹² Novela de Manoel Carlos, exibida na Rede Globo, de segunda a sábado, às 21 horas.

¹¹³ O tom coloquial da conversa foi mantido, inclusive com os problemas de concordância.

¹¹⁴ Personagem de *Páginas da Vida*, interpretado pela atriz Fernanda Vasconcelos. Nanda engravidou de Léo, seu namorado. O casal era apaixonado e fazia planos para o futuro, mas após a gravidez de Nanda o casal se desfez. A personagem faleceu logo após o parto.

A partir dos conceitos de saber, relações de poder, modos de subjetivação (Michel Foucault) e mediação (Martín-Barbero) especialmente articulados ao conceito de dispositivo pedagógico da mídia (Fischer), tenho o objetivo de discutir aqui de que maneira os discursos televisivos sobre e para juventude produzem modos de ser jovem específicos. O objetivo é, mais precisamente, analisar de que maneira os sujeitos receptores se tornam efeitos de um discurso sobre juventude disseminado pela TV; também observar e pontuar atitudes desencadeadas a partir de um episódio de telenovela, por exemplo, ou de uma reportagem jornalística que repercute sobre o fato ficcional e de como esses discursos são portas abertas para os jovens refletirem individualmente ou no grupo de amigos, sobre questões relacionadas ao que Michel Foucault denominou de “relação consigo¹¹⁵”.

Rosa Fischer (2004, s.p.) alerta que:

estudar materiais da mídia e respectivamente práticas de veiculação e recepção, ao modo foucaultiano, diz respeito à produção de pensamento sobre o que se pode ver e o que se pode dizer numa determinada época, sobre continuidades e descontinuidades das coisas ditas num certo tempo e lugar, sobre modos de subjetivação desviantes e modos capturados pelas redes de poder e saber.

Tendo como fio condutor a classificação feita por Fischer (1996, p. 138) das três formas como a “relação consigo ” é apresentada em programas direcionados à juventude, exemplificarei através das falas dos jovens entrevistados os diversos modos de ser jovem apreendidos na TV. Concomitantemente, pontuarei os processos de negociação no campo da recepção, posto que embora se deseje – no caso que ilustrou o início desta seção – a condição ideal de uma telenovela, os

¹¹⁵ Fischer (1996, p. 138) analisando o discurso, práticas e procedimentos propostos às jovens, no seriado *Confissões de Adolescente*, no sentido de construção de sua subjetividade, separou a “relação consigo” em três áreas a partir do tratamento dos diferentes temas selecionados pelos autores da série: “a) a relação com o corpo e com a própria intimidade, ou seja, o primeiro beijo, a primeira menstruação, a perda da virgindade, a primeira paixão, a possibilidade de estar grávida, o cuidado com a agenda, as técnicas de tratamento do corpo, o medo da morte; b) a relação com o outro: (...) o relacionamento com o pai, com a mãe, com os ídolos, (...) com a melhor amiga, com as pessoas “diferentes, com a figura masculina; c) a relação com o mundo e com os limites dados socialmente: a participação na política estudantil, a procura de trabalho. A escolha da profissão, o vestibular, as drogas, a marginalidade, os limites financeiros”. Essa caracterização feita pela autora é válida para outros produtos veiculados atualmente na televisão brasileira, como *Malhação*, *Páginas da Vida*, dentre outros.

sujeitos bem sabem que se trata de um gênero específico, a ficção, separando assim a novela e a “realidade”. Segundo Martín-Barbero (2004, p. 310), “a dinâmica cultural da televisão atua pelos seus gêneros”. É a partir dos gêneros, afirma o autor, que a competência cultural é ativada. Para ele, os gêneros articulam narrativamente as serialidades, constituindo uma “mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (idem).

Como já mencionado neste trabalho, um dispositivo pedagógico será qualquer lugar no qual a *experiência de si* se constitui ou se transforma (Larrosa, 1994, p. 57), ou “qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (idem). Obviamente esse *qualquer lugar* que se refere o autor é entendido como um lugar institucional. Em concordância com o que aponta Fischer (1996, p. 145) além da família, da escola, dos especialistas, “há em nossa sociedade um outro importante lugar de ensinar e aprender: a mídia”, especialmente a televisão pela possibilidade técnica de tornar crível (Orozco, 1991) os discursos que exhibe. Embora os preceitos e regras apontadas nos textos televisivos estejam presentes nos discursos de outras instituições (escola, família, igreja), eles parecem ganhar estatuto de verdade se “bebidos” nesse meio de comunicação, a TV. É claro que há aí uma simbiose de discursos que se fortalecem mutuamente. O preceito de “não roubar”, por exemplo, está disseminado na sociedade; no entanto, um jovem, ao ser questionado sobre algo aprendido na TV, que ele considerasse importante para sua formação, respondeu:

MAURÍCIO - Roubar é uma coisa que a gente sabe que é errado... Mas vendo numa novela parece que dá pra ver as conseqüências e porque tu tem que evitar isso na tua vida. Na Novela das Sete (Cobras e Lagartos) o “Foguinho” roubou a herança do melhor amigo... Parecia que tudo ia dar certo, mas ele só sofre com o dinheiro que ele roubou. Parece que ele tá pagando pelo que fez de errado.

Nessa fala, observa-se que há uma mescla de discursos: por um lado, o informante reconhece que “não roubar” é uma coisa que ele aprendeu antes, na família e na igreja; ao mesmo tempo, identifica que ver em uma novela lhe dá mais

elementos para cumprir o preceito, experimenta hipoteticamente as conseqüências de praticar esse ato condenável na sociedade. Um outro detalhe em relação a isso é uma certa leitura de classe feita pelo entrevistado:

MAURÍCIO - Também tem umas novelas que as pessoas que roubam se dão bem, mas se tu for ver só rico se dá bem roubando. No final da *Belíssima* aquela lá... a Bia Falcão roubou e conseguiu fugir, mas o Foguinho que era pobre... roubou e *tá* se dando mal. Tu acaba aprendendo com isso.

Um outro exemplo diz respeito ao uso de drogas, de como é desaconselhável o uso de entorpecentes, uma das entrevistadas falou:

REJANE - Eu lembro de uma novela... eu era bem pequena, mas ainda me lembro que tinha uma guria que se drogava. E como a vida dela virou um inferno por causa da droga¹¹⁶. A gente sabe que isso não é bom, os pais estão sempre alertando (...), mas ver assim... o estado que a pessoa pode chegar por causa da droga, é muito complicado. Tu fica com medo e só pensa em ficar longe disso.

Penso que a televisão, ao se dirigir à juventude, dá visibilidade e enunciabilidade a determinados saberes e modos de ser jovem, desencadeando na recepção uma série de técnicas relativas a comportamento, estilo e constituição de si. Uma dessas técnicas das quais falo, o autocontrole nas atitudes, no modo de se conduzir, de se fazer jovem, é constantemente exibida pela mídia e tomadas pelos sujeitos jovens como “discurso verdadeiro”, que não apenas é necessário saber, mas colocar em prática.

O “dispositivo pedagógico da mídia” através de suas *linhas de subjetivação*¹¹⁷, cria uma lógica que relaciona a técnica do autocontrole ao fato de ser aceito, incluído, além de evitar problemas como doenças psíquicas (compulsão por comprar, comer, etc...), doenças sexualmente transmissíveis, ou ainda, a gravidez indesejada. Para efeito de ilustração, apresento trechos da reportagem “a primeira

¹¹⁶ A entrevistada falava da novela *O Clone*, de Glória Perez, exibida pela Rede Globo no ano de 1999.

¹¹⁷ Giles Deleuze (1990, p. 157) define linha de subjetivação como um processo, “uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está por se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga. Escapa às linhas anteriores, *escapalhes*” (grifos do autor)

vez” exibida no *Fantástico*, que traz a polêmica da iniciação sexual do casal jovem da novela *Páginas da Vida*¹¹⁸:

(...) Mas será que a primeira transa de Luciano e Gisele foi prematura? Uma pesquisa feita com 4.600 jovens em Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre mostra que Luciano está na média: no universo pesquisado, os garotos perdem a virgindade por volta dos 16 anos. Gisele foi moderninha: a média para as meninas é de quase 18 anos.

“No caso das mulheres, consideramos uma iniciação precoce antes dos 15 anos e, no caso dos rapazes, em torno dos 13 anos”, explica a antropóloga da UFRJ, Maria Luiza Heilborn.

Isso pode ter conseqüências. Outra pesquisa, feita apenas em Santa Catarina, mostra que 20% das meninas engravidam logo na primeira vez.

“A maioria das meninas acredita que a primeira relação sexual não é compatível com gravidez, que elas não vão engravidar na primeira relação sexual”, diz o ginecologista Luiz Fernando Somacal.

O trecho da reportagem apresentada acima tem um tom que normatiza a iniciação sexual dos jovens. Qual a idade certa? Quando é considerada precoce? Isso pode ter conseqüências. Munida de dados, pesquisas e falas de especialistas, a reportagem deságua na solução do diálogo e carinho como caminho para pais e jovens enfrentarem os problemas decorrentes da iniciação sexual. As falas das meninas do Assentamento sobre o episódio da novela em nada diferem daquelas apresentadas na reportagem¹¹⁹ da TV; é o que Fischer (2004, s.p.) aponta como a capacidade da mídia de reduplicar as visibilidades de nosso tempo.

¹¹⁸ A reportagem foi exibida no programa *Fantástico*, na Rede Globo, no dia 12 de novembro de 2006. Para a transcrição da reportagem utilizei o Globo Media Center (GMC), um sistema de busca no site da emissora com o qual se pode recuperar e assistir a programas já transmitidos pela TV.

¹¹⁹ As falas das garotas apresentadas na reportagem do *Fantástico* ficam em torno do ideal sonhado por elas para sua vidas e exibido na novela: “Eu acho que tem que ser assim, aquela calma, aquele romantismo todo”, diz Eduarda Mendes. “A maioria das crianças, quando é pequenininha, sonha com príncipe e em ser feliz para sempre. Ali demonstrou o sonho de muita gente também. Ter a primeira vez com alguém especial, em um lugar especial, em uma hora em que os dois estejam prontos”, diz Jessica Gomes de Araújo, de 15 anos.

A mídia se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar (...) um discurso, a mídia o reduplicaria, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido (...) replicando algo e produzindo seu próprio discurso (...) sobre juventude. (idem).

O autocontrole como técnica de *governo de si* (Foucault, 1997) é também empreendido pelos jovens do Assentamento no que diz respeito aos limites financeiros¹²⁰. Um outro aspecto relacionado aos limites que a condição financeira lhes impõe é a necessidade de trabalhar para suprir algumas necessidades que a família não teria capacidade de suprir. Mário, por exemplo, trabalha sete horas e meia por dia, de segunda a sexta, faz cerca de 140 horas por mês no abatedouro de suínos da Coopan. Segundo ele, isso lhe rende “uns 150 pila”. Mário usa o dinheiro para comprar roupa, guarda um pouco para ir aos bailes e comprar cartão para o celular, que ele mesmo comprou. Relata que algumas coisas que gostaria de comprar ele sabe que os pais não têm condições de dar; por isso, resolveu começar a trabalhar e ganhar o próprio dinheiro. Revela que precisaria economizar para adquirir alguma coisa de mais valor e diz que gostaria de ter um som no seu quarto, mas se ressentia de não ser bom em economizar.

MÁRIO -Eu não consigo me controlar. Eu gasto tudo... nos bailes, na bodega, em bobagens. Eu vi um dia, acho que foi num jornal (...) Não, foi no Fantástico... que um piá, bem mais novo que eu, que recebia 30 pila de mesada, conseguia economizar 10 reais por mês e no final de um ano já tinha 120 reais. Eu não consigo... gostaria até de fazer isso, mas acabo gastando tudo.

Na fala acima é possível observar que o jovem sente uma certa culpa de não conseguir se controlar nos gastos, de não ser capaz de economizar. Enfatiza o fato de o garoto da reportagem ser mais novo que ele, o que talvez acentue o sentimento de derrota, de incapacidade de autocontrole. Certamente, a família concorre para que o jovem veja no exemplo da reportagem uma maneira positiva de ser e de lidar com o dinheiro, aspecto que reforça os discursos midiáticos de autocontrole.

¹²⁰ A relação com o mundo e com os limites dados socialmente, segundo Fischer (1996), é uma das formas pelas quais “relação consigo” é proposta, por programas de TV direcionados à juventude.

Em outros casos, o autocontrole financeiro é apontado como forma de alcançar um desejo de consumo, ou seja, o inverso do caso anterior. Deixo de gastar com algumas “besteiras” para juntar dinheiro e comprar alguma outra coisa de maior valor. Entre os objetos de consumo mais desejados pelos jovens entrevistados está o computador. Os jovens que informaram economizar dinheiro para realizar um desejo de consumo, costumam evocar ditos televisivos com histórias de vida de superação, exemplos de vida, especialmente de atletas:

PEDRO - (...) Porque quando a gente vê na televisão um cara que é campeão, não parece que um dia ele teve alguma dificuldade, na escola, no trabalho... Parece que ele já nasceu com tudo que tem hoje. Quando a gente vê ele mesmo contando o que ele passou é como um exemplo... não sei, mas é um incentivo *pra* gente que é jovem, que tem muito que aprender. É bom pra gente ver que a gente tem que se esforçar para conseguir alguma coisa na vida... ainda mais se é pobre como a gente é. Que às vezes é preciso fazer algum sacrifício para atingir nossos objetivos, mesmo que *seja* objetivos simples.

Não se controlar financeiramente pode ter como consequência não conquistar nada por seu próprio esforço, o que para os jovens analisados é algo ruim, negativo. Diferente do retrato que freqüentemente se traça quando o tema é juventude, esses jovens são preocupados em ter metas, objetivos e associam o trabalho à realização dessas metas.

O corpo é alvo das *linhas de subjetivação* (Deleuze, 1990) que constroem como efeito de um conjunto de técnicas do sujeito que deve agir sobre si. Os discursos sobre o corpo que os jovens capturam na TV são uma maneira pela qual organizam suas vidas. De modo que a gravidez indesejada, a primeira menstruação, a perda de virgindade são temas a que os jovens acessam muito mais pela televisão do que pelo diálogo familiar, por exemplo.

GABRIELA - Minha mãe não fala muito sobre isso comigo. O que eu sei é mais pelas conversas com as amigas, de ler em alguma revista ou na televisão. Tem uns programas que falam disso, também nas novelas a gente vê isso direto (...) claro que eu sei que tem diferença, mas algumas coisas que acontecem na novela serve como um exemplo. Tem vários programas que *tão*

sempre falando desses assuntos, entrevistando médicos que explicam essas coisas.

A dificuldade de diálogo entre os jovens e os pais sobre sexualidade, por exemplo, possibilita que a TV ocupe esse espaço de “educar para o sexo”, restando às famílias a função de reforçar os discursos midiáticos ou, em outros casos, negar a validade de algumas práticas como, por exemplo, a perda da virgindade aos 15, anos como apresentado na telenovela¹²¹.

O corpo é alvo de atenção não apenas em relação à sexualidade. Aliás, no grupo investigado, os discursos da TV sobre o corpo merecem mais atenção no que se refere à aparência¹²². O autocontrole neste caso tem papel importante na busca da forma corporal ideal. Há aquelas que se acham magra demais e, por isso, menos propensas a agradar o outro, ou as que consideram estar acima do peso desejado. Entre os garotos há o desejo de ser mais alto, ter massa muscular como forma de se sobressair e chamar a atenção das garotas. A forma corporal coloca-se em determinadas falas como limite para seguir as tendências da moda.

VANESSA - É claro que um pouco da moda conta. Mas também eu sei que nem tudo eu posso comprar e nem tudo fica bem em mim. Às vezes tu vê na novela uma roupa fica legal numa atriz, com aqueles corpinhos que elas têm...

¹²¹ A televisão pela necessidade de acomodar as várias vozes da sociedade também age sobre o discurso produzido e veiculado pelo próprio meio. Falo da reportagem exibida no *Fantástico* que apresentei nesta seção. No momento em que a reportagem questiona a precocidade do ato entre os personagens da telenovela e que busca a opinião de especialistas para sinalizar os “perigos” dessa prática, estabelece-se uma cumplicidade com o discurso familiar hegemônico na sociedade brasileira. Mais um exemplo de como a TV funciona no Brasil, segundo Bucci (2004), com sinais trocados: se a ficção aborda temas tabus, o telejornalismo está a postos para refrear a polêmica.

¹²² Em entrevista publicada no *site* do Instituto Humanitas (IHU *online*), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o filósofo Francisco Ortega afirma que em nosso tempo o corpo ocupou o lugar do outro. O interesse pelo corpo, segundo Ortega, nas sociedades clássicas greco-latinas e nas culturas orientais não se esgota no próprio corpo: a ação sobre o corpo (a ascese) se constituía amiúde como objeto de resistência cultural e política; podia visar à constituição de si como sujeito moral da Antiguidade greco-latina, a auto-renúncia e a pureza do cristianismo, a interioridade cristã e burguesa. Em contrapartida, observamos na cultura somática contemporânea que o cuidado excessivo com o corpo se traduz em uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando à procura da saúde e do corpo perfeito. Falta nela, de acordo com o autor, a preocupação pelo outro e pelo bem comum, a qual é substituída pela preocupação pelo corpo. Daí que o lugar da utopia se desloque para o corpo. A utopia passa a ser uma utopia corporal de descoberta e colonização do continente “corpo”.

tudo fica bem. Mas não fica bem em ti, tu sabe que teu corpo não é sarado como o daquelas modelos e atrizes... é muito diferente, então isso acaba sendo um empecilho para tu seguir a moda.

As referências aos corpos de modelos e atrizes por vezes é visto pelos jovens como ideal de beleza, desejo; no entanto, observam a distância em relação à sua realidade e chegam a criticar práticas que consideram exageradas para se obter o corpo magro. Nesse aspecto, a presença do discurso do MST no cotidiano desses jovens nota-se pela intenção de um olhar crítico e ao mesmo tempo comedido com relação ao desejo de ter os corpos de modelos e atrizes. Embora não seja o discurso hegemônico na mídia, devido o contexto cultural e a forte presença de discursos sobre valorização da mulher, da importância de uma alimentação natural e orgânica existente na comunidade em que vivem, os jovens parecem ter um olhar e uma leitura muito peculiar do conteúdo televisivo. De modo que, ao admitirem o desejo do corpo “sarado” de modelos, atrizes e atletas disseminados na TV, esses jovens justificam o desejo por motivações mais “nobres”, valorizados no seu contexto social:

MÔNICA - Eu desde pequena tive uns quilinhos a mais. Na escola sempre tive apelidos por causa de ser mais gordinha. (...) Eu faço de tudo para perder grammas que seja (...) não por que eu quero ter um corpo de modelo, mas é mais pela saúde mesmo. Eu tô sempre ligada em programas que falam de alimentação saudável, dicas para manter o corpo saudável (...) Acho que a gente tem que gostar da gente e ter um corpo mais parecido com o das meninas de minha idade é minha vontade.

Controlar-se nos diversos aspectos da vida (nas finanças, no sexo, na alimentação, nos desejos mais diversos) é algo que evidentemente se aprende na sociedade, é parte dos dispositivos do biopoder estudados por Foucault (2003). A técnica de autocontrole, juntamente com outras “técnicas de si”, exibidas na TV como modos de narrar-se e avaliar-se, dentre outras, concorre significativamente para a construção dos sujeitos jovens, alvos desta investigação.

4.3.1- narrar-se: ou como os jovens se expressam para o mundo

A narração é parte constituinte da *experiência de si* (Larrosa, 1995, p. 48). Se tomarmos os discursos televisivos de hoje, observaremos que a narrativa de experiências de vida é das modalidades mais freqüentes. Sem retornar à polêmica da espetacularização da vida privada tratada anteriormente, a exposição de histórias de vida, da narrativa de episódios pitorescos ou desafortunados de celebridades e anônimos alimenta na sociedade uma corrida pela autonarração, pela enunciação pública. Exemplo desse fenômeno é a incrível presença de brasileiros no *site* de relacionamento Orkut ou da explosão dos *blogs*¹²³ na internet. Somos convidados a expressarmo-nos, a falar de si e, reconhecerno-nos como produtos desses ditos.

“O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos” (Larrosa, 1995, p. 48). O autor observa que essas histórias que contamos de nós mesmos estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos; acrescentaria, ainda, histórias que vemos na TV, no cinema, na internet e que, de alguma maneira, nos dizem respeito, na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas. E mais, “essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas” (idem). Assim, podemos dizer que, como consequência da centralidade da televisão na sociedade brasileira – já discutida aqui – quando nos narramos, o repertório que nos auxilia nessa construção é fortemente impactado, dentre outras fontes, pelas formas de autonarrativas exibidas na TV, seja histórias ficcionais, jornalísticas ou de documentários. O modo de vermo-nos a nós mesmos é mediado pelas histórias que ganham visibilidade na sociedade, posto que esses ditos tornam-se exemplos de vida, modelos que nos convidam à identificação.

¹²³ Diários íntimos tornados públicos na internet. Há ainda a variação com o uso de imagens, os *photoblogs*, exposição de fotos, uma versão da rede de computadores para o álbum de família.

Os jovens apontam para o desejo de narrar-se e de ver narradas suas histórias, e se ressentem da pouca ou quase nenhuma narrativa que lhes diga respeito imediato, ou na qual a nomeação mais freqüente seja discriminatória.

AFONSO - Eu acho muito ruim... esse jeito que falam dos Sem Terra na TV... é sempre chamado de baderneiro, de bandidos... pode vê, toda vez que falam de Sem Terra no jornal logo falam em formação de quadrilha. Isso é muito chato, eu não gosto. Eles nunca vieram aqui mostrar como a gente vive, como aqui se trabalha e vive melhor que em muitos lugares da cidade. Eles só mostram o que interessa a eles.

REJANE - Eu não digo que não gosto de televisão, eu gosto. Mas tem umas coisas que é *forçado* ... Na *Malhação*, por exemplo, não dá... só tem riquinho naquele lugar. Até esse ano eles colocaram um preto e pobre para ser amigo dos riquinhos, mas é muito *forçado*. Uma outra vez, eu me lembro... não sei que ano foi, mas não faz muito tempo... tinha um guri que era do interior, era tipo assim... de cidade de interior, não era rural que nem nós... E mesmo assim, o guri parecia que vivia em outro planeta, não sabia mexer em computador!?

As falas, além de apontarem para o fato de eles não se verem narrados na TV, apresentam ainda críticas de como o são eventualmente narrados. Por serem filhos de assentados, morarem em um assentamento, esses jovens identificam-se com o Movimento, embora em determinados contextos, já abordado aqui, essa identificação se mostre frágil. No entanto, quando se referem a imagens negativas, que colocam no mesmo patamar um bandido e um Sem Terra, esses sujeitos não poupam críticas: "Eles [a televisão] nunca vieram aqui mostrar como a gente vive, como aqui se trabalha e vive melhor que em muitos lugares da cidade. Eles só mostram o que interessa a eles". Mesmo quando a identificação não é direta, como no caso do jovem do interior que Rejane fala ter visto em *Malhação*, a idéia caricaturada de um jovem interiorano, que sequer sabe mexer num computador, parece ser ofensiva a ela.

Esses mesmos sujeitos, capazes de elaborar críticas à TV também são capazes de tirar lições para a vida a partir desse meio. Mais que lugares comuns, algumas formas de narrar-se são reduplicações dos ditos já consagrados na sociedade. Não

surpreende que, ao se narrarem, os jovens do Assentamento Capela apresentam falas que reverberam enunciados já estabelecidos no contexto sociocultural. Assim é que se autoneciam trabalhadores, bons filhos, empreendedores, sonhadores, confusos, corajosos, inseguros. Larrosa (1995, p. 59) diz que, para possibilitar o autoconhecimento, “se requer uma certa exteriorização da própria imagem, um algo exterior, convertido em objeto, no qual a pessoa possa ver a si mesma”.

CAROLINA - Eu antes era um pouco *rebelde*, não obedecia a mãe (...) escondia as coisas que eu fazia. Agora que voltei para casa, depois do que eu passei eu *me tornei outra pessoa*. Eu agora não escondo nada da mãe... eu falo tudo (...) Eu me sinto assim... *uma pessoa melhor* (...) Eu hoje procuro fazer as coisas certas, foi preciso eu sair de casa, sofrer algumas coisas para perceber que eu preciso *ser responsável*, assumir minhas atitudes, ser eu mesma. Mas aqui em casa as coisas mudaram também, a mãe percebeu que é preciso *conversar mais*, ficar mais junto e explicar as coisas.

RENATO - Eu me sinto um cara de sorte... até privilegiado. Tenho uma casa para morar, trabalho, bem ou mal já tenho um negócio próprio que pode crescer. Então, *não posso reclamar da vida*. Mas eu sei que eu posso *conquistar mais* e é nisso que eu aposto. Eu sou um cara que gosto de trabalhar por conta própria, essa historinha de ser empregado em firma... não é pra mim. Por enquanto eu estou trabalhando na prefeitura, batendo ponto. Mas não é isso que eu quero, meu objetivo é ser dono do meu nariz, *ser um empreendedor*. Eu sei que uma hora eu vou conseguir, por enquanto não dá, mas eu tenho tanta idéia, eu vejo [na TV] tanto exemplo de gente que *começou do nada e conseguiu vencer*. Eu tenho 22 anos, desde que fiz minha carteira de trabalho, quando eu tinha 18 anos, eu nunca fiquei desempregado.

ALEXANDRE - Eu sou estudioso, também sou trabalhador, atencioso, meu chefe diz que eu sou quase obsessivo. Mas acho que meu forte é mesmo o estudo. Eu gosto de estudar e não é só porque eu acho que *sem estudo a gente não vence na vida*... Eu também acho isso, mas eu estudo porque eu gosto de conhecer coisas novas, saber mais... eu sempre fui assim.

As falas acima mostram como esses jovens se nomeiam, se narram. Os pressupostos evidenciados pelos entrevistados constituem em suas vidas saberes que possibilitam “ser uma pessoa melhor”, “ser um empreendedor”, “vencer na vida”, ao mesmo tempo em que esses ditos tornam-se totalizadores: “sou

estudioso”, “sou um cara de sorte”, “eu era um pouco rebelde”. São estereótipos que os sujeitos tomam para si como sua verdade, como seu modo de ser. Larrosa (1995, p. 72-73) explica que a autonarração é o mecanismo onde o sujeito se constitui nas próprias regras desse discurso, que lhe dá uma identidade e lhe impõe uma direção, na própria operação em que o submete a um princípio de totalização e unificação.

Por outro lado, é importante ressaltar que “a constituição narrativa da experiência de si não é algo que se produz em um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos” (idem). Segundo Larrosa (ibidem, p. 76) é na aprendizagem dos discursos narrativos através de práticas discursivas de caráter narrativo que se constitui e se modifica tanto o vocabulário que se usa para a autonarração quanto os modos de discurso nos quais se articula a história de nossas vidas. Assim, os jovens do Assentamento Capela se valem de ditos, enunciados e narrativas que circulam no seu meio social: por um lado, as experiências de atletas ou de pessoas comuns que venceram na vida, que com esforço e persistência ultrapassaram os limites impostos pela condição financeira, servem de modelos a serem seguidos pelos jovens; por outro, os ídolos dos pais, como Che Guevara, Paulo Freire, Chico Mendes, parecem acompanhar esses jovens, seja em camisetas, *botons*, *bonés* ou em frases soltas que pronunciam como mantras: “Não se pode perder a ternura jamais¹²⁴”.

Os sujeitos jovens são constituídos então a partir da combinação de enunciados originados na mídia, bem como no MST e todas as outras instituições que os cercam e que de forma mais intensa ou diluída replicam os ditos destes dois lugares. A TV, nesse caso, além de ser lugar de visibilidade de narrativas que são tomadas como verdades e modelos a serem seguidos, também é espaço de construção da crítica e rechaço de outras narrativas. Esses jovens realizam um movimento de rechaçar e recolher para si as verdades que para eles tem utilidade

¹²⁴ Adaptação da famosa frase atribuída à Che Guevara : “*Hay que endurecer-se mas perder la ternura jamas*”.

em suas vidas, numa certa contradição de reconhecimento e não identificação com os modos de ser jovem disseminados na televisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR QUE ESTUDAR AS FORMAS DE CONSTRUÇÃO DO SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE?

Durante a realização da pesquisa empírica para esta dissertação foram muitas as ocasiões em que escutei de lideranças do MST e integrantes do setor de educação daquele movimento a necessidade de se encontrar uma maneira de “fixar” o jovem no campo, de despertar nesses jovens o interesse, o amor pela terra conquistada. Meu propósito nunca foi este. Entretanto, penso que o presente estudo pode contribuir para o campo da educação nos assentamentos e acampamentos de reforma agrária na medida em que apresenta nuances do que pensam e como agem os jovens de um Assentamento, especialmente em relação à mídia televisiva. Salvaguardado as diferenças, posto que universalizações estariam em contradição com a base teórica deste trabalho, penso que diante dos processos de sujeição desencadeados pelos discursos midiáticos nos resta apostar nas “técnicas de si” como forma de resistir, lançando mão de técnicas tão habilmente utilizadas pelos meios de comunicação para nos governar.

A idéia de que os jovens são “influenciados” em demasia pelos meios de comunicação, especialmente a televisão, e que seria necessário libertá-los dessa visão alienada e capacita-los para uma assistência televisiva crítica, está distante do pensamento expresso neste trabalho. O que observamos na realização da pesquisa empírica é que nossa sociedade, e aí os sujeitos jovens estão incluídos, é cheia de instituições normalizadoras e, que a TV devida às características técnicas, apresentadas ao longo do trabalho, tem a capacidade de prescrever modos de ser, expandida.

A TV é um bom exemplo do que Foucault (1997a) chamou de biopoder, ou seja, trata-se de um certo número de tecnologias a fim de contingenciar a vida dos humanos em certos campos experimentais: o que se pode ou não fazer, o que se deve ou não fazer com a saúde, a vida, a família, a sexualidade, a educação dos filhos, a morte. As imagens, sons e mensagens televisivas nos ensinam modos de

existência socialmente aceitos, aconselháveis. Assim, as investidas sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar, vestir, namorar, divertir-se, enfim, uma série de espaços de existência, nos fazem acreditar que toda a prescrição veiculada diariamente – aí está a eficácia da biopolítica – é parte de uma verdade que simplesmente ativa um curso histórico natural. Mas, como nos ensinou Nietzsche, (1991) toda moral é terrena e historicamente constituída.

Mas, então, diante da eficácia de mecanismos cada vez mais sutis e convincentes que nos assujeitam na contemporaneidade, não haveria saída? Não haveria possibilidade de libertar-nos dessas normas, discursos, regras que nos constituem? Digo que isso só pode ser pensado num processo de trabalho do sujeito sobre si mesmo, numa espécie de “educação de si”, da qual já falava Nietzsche e que Foucault tão fecundamente esmiúça nos seus últimos escritos, quando dirige sua atenção ao tema do “cuidado de si”, a partir de textos antigos, gregos e latinos clássicos. Mas não podemos esquecer que essa libertação dos modos de subjetivação engendrados pelos discursos da mídia não tem como ser absoluta. É porque há forças no sentido do seu assujeitamento que um sujeito resiste e toma a si próprio como objeto de elaboração. Nessas práticas de governo de si, ou de “educação de si”, é ainda em relação a critérios de verdade historicamente estabelecidos que um sujeito se constitui.

Se o sujeito é sempre constituído no contexto social e histórico, uma tal “libertação” dá-se de forma situada, num determinado contexto, com base no que o sujeito pode educar-se a si mesmo. Não se pode esquecer, porém, que esse se educar a si mesmo é mediado pelo outro, seja indivíduo, seja instituição (família, escola, mídia, igreja, etc.). O desafio é então, pensar estas instituições como espaço para a “educação de si”. Mas, não nos enganemos, a existência da sociedade e de suas instituições, como a conhecemos, pressupõe regras, normas, controles. Foucault já anunciava que transitávamos de sociedades disciplinares para sociedades em que se tornava hegemônica uma outra tecnologia de poder, o biopoder, voltada mais para o controle dos grupos e populações do que para a disciplina dos corpos dos indivíduos.

Exemplos dessa transição são os sistemas de vigilância 24 horas em que o cidadão, para sua segurança, é monitorado na rua, no trânsito, na escola, no *shopping*, no transporte coletivo. Como num imenso *Big Brother*, sabemos que somos vigiados e, portanto, não devemos infringir as regras da boa educação, do trânsito, do cuidado com a natureza, etc... Não estou com isso dizendo que devemos sair agredindo a natureza, ultrapassar sinal vermelho ou coisa parecida: estou apenas evidenciando a eficiência das técnicas da biopolítica.

Se o governo de si pelos outros é o movimento relacionado a sujeição individual, na realidade de uma prática social, por mecanismos de saber e poder que apelam para uma verdade (Foucault, 1997 - subjetividade e verdade), poderemos então pensar a crítica como o movimento pelo qual o sujeito dá a si mesmo o direito de questionar as verdades referentes aos efeitos de poder e questioná-lo. Assim, a crítica pode ser entendida como a arte da não sujeição, ou de uma sujeição em menor escala.

No artigo “O que são as luzes?”, Foucault (2001b, p. 343) faz uma interpretação original da questão kantiana da *Aufklärung*, ressaltando a importância de se problematizar nossa relação com o presente, com a constituição histórica daquilo que nos tornamos ou que somos, a fim de afirmarmos “o princípio de uma crítica e de uma criação permanente de nós mesmos em nossa autonomia” (idem). Assim, atitude crítica e criação se associam na constituição de um campo de forças que atua como estratégia para não sermos governados totalmente. Foucault diz que é necessária a elaboração de uma ontologia histórica de nós mesmos, poderíamos dizer, de uma ontologia que se radicaliza contra toda determinação e administração do ser. Trata-se, nessa perspectiva, de nos desviarmos de todos os projetos que pretendem ser globais e radicais, ou ainda, dos programas de conjunto de uma sociedade. Trata-se de nos desviarmos dos limites constritores da biopolítica. A atitude crítica nos possibilitaria interrogar sobre os limites que nos são colocados (resistência) e nos abre a possibilidade de criação de processos históricos de não sujeição, ou pelo menos, de menor sujeição.

É nessa perspectiva, de estabelecer uma convivência entre as prescrições e modos de ser jovem do discurso televisivo e experiências de negociação, produção de sentido e resistência empreendida cotidianamente pelos jovens do Assentamento Capela em relação a esses mesmos discursos, que entendo possa germinar modos de ser sujeito mais livre, menos assujeitados pelos discursos hegemônicos na sociedade.

Assim, a postura de pais e professores que lidam diariamente com jovens de assentamento poderiam ter em mente que, para além do bem e do mal, esses sujeitos são plurais e suscetíveis aos apelos de nosso tempo, mas que também são capazes de produzir sentidos próprios, em relação aos diversos discursos que os cercam, inclusive os da TV e do MST. Essa singularidade é relevante se levada em conta nas relações de poder estabelecidas na família, na escola e em outras tantas instituições, posto que não há mal em exercer-se o poder, de pais em relação aos filhos, de professores em relação aos seus alunos ou vice-versa, já que as relações de poder são móveis. Endereçar-se aos jovens observando essas peculiaridades pode contribuir decisivamente para sua formação, como cidadãos.

Uma lição que podemos aprender com os jovens do Assentamento Capela é em relação à alteridade. Em alguns depoimentos pode-se rastrear o “outro” como referência para a constituição de si mesmo; embora anunciado o desejo de ser um igual, os jovens reivindicam o ser diferente. Na perspectiva foucaultiana, falar de alteridade, falar do outro, seja ele quem for, é sempre falar sobre o outro do mesmo – isto é, literalmente dependente dele, definido por ele, modelado, nomeado, identificado e circunscrito por ele. E talvez, o mais relevante ensinamento seja que a alteridade está aí, e é constituinte da diferença e o que podemos tentar construir, em educação, são práticas de convívio no dissenso, na diferença, em meio aos outros.

Penso que a validade de estudos sobre os modos que nos tornamos sujeitos na contemporaneidade e, de quais discursos verdadeiros nos tornamos sujeitos, ou, a que *episteme* – como diria Foucault – somos assujeitados, reside precisamente na tentativa de diagnosticar o que somos hoje e, daí perguntar ainda, o que nós podemos e queremos ser, o que poderemos tornar-nos. É preciso produzir-se a si

mesmo, o que fazemos no momento em que resistimos, reafirmando a diferença, apontando as nuances e negociando enfim, com o *ethos* de nosso tempo.

Neste trabalho, procurei entender como um determinado grupo social – jovens de um assentamento de reforma agrária – negociam e produzem sentidos aos discursos para e sobre juventude exibidos na televisão aberta brasileira. Tendo como pressuposto que os meios de comunicação, especialmente a TV, cumprem um papel pedagógico em nossa sociedade, este trabalho preocupou-se ainda em analisar em que medida esses jovens são subjetivados pelos discursos juvenis midiáticos. Agora, trata-se de sintetizar os achados da investigação:

Na realização desta pesquisa procurei dialogar com outros estudos que têm a juventude rural como foco, o que me permitiu pontuar diferenças e singularidades desta investigação, além de possibilitar a ampliação das discussões sobre este campo de análise. Ao realizar a revisão desses trabalhos, pude observar a raridade de estudos que relacione juventude rural e cultura, mais especificamente juventude rural e sua relação com produtos da indústria cultural, notadamente a relação que esses sujeitos têm com os discursos televisivos. O desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação aproxima cada vez mais os mundos culturais, outrora demarcados e distintos, dos meios rural e urbano. A investigação possibilitou mapear como os jovens de um assentamento de reforma agrária constituem-se sujeitos num emaranhado de redes de saber e poder que inclui a família, a escola, o movimento social e a mídia. Embora sejam consumidores dos discursos televisivos, se sirvam deles para compor a imagem, para aprender sobre temas pouco abordados em família (como a sexualidade) ou como manter o corpo em forma, esses sujeitos devido à mediação do discurso do MST desenvolvem um olhar singular sobre as normas e discursos empreendidos pela TV. A capacidade de elaboração, ou de negociação destes sujeitos em relação aos discursos televisivos, está atrelada à possibilidade que este possuem de acessar outras fontes discursivas, para além da mídia.

Um outro dado interessante no processo de negociação vivido pelos jovens do Assentamento Capela na recepção de programas televisivos está no fato de a

partir de ditos da TV e do MST, estes sujeitos produzirem um terceiro discurso ou uma terceira forma de analisar os fatos. Assim, embora o resultado não seja o pretendido pelas lideranças do MST, posto que esses jovens também elaboram a crítica em relação às ações do Movimento que consideram violentas e se servem dos discursos da mídia em vários aspectos de suas vidas, os jovens do Assentamento têm um olhar singular em relação à mídia. Um exemplo, desse modo diferenciado de se relacionar com os saberes disseminados pela TV é a atenção que dispensam a discursos não hegemônicos na mídia, como reportagens sobre “os perigos” do consumismo e a relação do homem com o meio ambiente.

Por outro lado, observei que esses jovens capazes de elaborar a crítica à TV também são subjetivados pelos saberes e discursos produzidos e disseminados por este meio. O desejo de ter um corpo “sarado”, magro e belo; o ideal romântico e a necessidade de “esperar a hora certa”, “a pessoa certa” para a iniciação sexual; o agir “politicamente correto”; a dedicação e o esforço como fórmula de atingir objetivos na vida e tantos outros ditos cotidianamente veiculados na TV são tomados pelos sujeitos jovens do Assentamento como ditos seus. Tomam certos discursos da televisão como “discurso verdadeiro”.

Na tentativa de relacionar conceitos de *mediação e uso social dos meios* (Martín-Barbero) e *modos de subjetivação* (Michel Foucault) procurei eventualmente trazer ditos televisivos e como esses reverberam entre os jovens aqui apresentados. Com certas limitações, o objetivo aqui é afirmar que embora reconheça a capacidade do sujeito receptor de reelaborar ou produzir sentidos a partir do que lhe é apresentado pela televisão, não se pode desconsiderar as condições e contexto sócio cultural dessa recepção (Martín-Barbero; Orozco), como também não é possível considerar que este sujeito receptor seja imune aos ditos, normas e regras socialmente constituídos do seu tempo. Quero dizer, esse processo de reelaboração de sentidos está “contaminado” com o que é possível ser dito e visto em determinada época. Considero, portanto, que ao passo que esses jovens produzem sentidos para suas vidas a partir da recepção dos discursos para e sobre juventude, são também subjetivados por uma série de comportamentos “desejáveis” expressos

na TV. Se os sujeitos são o resultado das práticas de *subjetivação*, as variações de práticas e contextos sócios culturais também têm um efeito material na formação dos próprios sujeitos, que nesse caso específico, apresenta situações móveis de sujeição e resistência aos ditos consagrados na televisão.

Este estudo aponta para a necessidade e possibilidade de se pensar a resistência, não no plano da condenação da TV como um mal para a formação das novas gerações, mas no sentido de entender as lógicas de construção e normatização de modos de ser jovem empreendida pelo meio e de como esses ditos ressoam no cotidiano dos jovens sujeitos da investigação. Creio que a análise das lógicas que operam na produção de sujeitos e, de que maneira os saberes e normas disseminados na TV atuam na constituição desses jovens apontam para a sua possível desconstrução.

Bibliografia

LIVROS

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição Juvenil no Brasil contemporâneo**. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo Martori (org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p 37-71.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia Maria de Almeida. **Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2004, 4ª edição.

BERGER, christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1997. 97p.

BRENNEISEN, Eliane. **Da luta pela terra à luta pela vida: entre os fragmentos do presente e as perspectivas do futuro**. São Paulo: Annablume, 2004.

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: Escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

CERTAU, Michel De. **A invenção do cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis:Vozes. 2004 (10ª edição).

DAMATTA, Roberto. **Carnavais: malandros e heróis**. Rio de janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense 1998. 4ª edição.

DOSSE, F. **História do estruturalismo (Vol. II)**. São Paulo: Ensaio, 1994.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. & JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005. 127p.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 160 p. (2ª edição).

- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: edições Loyola, 2001. 7ª edição.
- _____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 . 7ª edição.
- _____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2005. 16ª edição.
- _____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2006. 11ª edição.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- GOHN, M. G. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GOMES, Itania M. M. **Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro: E-papers Editoriais, 2004. 258 p.
- IANNI, Otávio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1996.
- JAMESON, Frederic. **As sementes do tempo**. São Paulo: Ática, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003 (2ª edição).
- MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986 (3ª edição).
- MARTINS, J. S. **Reforma Agrária: o impossível diálogo**. São Paulo: Edusp, 2000.
- MEDEIROS, L. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: Fase, 1989.
- MORIN, Edgar. **Culturas de massa no século XX**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- NAVARRO, Z. (org.) **Política, protesto e cidadania no campo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

OROZCO. **La Investigación en Comunicación desde la Perspectiva Cualitativa**. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Plata, 2000.

PESSOA, Fernando. Guardador de Rebanhos. II Poemas escolhidos Alberto Caeiro. In: **Ler é aprender – Fernando Pessoa: poemas escolhidos**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SILVA, José Graziano. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação educativa, 2003.

STÉDILE, J. P. & FERNANDES, B. M. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**. São Paulo, Autores Associados, 2002.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário (Estudos Nead - 7), 2005.

ARTIGOS, CAPÍTULOS DE LIVROS:

ALDÉ, Alessandra; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **O MST na TV: Sublimação do político, moralismo e crônica cotidiana do nosso “estado de natureza”**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998. (Texto digitado).

BOGO, Ademar. **O MST e a cultura**. São Paulo: MST/ANCA 2000.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. Introdução: o mito não pára. In: _____. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 15-23.

BUCCI, Eugênio. A crítica de televisão. In: BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004a p. 27-42.

_____. Ainda sob o signo da Globo. In: BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004b p.220-240.

_____. Prefácio – Por que falar de televisão? In: _____. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2000. p.11-38 (2ª edição).

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p.243 – 61.

_____. O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. Teixeira; SANTOS, R. ; COSTA, L. F. C. (orgs.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. São Paulo: Ed. Campus/Pronex. 1999.

_____. Ruralidades: novas identidades em construção. In: **Estudos – Sociedade e Agricultura**, n. 11, out. 1998.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Sonhos, desejos e a “realidade”: heranças, educação e trabalho de jovens rurais da Baixada Fluminense/RJ**. Disponível na URL: www.nead.org.br.

CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINA AMERICANA DE SOCIOLOGIA – ALAS (Cadernos de resumos). BRUMER, A. **Construindo uma agenda de pesquisas sobre juventude rural**. Porto Alegre: ALAS, 2005. V. 1.

DE PAULA, Silvana G. Natureza, ruralidade e experiência urbana. In: MOREIRA, Roberto José. (org.) **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P.237-255.

DELEUZE, G. Que és um dispositivo? In: BALIBAR, E., DREYFUS, H., DELEUZE, G., et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona : Gedisa, p. 155-163.

DURSTON, J. **Juventud rural en Brasil y México. Reduciendo la invisibilidad**. Cepal, LC/R 1819, mai 1998.

DURSTON, J. **Juventude rural, modernidade e democracia: desafios para os noventa**. Juventude e desenvolvimento no cone sul latino-americano. Série documentos temáticos. Porto Alegre, jun. 1994 (texto digitado).

FISCHER, Rosa Maria Bueno. “Técnicas de si” na TV: a mídia se faz pedagógica. **Revista de Educação**, São Leopoldo: Unisinos, v. 4, n 7, 2000, p. 111-39.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 24, n. 1, jan. /jun. 1999, p. 5-11.

_____. O visível e o enunciável no dispositivo pedagógico da mídia: contribuição do pensamento de Foucault aos estudos de comunicação. In: **Revista Verso & Reverso**. São Leopoldo: Unisinos. Disponível em: <http://www.versoereverso.unisinos.br>, acessado em 22 de agosto de 2005.

_____. Foucault revoluciona a pesquisa em educação. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 371-89, jul. -dez. 2003.

_____. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: **Educação & Realidade**. V. 22, n. 2 (jul/dez 1997). Porto Alegre: UFRGS (FACED), 1997. p. 59-79.

FOUCAULT, Michel. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: _____. **Ditos e Escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004^a, p. 199-297.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M., **Ditos e Escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b, p. 264-287.

_____. Do governo dos vivos (1979-1980). In: FOUCAULT, M., **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 99-106.

_____. Foucault. In: FOUCAULT, M., **Ditos e Escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c, p. 234- 239.

_____. O que são as luzes? In: FOUCAULT, M., **Ditos & Escritos II**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2001b. p. 335-351.

_____. O nascimento da biopolítica. In: FOUCAULT, M., **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997a. p. 87-97.

_____. Subjetividade e verdade. In: FOUCAULT, M., **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997b. p. 109-115.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias del yo. In: _____. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990. p. 45-86.

FOUCAULT, Michel. O Retorno da Moral. In: FOUCAULT, M., **Ditos e Escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d. p. 252-63.

_____. O sujeito e o poder. In: DREIFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Foucault – Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-49.

_____. Outros Espaços. In: FOUCAULT, M., **Ditos e Escritos III**. Estética: literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a. p. 411-22.

_____. Uma estética da existência. In: FOUCAULT, M., **Ditos e Escritos V**. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004e, p. 288- 293.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.) **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p 89-114.

GRAZIANO NETO. Francisco. Recolocando a questão agrária. In: STÉDILE, João Pedro (org.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS. 1994. P. 238-254.

JACKS, Nilda. Televisión, recepción e identidad: cuestiones e imbricaciones. In: Guillermo (org). **Miradas latinoamericanas a la televisión**. México: Universidad Iberoamericana/ Ensayos del Pro II COM/ 2. 1996, p. 173-195.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.) **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p 89-114.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

MARGULIS, Mario; URRESTI, M. La juventude es mas que una palabra. In: MARGULIS, M. **La juventud es mas que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Ayres: Biblos, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilotn (org). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Aventuras de um cartógrafo mestizo em el campo de la comunicación. In: **Revista de Comunicación Social**, n. 19. La Laguna (Tenerife), julio de 1999. disponível em :

<http://www.ull.es/publicaciones/latina/a1999fjl/64jmb.htm>. Capturado em 20 de abril de 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Tecnicidades, identidades, alteridades: des-ubicaciones y opacidades de la comunicación en el nuevo siglo. **Revista Diálogos de la comunicación**, n. 64, noviembre 2002. disponível em: <http://www.felafacs.org/dialogos64/pdf.htm>. Capturado em 22 de janeiro de 2003.

NAVARRO, Z. Mobilização sem emancipação: as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. In: SANTOS, B. S. (org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.189-231.

NIETZSCHE, Friedrich W. Para a genealogia da moral. In: **Obras incompletas, volume II**. Coleção os pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 77-105.

OROZCO G., Guillermo. La audiencia frente a la pantalla: una exploración del proceso de recepción televisiva. In: **Revista Dia-logos de la Comunicación**, nº 30, 1991. Lima: Felafacs, pp 42-57, disponível em: <http://www.felafacs.org/f-revista.htm>. Capturado em 14 de setembro de 2001.

_____. La mediación en juego: TV, cultura y audiencias. In: **Revista de comunicación y sociedad**, nº 10, Guadalajara: Universidad Guadalajara, 1991.

_____. La televisión a fin de milênio: um medio poderoso cuyo limite es la audiecia. In: Orozco G.,Guillermo (org.) **Miradas latinoamericanas a la televisión**. México: Universidad Iberoamericana/ Ensayos del Pro II COM/ 2. p. 17-32, 1996a.

_____. Mediaciones tecnológicas y des-ordenamientos comunicacionales. In: **Signo y pensamiento** 41, volume XXI - julio -diciembre 2002. disponível em: <http://www.infoamerica.org/teoria/orozco1.htm>. Capturado em 20 de julho de 2006.

_____. Televisión y educación: lo enseñado, lo aprendido y lo otro. In: OROZCO G., Guillermo (Org.). **Miradas latinoamericanas a la televisión**. México: Universidad Iberoamericana/ Ensayos del Pro II COM/ 2. p. 143-172, 1996.

PINTO, Céli Regina Jardim. Ao eleitor a verdade: o discurso político da imprensa. In: BAQUERO, Marcello et al. **Brasil: opinião pública, transição e eleições no Brasil**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995. p. 66-78.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.

ROS, C. Augusto da. O MST, as instâncias do Estado para o tratamento da questão agrária e a constituição dos assentamentos rurais. IN: MOREIRA, R. J. (org.) **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P.127-174.

SALLES, Mauro. Meios de comunicação e integração nacional. In: MELLO, José Marques de (org.). **Comunicação e transição democrática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 21-29.

SCHÄFFER, Margareth. Subjetividade e enunciação. In: **Educação & Realidade** - v. 24, n. 1 (jan/Jun). Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1999. p. 19-38.

STÉDILLE, João Pedro. Maledetto latifúndio. In: **Revista Teoria & Debate**, São Paulo, nº34, mar/abr/maio de 1997, p. 32-40. Entrevista concedida à redação.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e Escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. Martoni (org.). **Retratos da Juventude Brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

WINKIN, Yves. Descer a campo. In: **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998. p. 129-146.

TESES E DISSERTAÇÕES

BRANCO, Maria Teresa Castelo. **Jovens sem-terra: identidades em movimento**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, 1999.

CRUZ, Fábio Souza da. **A cultura da mídia no Rio Grande do Sul: o caso MST e Jornal do Almoço**. Porto Alegre: PUC-RS/FAMECOS (tese de doutorado), 2006.

DE PAULA, Silvana G. **O campo na cidade: Esportes country e ruralidade estetizada**. Tese (doutorado) - Iuperj, Rio de Janeiro, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS, PPGEDU, 1996. Tese de doutorado.

JACKS, Nilda. **A recepção na querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica**. São Paulo: ECA/USP (tese de doutorado, 1993).

ROBIN, Mathilde. **Da luta pela terra à cooperação agrícola**. Grenoble: Université Pierre Mendès France. Institut D'estudes politiques de Grenoble. Monografia de conclusão de curso, 2001.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. **Um olhar caleidoscópico sobre as representações culturais de corpo**. Porto Alegre: UFRGS/FACED (dissertação de mestrado), 1998.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)